

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

CARLA ALMEIDA CAPANEMA

**A CONTINGÊNCIA DA PATERNIDADE COMO FORMA DE AMARRAÇÃO DO
QUARTO ELO DO NÓ BORROMEANO NA ADOLESCÊNCIA**

**Belo Horizonte
2015**

Carla Almeida Capanema

**A CONTINGÊNCIA DA PATERNIDADE COMO FORMA DE AMARRAÇÃO DO
QUARTO ELO DO NÓ BORROMEANO NA ADOLESCÊNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Orientadora: Profa. Dra. Ângela Maria Resende Vorcaro

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2015

Ficha Catalográfica

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Data da defesa: 28 de abril de 2015

Tese intitulada “A contingência da paternidade como forma de amarração do quarto elo do nó borromeano na adolescência” de autoria da doutoranda Carla Almeida Capanema, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores doutores:

Profa. Dra. Ângela Maria Resende Vorcaro – UFMG –Orientadora

Prof. Dr. Paulo Eduardo Viana Vidal – UFF

Profa. Dra. Maria Elisa Parreira Alvarenga – FHEMIG

Profa. Dra. Andréa Máris Campos Guerra – UFMG

Profa. Dra. Márcia Maria Rosa Vieira Luchina – UFMG

Dedico esta tese ao Flávio, à Luísa e à Cecília, pelo amor e apoio recebidos nos momentos cruciais da produção e, em especial, por terem bancado comigo o projeto Paris. Vocês são algo de especial em minha vida!

Ao meus pais, Antônio e Astrid, pelo amor a mim dedicado e pelo exemplo de vida por todos esses anos.

AGRADECIMENTOS

À professora Ângela Maria Resende Vorcaro, pela orientação precisa e generosidade em compartilhar o saber, além da amizade demonstrada ao longo de tantos anos de trabalho.

Ao professor Fabian Fajnwaks, por seu acolhimento generoso e rica interlocução durante meu estágio *sandwich* na Universidade Paris 8.

Ao colega Francisco Viana, pelo importante acolhimento da pesquisa de campo na Maternidade Odete Valadares/FHEMIG.

À direção do *Programa Fica Vivo*, da Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais, por me abrir as portas de suas oficinas e permitir o acesso aos pais adolescentes.

À professora Andrea Guerra, por me apresentar ao *Programa Fica Vivo*, e pelas ricas interlocuções durante nosso convívio no *Projeto Já é!*.

Às bolsistas de iniciação científica Mariana Pôssas Guimarães e Aline Curvelano, pela participação na pesquisa de campo e transcrição das entrevistas.

À socióloga Maria José Nogueira, do *Projeto Qualé, Papai!* da FIOCRUZ, pela parceria na realização da “Roda de Conversa” com pais adolescentes.

Às professoras Márcia Rosa e Miriam Debieux, pelas valiosas contribuições formuladas durante a qualificação desta tese.

À psicanalista Nieves Soria Dafunchio, pelas supervisões clínicas e interlocução tão profícuas.

À psicanalista Maria Augusta Friche, pelos importantes esclarecimentos teóricos.

Ao colega Dário de Moura, pelos cuidadosos desenhos dos nós executados.

Aos colegas do grupo de estudo “Francamente Brasileiros”, que abriram espaço para a discussão do meu trabalho durante o estágio parisiense.

À amiga Gaït Delesalle, pelo carinho e ajuda fundamental em momentos decisivos de nossa vida em Paris.

Aos colegas do CIEN da Escola Brasileira de Psicanálise–Seção Minas Gerais, pela rica interlocução propiciada, em especial às colegas Joanna Ladeira, Fernanda Otoni, Debora Matoso e Daniela Viola.

À psicanalista Leila Mariné, por me fazer acreditar que poderia ir além.

À amiga Diva Dávila, pela ajuda essencial prestada a mim e a minhas filhas no percurso desta tese.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, por possibilitar as condições de produção deste estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (CAPES/MEC), pelo auxílio financeiro.

EPÍGRAFE

“Era a letra do meu pai. A letra e o modo. Tudo no embrulho o revelava, inteiro, total. Só ele faria aquelas dobras no papel, só ele daria aquele nó no barbante ordinário, só ele escreveria meu nome daquela maneira, acrescentando a função que também fora a sua. [...] Pois o barbante, em si, já era um indício dele. O nó também: exato, sólido, bem no centro do pacote. Se tudo era ele no papel, no barbante e no nó, havia a letra. Fosse eu cego, mergulhado na treva mais profunda da carne, bastaria passar a mão sobre ela para saber que era a letra dele.”

Carlos Heitor Cony¹

¹ Cony, C. H. *Quase memória*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2006, pp. 10, 13.

RESUMO

Da adolescência, como momento do despertar sexual, emerge a falha constitutiva do ser humano marcada pela não relação sexual, convocando o sujeito a realizar um imenso trabalho psíquico. Esse encontro com o Real desarranja as amarrações acontecidas na infância, demandando ao adolescente fazer uma reparação própria de sua realidade psíquica. O objetivo desta tese é verificar o evento da paternidade como possibilidade propiciadora de amarração para o adolescente, por meio do quarto elo do nó borromeano como função de nominação simbólica, imaginária e real. Tratou-se do estado da arte relativo ao tema paternidade mediante levantamento da produção científica constante no Banco de Teses e Dissertações da Capes, no período de 1987 a 2011, utilizando-se os descritores “psicanálise”, “paternidade” e “adolescência”. No marco teórico, abordou-se a condição do ser falante como um nó borromeano de três círculos representativos do Real, do Simbólico e do Imaginário. Interrogou-se a estrutura sincrônica da constituição subjetiva, apontando “cortes reais” da experiência psíquica que possibilitam novas condições de organização para o sujeito. Estudou-se a ordenação do nó borromeano, sendo detalhados seus campos de “ex-sistência” e gozos, além das identificações freudianas articuladas às manifestações clínicas inibição, sintoma e angústia, como possibilidades de nominações imaginária, simbólica e real. Esta tese constou de pesquisa de campo qualitativa, compreendida por entrevistas abertas com jovens cujas companheiras eram assistidas em uma maternidade pública de referência para gestantes adolescentes, além da formação de um grupo restrito de orientação psicanalítica com pais adolescentes que frequentavam o *Programa Fica Vivo*, da Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas pelo método de análise de conteúdo, destacando-se a implicação da paternidade como acontecimento que interrompe um modo de funcionamento anteriormente instalado, inaugurando uma outra posição na qual o sujeito é transposto de filho a pai, numa mudança na cadeia das gerações, demandando a elaboração de outras respostas. Observou-se, também, a invisibilidade do pai adolescente frente à uniformização do atendimento médico prestado às gestantes, com perda na singularidade desse jovem diante da contingência advinda da paternidade. Já os testemunhos colhidos no grupo restrito,

acrescidos de um caso clínico, foram aqui descritos nos extratos clínicos e analisados pelo viés psicanalítico, a partir da teoria lacaniana do nó borromeano, visando a acompanhar o movimento sincrônico/diacrônico da subjetividade dos adolescentes e relacioná-los à paternidade. Esta análise evidenciou que a circunstância propiciada pela paternidade permitiu aos jovens passar do Pai traumático para o Pai metáfora, em uma reescrita da função paterna, condescendendo do gozo ao desejo, vindo a demonstrar que a paternidade pode assumir uma posição de nomeação na vida desses adolescentes.

Palavras-chave: paternidade, adolescência, psicanálise, nó borromeano, nomeação.

RÉSUMÉ

À l'adolescence, moment de réveil de la sexualité, émerge une faille constitutive de l'être humain marquée du non-rapport sexuel, convoquant le sujet à réaliser un travail psychique intense. Cette rencontre avec le Réel bouscule les ancrages posés dans l'enfance, demandant à l'adolescent d'inventer sa propre réparation de sa réalité psychique. L'objectif de cette thèse a été de vérifier l'événement de la paternité comme possibilité propice à l'ancrage de l'adolescent, grâce au quatrième anneau du noeud borroméen comme fonction de nomination symbolique, imaginaire et réelle. Notre propos s'appuie sur l'état de la recherche actuelle et constante sur le thème de la paternité selon l'étude scientifique produite par la Banque de Thèses et Dissertations de la Capes durant la période 1987-2011. Mots clés utilisés: psychanalyse, paternité, adolescence. La partie théorique aborde la structure de l'être parlant en tant que noeud borroméen de trois anneaux représentant le Réel, le Symbolique et l'Imaginaire. Nous nous sommes interrogés sur la structure synchronique de la constitution subjective, en pointant les "coupures du Réel" de l'expérience psychique qui permettent de nouvelles conditions de structuration pour le sujet. Nous avons étudié la structuration du noeud borroméen, en détaillant ses champs d'ex-sistence et de jouissance - au-delà des identifications freudiennes articulées autour des manifestations cliniques d'inhibition, symptôme et angoisse — comme possibilités de nominations: imaginaire, symbolique et réel. Cette thèse repose sur une recherche de champ qualitatif à partir d'entretiens ouverts avec des jeunes dont les compagnes étaient suivies dans une maternité publique de référence pour adolescentes enceintes, ainsi que de la constitution d'un groupe restreint d'orientation psychanalytique de parents adolescents participant au programme "Fica Vivo" de le Bureau de la Protection Sociale de l'État du Minas Gerais. Les entretiens ont été enregistrés, transcrits et analysés selon la méthode d'analyse du contenu, en soulignant l'implication de la paternité comme un événement qui interrompt un mode de fonctionnement antérieurement installé, inaugurant ainsi une nouvelle position dans laquelle le sujet est projeté d'une place de fils à celle de père : un changement dans la chaîne des générations, demandant l'élaboration d'autres réponses. Nous observons, en outre, l'invisibilité du père adolescent face à l'uniformisation de l'attention médicale prêtée aux femmes enceintes, avec perte de la

singularité de ce jeune face à la contingence advenue de paternité. Les témoignages recueillis dans le groupe restreint, assortis d'un cas clinique, ont été décrits ici au moyen d'extraits cliniques et analysés par le biais de la psychanalyse, à partir de la théorie lacanienne du noeud borroméen, dans le but d'accompagner le mouvement synchronie/diachronie de la subjectivité de ces jeunes et de les relier à la paternité. Cette analyse a mis en évidence que la contingence provoquée par la paternité a permis à ces jeunes de passer du Père traumatique au Père de la métaphore paternelle, en une ré-écriture de la fonction paternelle, condescendant à la jouissance et au désir, visant à démontrer que la paternité permet d'assumer une fonction de nomination dans la vie de ces adolescents.

Mots-clé: paternité, adolescence, psychanalyse, noeud borroméen, nomination.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 – Estado da arte: a paternidade nos diferentes campos do saber	19
Capítulo 2 – Metodologia	26
2.1 Pesquisa de campo: “E agora: pai?”.....	27
2.1.1 Delineamento, sujeito e locais de estudo.....	28
2.1.2 Implicações éticas.....	28
2.1.3 Critério de inclusão.....	29
2.2 Ponto de partida: Maternidade Odete Valadares/FHEMIG.....	29
2.2.1 Resultados obtidos.....	30
2.2.2 Reflexões.....	30
2.3 Procedimento posterior: <i>Programa Fica Vivo</i> , Aglomerado Santa Lúcia.....	33
2.3.1 Método do “Grupo Restrito” como dispositivo de investigação e intervenção.....	34
Capítulo 3 – Marco teórico	39
3.1 A condição humana: da trança ao nó.....	39
3.2 Latência ou o Real de temporalidade.....	54
3.3 Adolescência: o encontro marcado com o Real.....	58
3.4 O adolescente borromeano.....	72
Capítulo 4 – Nó borromeano	75
4.1 Os modos de uso do nó borromeano no ensino de Lacan.....	75
4.2 A cadeia borromeana.....	77
4.3 Planeamento do nó de três.....	77
4.4 “Ex-sistência”.....	78
4.5 A “Ex-sistência”: Inconsciente.....	80
4.6 A “Ex-sistência”: Falo simbólico.....	81
4.7 Os gozos.....	83
4.7.1 Sentido.....	86
4.7.2 Gozo fálico.....	83
4.7.3 Gozo do Outro.....	87
4.8 As identificações no nó borromeano.....	90

4.8.1 Identificação ao Imaginário do Outro Real.....	90
4.8.2 Identificação ao Simbólico do Outro Real.....	91
4.8.3 Identificação ao Real do Outro Real.....	91
4.9 A intrusão do trio freudiano em R. S. I.	92
4.9.1 A inibição como nomeação do Imaginário.....	93
4.9.2 O sintoma como nomeação do Simbólico.....	95
4.9.3 A angústia como nomeação do Real.....	98
4.10 O quarto elo.....	99
4.10.1 A função paterna no nó: o Nome do Nome do Nome.....	100
4.10.2 O quarto elo como nomeação.....	104
4.10.3 As seis combinações entre os três registros.....	106
4.10.4 O quarto elo como “sinthoma”.....	109
4.10.5 A diferença entre a nomeação e o “sinthoma”.....	112
Capítulo 5 – Extratos clínicos	114
5.1 Diego: “Eu já plantei muito errado e agora estou plantando coisa boa, melhor...”	116
5.1.1 Discussão.....	120
5.2 Arthur: “Nada deixa o homem mais doente do que o abandono de parente!”	130
5.2.1 Discussão.....	133
5.3 Wemerson: uma porta que se abre para a liberdade.....	139
5.3.1 Discussão.....	143
5.3.2 O nó de Wemerson.....	147
5.4 Considerações gerais.....	149
Conclusão	152
Referências	154
Anexos	164
Anexo A.....	164
Anexo B.....	165
Anexo C.....	166
Anexo D.....	167

INTRODUÇÃO

Em princípio, a adolescência não é um conceito psicanalítico. E ainda que não esteja entre os temas tradicionalmente ligados à psicanálise, passou a ser importante à medida que os efeitos de sua incidência na constituição subjetiva mostraram-se contundentes. Na adolescência, a aquisição de compleição corporal e o encontro com o outro sexo possibilitam abordar diretamente e tornar realizável o que, até então, restringia-se ao plano da fantasia e da expectativa.

Ao privilegiar a puberdade e não a adolescência, Freud (1989a) marcou a insistência do biológico no psiquismo, situáveis, com Lacan (2003e), como incidência da dimensão do Real, ou seja, aquilo que, por não ser simbolizado, não cessa de não se escrever. A consideração da capacidade de compreender as dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário precisou a distinção, antes tão nebulosa, entre puberdade e adolescência. Assim, os trabalhos oriundos da perspectiva lacaniana localizaram a puberdade na época da emergência da genitalidade e do despertar pulsional que a especifica em seu estatuto real, indicando a adolescência como a subjetivação dessas transformações, ou seja, o modo como o sujeito simbólico e/ou imaginariamente responde a essa irrupção de libido (Stevens, 2004).

Quando se reconheceu a relevância da adolescência na instituição do sujeito e do laço social, ainda que mostrando atritos em sua inter-relação com a civilidade de sua época, a psicanálise distinguiu-a como conceito articulador de uma constrição estrutural, mas também se interrogou sobre os resultados devastadores de uma visão preconceituosa do adolescente como rebelde, impulsivo, antissocial e perigoso, insistentemente apregoada e amplamente difundida no discurso da sociedade contemporânea, que produz hostilidade suficiente para que seja delimitada como mero percalço, ou, nos termos de Alberti (1996), como uma crise pela qual se tem que passar.

Sônia Alberti (1996, p. 56) nos informa que o interesse pela adolescência cresce a partir do século XIX, por meio da literatura, e inicia-se o movimento *Sturm und Drang*, traduzido por ela como “tempestade e pressão”², que retrata essa etapa

² Cf. Alberti (1996, p. 50). O movimento *Sturm und Drang* é uma reação jovem contra o racionalismo Iluminista que imperava na Alemanha e uma “escansão” arrebatadora numa ideologia que dura mais

como um “tempo de tormenta que tem que passar”, permitindo que, anos mais tarde, a psicanálise pós-freudiana criasse conceitos para lidar com o adolescente, que vão desde a fragilidade “egoica” até a “genitalização” da sexualidade, passando por todo tipo de melancolia, perversão e tendência a agir.

De fato, as condutas sintomáticas observadas entre jovens colocam a adolescência como o momento de maior risco para suas vidas, tornando-se preocupação crescente a ser enfrentada pela sociedade. É nesse contexto que a gravidez não planejada e suas implicações surgem como objetos especiais a serem estudados e abordados. Interessa notar que o tema “Gravidez na adolescência” tem apresentado incidência cada vez maior, com enfoque na atividade materna e excluindo o papel do pai, na grande maioria dos casos. Por esse motivo, o presente estudo volta-se para os efeitos da gravidez sobre o pai, questionando a função que a paternidade pode assumir na passagem adolescente.

Kehl (2004) reforça a ideia de que os adolescentes vivem a contradição entre uma vida sexual “adulta”, que acompanha a maturação biológica, e o lugar social de dependência em relação à família, o que lhes confere uma condição infantil. Entretanto, podemos situar diferenças no que concerne à classe social do adolescente, pois constata-se que os jovens economicamente mais despreparados nem sempre ocupam esse lugar de “dependência” outorgado aos adolescentes das classes média e alta. Para a autora, há ainda uma supervalorização da gravidez entre as meninas, com uma aceitação prévia da maternidade e uma ideia de que esse “acidente” possa trazer um novo sentido às suas existências, pouco se falando a respeito da repercussão da paternidade na vida do rapaz. Pode-se também aqui fazer uma distinção: a maternidade adolescente nas camadas sociais menos favorecidas propicia uma mudança de *status* à jovem em sua comunidade, pois ela passa a ser respeitada como “mãe”, ao passo que nas classes mais abastadas a gravidez na adolescência se apresenta como um desastre, que pode prejudicar os estudos e interromper os projetos para o futuro.

Já em relação à paternidade adolescente, nota-se um não saber sobre as consequências para essa época da vida, desconhecimento esse compartilhado por todas as classes sociais. Existe um senso comum de que pais adolescentes solteiros são irresponsáveis, indiferentes às suas companheiras e filhos. Entretanto,

de duzentos anos. O nome *Sturm und Drang* se deve a uma peça de F. M. Klinger, de 1776, em que o espectador se vê diante de um drama sem um minuto de trégua e no qual tudo é linguagem.

a situação é muito mais complexa do que possa sugerir esse estereótipo, não devendo ser generalizada. Torna-se necessário explorar melhor essa complexidade e as pressões impostas aos jovens pais.

Várias pesquisas, reflexões e intervenções vêm ocorrendo em nível mundial, reforçando a importância do papel masculino na vida reprodutiva. Na tentativa de minimizar essa lacuna verificada em relação à função paterna, amplas discussões políticas voltadas para a área da saúde sexual e reprodutiva foram suscitadas a partir do Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (ICPD), de 1994, na cidade do Cairo, Egito, com vistas a aumentar a “responsabilidade masculina” em todas as áreas pertinentes à formação da família e à reprodução humana (Lyra, 1998).

No Brasil, verifica-se um considerável incremento na última década na produção de pesquisas acadêmicas voltadas à população de adolescentes do gênero masculino, no que se refere ao campo da sexualidade e da reprodução. Em contrapartida, nota-se uma falta relativa a políticas sociais voltadas especificamente para o enfrentamento dessa problemática, advinda da pouca valorização da figura paterna no contexto da gravidez adolescente.

Essa realidade social suscitou meu interesse particular em analisar tais questões, dando continuidade à temática desenvolvida no meu curso de mestrado, onde busquei entender o agir dos adolescentes como uma tentativa de fuga frente aos impasses provocados pelo encontro com o real da puberdade. O trabalho da adolescência requer uma nova amarração da subjetividade — se, até então, a criança se encontrava identificada aos ideais parentais, na puberdade terá que inventar um novo modo de se nomear. Diante de uma dificuldade maior que os jovens contemporâneos têm em contar com “figuras de peso” (Freud, 1989a) que os auxiliem nesse momento de travessia, pesquisei o ato infracional como saída para lidar com o desamparo implicado pelo encontro, sempre faltoso, com o sexo. Os atos infracionais dos adolescentes apresentam-se em uma estrutura banalizada, repetitiva — do ato somente sabemos de sua insistência. Na dissertação, investiguei casos clínicos de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e concluí, então que, para recuperar a verdadeira função do ato, aquele da excepcionalidade, era necessário oferecer um lugar onde os jovens pudessem falar, expor-se, apostando que esse ato recorrente conseguisse apresentar um viés

transformador. Trabalhou-se a “passagem ao ato” e o “*acting out*”, além da definição lacaniana de que todo ato verdadeiro comporta uma infração (Capanema, 2009).

A partir da minha clínica com esses adolescentes “desarrimados do Outro”, pude colher alguns índices de que a paternidade na adolescência, para muitos, representava uma nova possibilidade de vida, uma reescrita de suas histórias. Assim, em 2009, iniciei um projeto de pesquisa com o tema “Gravidez na adolescência e a relevância da função paterna: proposta de apoio à responsabilização voltada para pais adolescentes”, aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), na condição de pesquisadora associada. Essa pesquisa me levou a observar a repercussão da paternidade na vida dos adolescentes, destacando-se a forma como esse evento lhes permitiu franquear outras respostas que não somente a da via do ato encontrado nos “novos sintomas”³. Embora a paternidade fosse tomada por esses jovens como um “acidente de percurso”, ela pôde, no entanto, ser trabalhada por eles de modo a construir algum saber, possibilitando-lhes dar um lugar e uma função ao acontecimento.

Surge, assim, o meu interesse em dar continuidade ao tema da paternidade e suas implicações na adolescência sob a ótica da psicanálise, visando a verificar se esse fato poderá vir a se tornar algo estruturante para o futuro pai adolescente, mediante uma amarração do Real, do Simbólico e do Imaginário, permitindo-lhe processar sua localização subjetiva ao invés de manter-se, inexoravelmente, na esfera do desastre ocasional.

O objetivo desta tese é verificar se o evento da paternidade pode ser um acontecimento propiciador de amarração da singularidade do sujeito adolescente, por meio do quarto elo do nó borromeano que mantém juntos o Real, o Simbólico e o Imaginário. A abordagem da adolescência pela clínica borromeana nos permite pensar as diversas possibilidades de enodamento entre os três registros da realidade psíquica, numa aposta em que as contingências podem ser tomadas como oportunidades de amarrações, de atamentos singulares.

³ “Chamamos de ‘novos sintomas’ a toxicomania, a anorexia, a bulimia, a violência dos adolescentes, porque aparecem muito menos como fenômenos localizados que têm um certo sentido passível de ser interpretado, porque estão menos vestidos de uma envoltura significativa e parecem estender-se para a vida inteira como uma forma, um modo de gozo organizado pelo sujeito.” (Stevens, 2000, p. 50).

A adolescência tomada como o momento do despertar sexual traz consigo o encontro com a falha constitutiva do ser humano — a não relação sexual, além de convocar o sujeito a realizar um imenso trabalho psíquico. Esse encontro com o Real desarranja as amarrações da infância e, assim, o adolescente terá que fazer uma reparação própria de seu nó borromeano, com as ferramentas com que dispõe de sua estrutura sincrônica, mas não sem os percalços diacrônicos de sua temporalidade, ou seja, os desastres e acontecimentos contingentes para todos.

Em outras palavras, esse enodamento dos três registros da realidade psíquica não é sem o Nome-do-Pai, mas ele é utilizado como um instrumento útil, com o qual o sujeito poderá fazer um uso singular, dando sua própria versão paterna. Como nos ensinou Lacan em *R. S. I.* (1975[1974]) e em *O seminário, livro 23: O sinthoma* (2007) as estruturas subjetivas são orientadas singularmente pela especificidade da nomeação paterna com a qual o sujeito se sustém. Em *R. S. I.*, Lacan estabeleceu a função do quarto elo como de nomeação e distinguiu: nomeação simbólica, imaginária e real. E esse será o norte desta tese: investigar se a paternidade na adolescência pode favorecer ou não o estabelecimento de uma nova amarração entre R., S., I..

O caminho percorrido nesta tese se inicia com o “estado da arte” sobre o tema da paternidade (Cap. 1), com um levantamento bibliográfico no Banco de Teses e Dissertações da Capes sobre a produção científica nacional, compreendendo o período de 1987 a 2011, utilizando-se os descritores “psicanálise”, “paternidade” e “adolescência”.

Em seguida, apresenta-se a metodologia adotada para a realização da pesquisa de campo (Cap. 2), compreendendo a qualitativa, desenvolvida na Maternidade Odete Valadares, da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), por meio de entrevistas abertas aplicadas aos pais adolescentes, e o estudo complementar realizado no *Programa Fica Vivo*, da Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais, com formação de um grupo restrito de orientação psicanalítica, inspirado em Bion (1970) e no modo de funcionamento do cartel criado por Lacan (2003b).

No Capítulo 3, Marco teórico, tratou-se da estrutura do ser falante como um nó borromeano de três círculos representantes do Real, do Simbólico e do Imaginário. Interrogou-se a estrutura sincrônica da constituição subjetiva, apontando

“cortes reais” da experiência psíquica que possibilitam novas condições de estruturação: a passagem edípica, a latência e a adolescência. Demonstrou-se, desde *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), ser a trança e o nó borromeano de três cordas uma estrutura ideal, partindo-se do princípio de que ela se apresenta falhada em todo sujeito, necessitando de um quarto elo para que os três registros se mantenham atados. Trabalhou-se, também, a importância do período da adolescência para a construção do quarto elo do nó borromeano, com a contribuição lacaniana de *Prefácio a O despertar da primavera* (2003e).

Já no Capítulo 4, *O nó borromeano*, privilegiou-se o nó planeado, detalhando seus campos de “ex-sistência” e gozos, além das identificações freudianas articuladas às manifestações clínicas, inibição, sintoma e angústia, como possibilidades de nomeações Imaginária, Simbólica e Real. Posteriormente a esse detalhamento, cuidou-se do quarto elo do nó borromeano, distinguindo-se a nomeação do “sinthoma”, referenciados respectivamente nos *Seminários 22 e 23*, acima citados, de Jacques Lacan.

Nos Extratos clínicos, título do Capítulo 5, buscamos extrair, a partir das falas dos adolescentes, o desdobramento da paternidade na estruturação psíquica desses jovens, seja aquela vivenciada por eles como filhos, seja aquela surgida do advento da paternidade, e por meio de uma leitura borromeana dos casos, realizamos uma análise psicanalítica.

Ao final, apresentar-se-á a conclusão deste estudo.

CAPÍTULO 1 – Estado da arte: a paternidade nos diferentes campos do saber

Diversos trabalhos sobre a importância do papel masculino na vida reprodutiva têm sido divulgados, tanto em nível mundial quanto nacional, verificando-se aumento crescente de produções científicas direcionadas para a paternidade nas mais diversas áreas do saber, demonstrando a relevância do tema para a sociedade contemporânea.

Em estudo temporal sobre o tema “paternidade”, Lyra (1997) analisou textos publicados no Brasil entre os anos 1985-1995, identificando um total de 39 trabalhos científicos entre livros, capítulos de livros, teses, dissertações, artigos, comunicações e relatórios/monografias. Tais publicações englobaram as áreas disciplinares da Psicologia (29), Antropologia (3), Sociologia (2), Saúde (2), Demografia (1), Direito (1) e Educação (1). Diante desse levantamento, o autor chamou a atenção para a necessidade da implementação de ações que viessem a incentivar a participação masculina na vida reprodutiva e familiar, promovendo condições para uma maior interação entre pai-mãe-filho e uma maior equidade nas relações de gênero e idade, sobretudo as relações parentais (Lyra, 1997).

Já em 2010, Medrado *et al.* produziram outro levantamento a partir do descritor “paternidade” no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), além das Bases de Dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Google Acadêmico*. Foram encontrados, respectivamente, 1.089 trabalhos científicos, 53 artigos e 11.400 referências entre artigos científicos, livros, resumos, textos produzidos por organizações profissionais e bibliotecas de pré-publicações. Os autores salientam que esse aumento significativo no número de publicações, comparado ao estudo de Lyra, se deveu ao advento da ferramenta eletrônica *internet*, que propiciou crescimento tanto da quantidade de veículos de comunicação científica como de fontes de levantamento bibliográfico. Além disso, observou-se que a continuidade e o aumento das publicações vêm a ressaltar a importância do tema paternidade no contexto acadêmico (Medrado *et al.*, 2010).

Valente, Medrado & Lyra (2011) publicaram novo levantamento realizado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, com o mesmo parâmetro “paternidade”, no qual foram encontradas 887 dissertações e 303 teses, perfazendo um total de 1.190 trabalhos produzidos no período de 1987 a 2009 — período esse que

englobava toda a indexação da referida base. Das obras, 234 foram selecionadas para análise e organizadas por diferentes campos do saber, sob os seguintes critérios:

- a) que no título da publicação houvesse referência direta à palavra paternidade ou termos análogos (pai; função paterna; “paternagem”, etc.);
- b) que fossem publicações sobre paternidade humana;
- c) que os resumos contivessem informações mínimas para compreensão da publicação.

O estudo constatou considerável aumento nas produções científicas sobre o tema da paternidade: de um total de 44 teses e dissertações indexadas no portal entre 1991 e 2000, esse valor saltou para 187 publicações no período de 2001 a 2009, perfazendo um aumento de 425%. As principais disciplinas que produziram conhecimento científico acerca da paternidade nas últimas duas décadas foram: Psicologia (88), Direito (57), Enfermagem (19), Educação (14), Psicanálise (12) e Antropologia (7), conforme se constata na TAB. 1. (Ver Anexo A).

No intuito de se proceder a uma avaliação pormenorizada sobre o tema paternidade, os autores promoveram uma análise temporal estratificada das produções científicas publicadas nas últimas duas décadas (Valente, Medrado & Lyra, 2011), conforme abaixo:

De 1991 a 2000

Em 1991, os trabalhos publicados na área do Direito destacavam a tensão entre o código civil vigente e a jurisprudência sobre a paternidade presumida. Na Psicologia, o foco principal estava voltado para as representações sociais da paternidade e o papel do pai de família.

Em 1993, foram identificados somente trabalhos em Psicologia: a tensão entre a função paterna e o complexo edipiano; a paternidade como experiência negada por meio do abortamento provocado e do silêncio cultural dos homens diante da paternidade.

Em 1994, a produção em Psicologia trata das tensões entre a identidade masculina e uma paternidade mais afetiva, a busca de uma nova definição de ser homem, a vivência da paternidade na clínica. Na Saúde Pública, surgiram trabalhos sobre os significados de ser pai, a postura paterna e os cuidados com os filhos.

Em 1995, no Direito, estudos apontaram para uma nova concepção de família, estabelecimento da paternidade e filiação afetiva. Na Psicologia, problematizavam-se a concepção de uma paternidade (consciente e participativa) pela desconstrução da “masculinidade hegemônica”; as mudanças culturais do ser mãe e ser pai e suas repercussões em uma nova configuração psíquica do ser humano, da família e da organização social, com base em um referencial psicanalítico.

Em 1996, mais disciplinas passaram a produzir trabalhos científicos sobre a paternidade. Na Antropologia, questionavam-se a construção da “nova” paternidade e a ruptura com o modelo hegemônico de masculinidade. Na Educação, buscava-se conhecer o discurso paterno, focalizando singularidades e diversidades. No Direito, as novas tecnologias de reprodução foram debatidas. Na Psicologia, focalizava-se o exercício da paternidade na separação conjugal.

Em 1997, o foco da Psicologia passou a ser a paternidade na adolescência e apareceram propostas de análises e intervenções nesse campo.

Em 1998, houve um aumento de obras indexadas. Na Psicologia, os estudos se voltaram para as tensões/relações entre paternidade, esquizofrenia e gênero; o arquétipo do pai na cultura e a influência desta na convivência entre pai e filho; as representações sociais da paternidade em pais de gerações distintas; o declínio do pai na modernidade e uma análise da paternidade na mídia impressa (Valente *et al.*, 2011). Na Psicanálise, pesquisava-se a associação paternidade e filiação, bem como o interdito da função paterna. Na Educação, apresentava-se a contradição entre tradição e reinvenção da paternidade e do masculino. Na Saúde Pública, analisava-se, pela primeira vez, a relação entre paternidade e identidade masculina, e no Serviço Social, priorizavam-se as representações sociais do homem-pai como provedor financeiro.

Em 1999, os trabalhos das Ciências Médicas e do Direito focalizavam os novos sentidos da paternidade após a popularização do exame de DNA. Na Psicanálise, os olhares recaíam sobre o contexto clínico, no qual questões referentes à atividade paterna eram analisadas, além do declínio da função do pai na modernidade. Na Educação, Fonoaudiologia, Antropologia e Sociologia, a paternidade foi estudada, a partir das implicações da ausência e presença do pai na socialização da criança; de sua participação nos cuidados com os filhos; na

promoção ou exclusão dos pais no contexto das Instituições de Saúde; da reconstrução do ambiente familiar, principalmente entre os filhos, e como efeito histórico-cultural, cujas atribuições ligadas ao gênero vêm se modificando. Na Psicologia, a paternidade aparece por meio de “jovens pais” que, na ausência da mãe, assumem a função cuidadora, ou na perspectiva de perda jurídica dos filhos e da relação entre paternidade e pobreza na construção da identidade de homens.

Entre 2001 e 2009

Em 2001, na Psicologia, os textos identificados tratavam da função paterna na contemporaneidade e os discursos de pais; a tensão em um grupo de homens envolvendo o conflito entre “o” pai e o pai possível; a paternidade adolescente na experiência de jovens pais no cuidado com o filho e participação no parto, além das exclusões institucionais que a impedem. Na Enfermagem, a paternidade foi estudada de acordo com as vivências do homem-pai, bem como na Antropologia, mas focalizando a relação pai-filho. Nas Ciências Sociais, as pesquisas eram sobre reprodução e gênero, para se chegar às concepções de pai e filho. No Direito, intensificaram-se as pesquisas sobre o impacto do DNA, as implicações do reconhecimento da paternidade, a tensão/ crise do “modelo tradicional” de paternidade e o rompimento da autoridade paterna e os dilemas causados pela intervenção médico-legal no corpo da mulher, originando uma gestação “sem pai”.

Entre 2002 e 2003, apareceu, pela primeira vez na Psicologia, o conceito de “paternidade participativa”, não ligada somente ao papel de provedor, mas afetiva e cuidadora. Outras pesquisas focalizaram a importância do filho biológico para o homem; a presença paterna na família; o afeto entre pais e filhos após a separação conjugal; a paternidade adolescente e a experiência da paternidade em diversas situações.

Nesse mesmo período, na Psicanálise, foram analisados os vínculos com a função paterna e as mudanças contemporâneas; a definição de pai na teoria e sua relação com a psicose, e o lugar do pai na subjetividade. Na Enfermagem e na Saúde Pública, respectivamente, as pesquisas se interessaram pela compreensão masculina da gravidez na experiência da “barriga-grávida”; os sentimentos do pai adolescente, e as normas de sexo/gênero de homens desempregados que passaram a exercer a paternidade no contexto domiciliar. Nos trabalhos da

Educação, Saúde Coletiva, Neurociências, Saúde da Mulher e Criança, o mesmo tema em questão: as consequências da presença e da ausência paterna no desenvolvimento infantil e na família. Na Antropologia, estudaram-se a paternidade participativa, a adoção e paternidade homossexuais, além do vínculo paterno em situações diversas. No Direito, aumentaram os trabalhos sobre o tema da investigação da paternidade com o exame de DNA; os dilemas jurídicos relacionados à inseminação artificial, como os laços paterno-filiais produzidos pelo processo biotecnológico de inseminação, e o reconhecimento do direito à paternidade homossexual pela adoção e inseminação.

No período de 2004 a 2006, a Educação analisou a paternidade vinculada a bebês com deficiência; o declínio da função paterna e a escola; o impacto do turno de trabalho paterno no desempenho educacional; o autoconceito da criança; função paterna e simbolização; identidades das paternidades na literatura infanto-juvenil. Na Psicologia, destacaram-se temas sobre a paternidade de meninos em situação de abrigo; desejo do homem em se tornar pai; as experiências paternas; os sentimentos dos pais de filhos com Síndrome de Down; ausência e presença do pai; impasses da função paterna; adolescência, paternidade e mídia contemporânea; lugar do homem pai na clínica; participação paterna na gravidez e cuidados com o bebê. Notam-se, nesses trabalhos, que os homens passam a ser reconhecidos em sua singularidade e não de formas estereotipadas, e a paternidade aparece sendo analisada não somente de modo isolado, mas em sua relação com a maternidade. No Direito, a produção científica continuou priorizando a investigação da paternidade e os elementos associados. A Enfermagem se destacou pelo número de pesquisas que investigavam a paternidade adolescente, pais que acompanham o parto dos filhos e o significado da paternidade para homens.

De 2007 a 2009, apareceram novas pesquisas em diversas áreas do saber: Psicologia, Ciências Sociais, Educação, Comunicação, Direito, Enfermagem, Sociologia, Psiquiatria, Letras, Nutrição, Políticas Públicas e Educação Física. A produção científica em torno da paternidade ampliou-se, contemplando seus vários aspectos dentre alguns eixos principais: a diversidade do exercício paterno, o homem-pai, a paternidade nos contextos jurídicos e outros.

Esse levantamento bibliográfico nos possibilitou uma visão ampla da paternidade entre os diversos campos do saber. Ademais, os novos arranjos

familiares vigentes na atualidade configuram um movimento mundial, em que diferentes questões de ordem ética, científica, antropológica, sociológica e jurídica se anunciam. Nota-se que tais questões estão cada vez mais presentes na mídia, diante da diversificação familiar, envolvendo configurações monoparentais, recompostas, homoparentais, etc. A função paterna tem sido colocada em pauta diante da revolução de ideias correlatas às posições igualitárias quanto ao gênero. Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito ao grande movimento em torno da valorização da criança e da infância, muitas vezes tomada como um objeto a ser produzido pela ciência diante do desejo de se “formar família” (Fajnwaks, 2013).

E sobre a paternidade adolescente, em especial, a psicologia social e a enfermagem se destacaram como as principais produtoras de conhecimento. Nos estudos, foi observado que a paternidade mostrou-se centrada em uma perspectiva de cunho participativo, afetivo e de natureza cuidadora, na equidade de gêneros e nas exclusões institucionais, impedindo que o pai possa vivenciar sua “paternagem” em uma face de ruptura com o modelo hegemônico de masculinidade.

No entanto, o levantamento evidencia uma ausência de publicações nacionais, no âmbito da psicanálise, voltadas especificamente para o pai adolescente. Diante dessa lacuna apontada, propus-me a realizar nova pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, empregando os descritores “psicanálise”, “adolescência” e “paternidade” no período entre 1987 e 2011, tendo encontrado 11 produções científicas, sendo 10 dissertações e uma tese. As disciplinas que apresentaram estudos relacionados aos critérios citados foram Psicologia (7), Educação (3) e Psicanálise (1). Os trabalhos encontrados foram agrupados em quatro categorias em função das temáticas propostas:

- a) sentimentos dos pais de adolescentes = 1 (Psicologia);
- b) declínio da função paterna e suas repercussões na subjetividade do adolescente = 5, sendo 3 (Psicologia) e 2 (Educação);
- c) função paterna e constituição da subjetividade = 4, sendo 2 (Psicologia), 1 (Psicanálise) e 1 (Educação);
- d) paternidade na adolescência = 1 (Psicologia).

Pôde-se constatar a quase inexistência de trabalhos sobre esse tema na psicanálise, sendo encontrada apenas uma dissertação do Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUC-RS. Nesse estudo, intitulado *Um olhar sobre a*

paternidade adolescente: especificidades de uma vivência, Marina de Moraes Prado (2011) aplicou entrevistas semiestruturadas em cinco futuros jovens pais atendidos em maternidades do Estado de Goiás, buscando identificar como o adolescente do gênero masculino percebe e vivencia sua paternidade. A partir do referencial psicanalítico, a autora analisou a articulação entre as demandas identitárias da adolescência, sobrepostas a uma experiência de paternidade nessa época da vida, concluindo que a experiência da paternidade fornece novos significados concernentes às suas vivências, como filhos, com os próprios pais.

Essa revisão de literatura nos mostra a importância crescente da questão da paternidade nos estudos científicos brasileiros, englobando grande número de trabalhos sobre a paternidade adolescente. Em contrapartida, como já mencionado, constata-se a quase inexistência desse tópico para a Psicanálise no referido Banco de Teses e Dissertações, reforçando a relevância do objeto eleito para ser desenvolvido nesta tese.

CAPÍTULO 2 – Metodologia

A psicanálise deriva da ciência, mas escapa do campo científico por reintroduzir o sujeito (Lacan, 1998e). Afinal, ao situar o pensamento e, portanto, uma racionalidade fora da consciência e determinativa dela, a noção freudiana de inconsciente impede-a de se constituir como um saber científico dentre outros (Milner, 1996). Nessa perspectiva, toda pesquisa em psicanálise tem como campo o inconsciente. Este não se deixa apreender pelos métodos clássicos da ciência e exige o processo analítico. Isso implica dizer que o pesquisador empreende sua pesquisa a partir da instalação de um dispositivo próprio. Portanto, o pesquisador-analista não aplica saberes já estabelecidos, mas visa a produzir o saber por meio do dispositivo analítico. É tensionado entre as posições — ora de analista, ora de analisando — que o pesquisador faz operar seu trabalho investigativo (Elia, 2000).

Assim, ele se interroga sobre as modalidades de resposta subjetiva aos impasses de sua efetivação nas suas relações com o que lhe faz alteridade; considera cada caso como único, posicionando a teoria sempre aquém do sujeito e retirando dela qualquer idealização universalizante; acolhe os elementos de deriva no discurso intencional do sujeito, localizando a discrepância entre o enunciado e a enunciação, distinguindo impasses, contenções, vacilações, jaculações e fugas capazes de se tornarem operativos. Analisando esses sismos e palpitações, que interferem no fluxo discursivo dos sujeitos investigados, e expondo-os a eles, tais acontecimentos encontram a realização de interpretações potenciais, com as quais o pesquisador pode encontrar saberes até então desconhecidos. Independentemente da operação do dispositivo analítico se dar em um consultório privado ou numa prática coletiva inserida numa instituição, o pesquisador-analista aposta na possibilidade de produção de um saber.

É com tal aposta que os procedimentos a seguir foram elaborados. O fato de buscar essa articulação e seu registro em uma tese pretende tornar tal saber partilhável, expondo-o à refutação. A principal característica da pesquisa em psicanálise, mais do que o tema em proposição, é o modo como o pesquisador formula suas questões. Althusser, em seu texto *Freud e Lacan*, citado por Rosa (2004, p. 337), considera que a pesquisa psicanalítica deve contemplar a articulação entre sujeito e sociedade, problematizando a relação entre a estrutura formal da

linguagem e as estruturas concretas de parentesco, as formações ideológicas em que são construídas essas funções (paternidade, maternidade, infância), sua variação ao longo da civilização e sua incidência na subjetividade do sujeito.

2.1 Pesquisa de campo: “E agora: pai?”

Ao nos perguntarmos sobre a incidência da paternidade na adolescência, buscamos problematizar a função que esse estado vai assumir na singularidade de um sujeito, procurando ir além de uma visão universal sobre o tema, em que os não ditos que permeiam o discurso social atribuem uma significação preconceituosa à gravidez precoce e, mais especificamente, ao pai adolescente, semeando uma exclusão silenciosa que o impede de ter acesso à palavra e à escuta.

A proposta de se fazer uma pesquisa sobre a paternidade adolescente surgiu da minha prática como psicóloga no *Programa Liberdade Assistida*, da Prefeitura de Belo Horizonte, onde trabalhei por sete anos, atendendo adolescentes encaminhados pelo Juizado da Infância e Adolescência por atos infracionais cometidos. Dentro desse contexto, encontrei vários jovens que já eram ou que se tornaram pais durante o cumprimento da medida. Evidentemente, das suas histórias de vida não se deduzia que ser pai naquela idade era uma condição de risco para a criminalidade, nem mesmo que ocorrências de grande precariedade os levariam a se tornarem pais tóxicos ou ausentes. Contrariamente ao que o senso comum poderia inferir, frequentemente esses adolescentes possuíam o desejo de assumir a paternidade, apesar de eles mesmos se encontrarem em uma situação de grande desamparo, por causa de suas histórias infantis, da passagem adolescente e de todo o envolvimento com a criminalidade. Ser pai para eles era muito mais que um acidente ou desastre; eles se encontravam perplexos, consciente ou inconscientemente, sobre esse novo estatuto: o que é ser pai?

Dessa forma, partiu-se para a realização de uma pesquisa sob o título: *Gravidez na adolescência e a relevância da função paterna: proposta de apoio à responsabilização voltada para pais adolescentes*, sob a coordenação da Professora Ângela Vorcaro e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), com o propósito de acolher as construções dos adolescentes sobre a paternidade e possibilitar que pudessem tomar a palavra, em

pequenos grupos de orientação psicanalítica, e que esse dispositivo tivesse uma função clínica para eles. Cabe ressaltar que, com a formação dos grupos, a pesquisa foi nomeada por eles de: “E agora: Pai?”, e passamos a nos referir a ela por esse significante.

2.1.1 Delineamento, sujeitos e locais do estudo

Tratou-se de uma pesquisa do tipo qualitativa, realizada no período de agosto/2009 a outubro/2010, com a participação de adolescentes do sexo masculino, de idades compreendidas entre 12-18 anos, e de jovens adultos até 22 anos, que frequentavam o ambulatório de gravidez de alto risco da Maternidade Odete Valadares, da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), integrada ao Sistema Único de Saúde (SUS), e com formação de grupos de trabalho também na Unidade do *Programa Fica Vivo*, da Secretaria de Defesa Social do Estado de Minas Gerais, no Aglomerado Santa Lúcia, ambos localizados na cidade de Belo Horizonte.

2.1.2 Implicações éticas

Os jovens, tanto os maiores quanto os menores de 18 anos (estes acompanhados por seus responsáveis), foram informados a respeito dos objetivos da pesquisa, sendo-lhes solicitado, caso assentissem em participar, um consentimento individual por escrito. A adesão foi de caráter voluntário, sem qualquer tipo de remuneração, sendo facultada a retirada do participante a qualquer momento. Os dados nominais foram mantidos em sigilo. Todas as condutas realizadas pela equipe de pesquisa e colaboradores foram subordinadas às determinações da ICH/GCP, declaração de Helsinki/1996 e resoluções 196/1996 e 251/1997 do Ministério da Saúde. Objetivou-se, com isso, a proteção dos partícipes, preservando seus direitos, segurança, bem-estar, integridade e privacidade.

O estudo foi avaliado pela câmara do departamento de Psicologia da UFMG e pelos Comitês de Ética em Pesquisa da UFMG e da FHEMIG, sendo aprovados conforme pareceres ETIC 353/08 (Anexo B) e CEP/FHEMIG 034/2009 (Anexo C).

2.1.3 Critério de inclusão

Foram incluídos aqueles adolescentes e jovens adultos interessados em trabalhar a paternidade do ponto de vista subjetivo, que concordaram em participar espontaneamente do estudo e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.2 Ponto de partida: Maternidade Odete Valadares/FHEMIG

A pesquisa se iniciou na Maternidade Odete Valadares/FHEMIG com uma busca ativa realizada por mim e uma bolsista de Iniciação Científica, do curso de Psicologia da UFMG, em 80 prontuários das adolescentes grávidas, de até 19 anos, atendidas, entre janeiro/2008 e julho/2009, no ambulatório de gestantes da Maternidade. De posse das informações contidas nos prontuários e das entrevistas com as adolescentes gestantes ali atendidas, os sujeitos foram selecionados.

Após essa triagem, convites aos jovens pais foram feitos, por carta ou telefone, para participação no estudo e agendamento de entrevistas. Porém, não tivemos sucesso, ou porque não recebemos resposta daqueles escolhidos ou porque na maioria dos prontuários não havia inclusão do nome do pai, não se encontrando, em alguns, sequer um campo específico para isso. O nome do pai somente aparecia quando a gestante tinha alguma indicação de consulta psicológica e era encaminhada para o serviço de saúde mental do hospital.

Assim, foram incluídos dez adolescentes e jovens que acompanhavam suas parceiras à consulta pré-natal. Procedeu-se à apresentação do projeto aos pais adolescentes, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Entrevistas abertas individualizadas com os pais adolescentes foram realizadas, gravadas e transcritas, sendo o material obtido analisado com a metodologia de Análise de Conteúdo (Bardin, 1991; Moraes, 1999) aplicada a pesquisas qualitativas.

2.2.1 Resultados obtidos

A análise qualitativa das alocações dos jovens possibilitou o agrupamento de dados por categorias de respostas, reunidas a partir da significância, em comum, apresentada por elas:

- saída da criminalidade e/ou afastamento de más influências diante da descoberta da paternidade; desejo pela vida, vontade de ter um convívio maior com o futuro filho;
- suscitação do senso de responsabilidade nos jovens: antes da gravidez, não levavam nada a sério, só queriam se divertir;
- percepção da importância do trabalho que lhes propiciasse exercer o papel de provedor da família;
- valorização do apoio familiar no entendimento da paternidade e suas consequências;
- mudança de posição na cadeia de gerações, saindo da condição de filhos para a de pais.

2.2.2 Reflexões

A pesquisa privilegiou o efeito da paternidade entre adolescentes. Em que medida esse “acidente” de percurso — a gravidez — pôde ser acolhido de modo a construir algum saber, possibilitando ao pai adolescente um lugar e uma função, em vez de permanecer para ele na esfera do desastre inominável?

Pudemos observar que, durante as entrevistas, os adolescentes colocaram-se de maneiras distintas, afetados pela ocorrência da paternidade. O “susto” ou o “trauma” foram, em geral, as palavras que qualificaram a notícia da gravidez, mesmo que aparecessem em suas falas como denegação. Pôde-se distinguir, no discurso dos jovens, a implicação de um acontecimento que interrompe um modo de funcionamento anteriormente instalado, inaugurando uma categoria distinta. Interessa notar que, diferentemente de outros encontros que levam ao desamparo na adolescência — o aparecimento dos caracteres sexuais secundários, a mudança na imagem do corpo, o encontro com o real da sexualidade e a segregação dos pais para que se possa encontrar outros objetos — a gravidez na adolescência pode ter a

função de um chamado simbólico, à medida que coloca o sujeito em uma nova posição na cadeia das gerações: de filho ele passa à condição de pai.

O chamado simbólico pelo qual o sujeito é transposto de filho a pai, ou seja, a mudança de posição na cadeia das gerações, que o obriga à elaboração de outras respostas, não prescinde da consideração da relação entre a imortalidade da espécie e a morte individual: “a procriação visa à parte imortal no vivente mortal. [...] Pensar a procriação permite pensar a morte na vida, seja aquela que carrega ou aquela que põe um termo.” (Ansermet, 2007, p. 323).

Nas entrevistas, foi possível colher depoimentos dos adolescentes e jovens sobre os diversos encontros com a morte vividos por eles, nos quais prevaleciam atuações, falta de limites e passagens ao ato que continham em seu cerne um empuxo que os levava ao pior.

Muitos declararam que um filho vem como uma barreira ao gozo ilimitado que pode levá-los à morte, pois a paternidade carrega responsabilidades, reveste o sujeito de outras insígnias. Outros relataram que somente após passarem por todos esses excessos foi possível assumir a paternidade, que o encontro com a morte possibilitou uma retificação subjetiva. Outros não conseguiram sair do circuito da morte e disseram que a paternidade para eles é como deixar uma semente, já que vão morrer cedo.

Nesse estudo, foi possível constatar a importância do suporte da família para que o adolescente pudesse aceitar, com mais tranquilidade, sua nova condição: contar com um ponto de apoio, tanto para conversar como para ajudar a suprir necessidades materiais oriundas do nascimento de um filho. Os jovens que não receberam o apoio familiar viveram aquele momento com mais angústia e desamparo. Tal como expressou um adolescente participante do estudo:

—“Acho que o pessoal aborta filho assim também porque o pai nem tem muito apoio. Todo mundo pensa e joga na cara: ‘você é burro. Por que você fez isso? Perdeu sua vida!’ E a situação não resolve. Por isso que a pessoa aborta.”(C.F., 17 anos).

Outro aspecto relevante observado na pesquisa foi a invisibilidade do pai adolescente na assistência médica às gestantes. A consulta era guiada por um protocolo clínico, que uniformizava as condutas entre toda a equipe. Para além da perda de singularidade do sujeito, notava-se claramente, durante os atendimentos, a

ausência da figura paterna, não havendo no prontuário campo específico para a inclusão do nome do futuro pai. Não haveria importância em se “Registrar o Pai”?

Em conversa com a médica preceptora do serviço, indaguei o motivo da falta de interesse pelo pai adolescente e da sua ausência no protocolo de atendimento. A resposta veio ao encontro do cientificismo profissional:

— “Estamos preocupados é com o risco da gravidez. Nosso foco está na saúde dessas mães adolescentes.”

Também pude escutar de uma profissional da enfermagem que “ali era uma maternidade, portanto era um lugar de mãe!”.

A tendência homogeneizante observada na ciência atual acha-se marcada pela construção do saber baseado em evidências, por meio dos *guidelines* e protocolos de atendimento. Esse fenômeno contemporâneo tem ocluído a visão do clínico, suprimindo-lhe a lógica do raciocínio e reduzindo seu posicionamento crítico. Freud, em 1930 (1989k, pp. 109-112), já observava que o progresso extraordinário das ciências naturais e sua aplicação técnica estabeleceriam um controle sobre a natureza de uma maneira jamais vista. O descaso “pelas coisas que não têm nenhum valor prático ou lucrativo” se tornou cada vez mais presente em nossa civilização. Na medicina, esse fato apresenta tendência crescente, com a aquisição do saber científico centrada nas atualizações, em formas de *Linhas Guias* e *Protocolos de Cuidados*. Nota-se claramente a valorização dos atendimentos padronizados, ao contrário do que é valorizado pela psicanálise, para a qual o que interessa são os restos desse discurso científico. Perde-se a abertura para o novo, para a contingência. Os protocolos clínicos aplicados aos serviços de saúde impõem um posicionamento estandardizado por parte dos seus profissionais, excluindo-se a singularidade do paciente como sujeito (Ferreira, 2008, p. 107).

Um importante desdobramento desse estudo foi o de possibilitar a mudança na postura dos profissionais da referida Maternidade diante das conclusões obtidas. Mediante a alteração no protocolo de assistência, implantou-se o acolhimento ao pai adolescente, difundindo, na equipe de saúde, a importância da presença do pai no atendimento pré-natal de gestantes adolescentes de alto risco.

No decorrer da pesquisa enfrentamos dificuldades de acesso aos pais adolescentes para formação dos grupos, em decorrência de dois motivos inter-relacionados: a sua invisibilidade e a falta de vínculo institucional sentida por eles. A

grande maioria dos futuros pais relatava não se sentir acolhida pelo serviço. A inexistência da figura paterna no cotidiano do atendimento ambulatorial dificultou nosso trabalho de intervenção proposto para os jovens pais, mostrando-se lento e aquém das expectativas, em razão da não localização ou do não comparecimento deles.

Assim, nossa proposta inicial de acompanhar clinicamente pequenos grupos de orientação psicanalítica com pais adolescentes em uma maternidade não pôde ser concretizada. Fez-se, então, necessária a busca por outro local que propiciasse a captação de jovens pais aptos a participar de um grupo de adolescentes, sendo eleito o *Programa Fica Vivo*, do Aglomerado Santa Lúcia.

2.3 Procedimento posterior: *Programa Fica Vivo*, Aglomerado Santa Lúcia

Ao chegarmos ao *Programa Fica Vivo*, realizamos busca ativa em suas oficinas, visando a selecionar participantes entre os seus integrantes e apresentando os objetivos da pesquisa aos adolescentes. Após a manifestação positiva dos jovens interessados, colhemos as assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e fizemos as entrevistas abertas e individualizadas, sendo formado um pequeno grupo de trabalho composto por quatro adolescentes com idades entre 17 e 19 anos, além de uma acadêmica do curso de psicologia e da pesquisadora.

As entrevistas e encontros em grupo foram gravados, transcritos e analisados por metodologia psicanalítica, buscando-se ultrapassar a Análise de Conteúdo. Investiu-se em uma leitura psicanalítica, incluindo assim o sujeito no campo de sua experiência, não pelo acaso ou contingência, mas pela via do inconsciente (Elia, 1999). Para tanto,

“trata-se de levar o efeito do significante ao seu extremo, ao ponto no qual um obstáculo ao saber possa ser entrevisto, uma questão possa ser formulada, provocando deslocamentos nos efeitos de verdade que as afirmações teóricas produzem no exercício de sua mestria. A verdade, nesse contexto, estaria na questão e não na resposta.” (Guerra, 2001, p. 101).

Esse tipo de análise tornou-se factível devido a presença do pesquisador-analista, que possibilitou aos adolescentes se introduzirem no discurso psicanalítico pela via da associação livre e da transferência.

Foram efetuados um total de oito encontros em grupo, de caráter quinzenal, além de um momento de “roda de conversa”, estendida aos demais interessados da comunidade em função da comemoração do Dia dos Pais, com a participação da equipe do projeto *Cualé, papai! Um outro olhar sobre a paternidade adolescente*, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), projeto este que tinha como proposta norteadora a utilização de um ensaio fotográfico sobre a paternidade adolescente, capaz de fomentar nos participantes a reflexão sobre a temática em questão (Nogueira *et al.*, 2014) (Anexo D).

2.3.1 Método do “Grupo Restrito” como dispositivo de investigação e intervenção

O método utilizado nessa etapa da pesquisa foi o de “grupo restrito”, criado por Bion (1961), a partir do estabelecimento de grupos terapêuticos no fim da Segunda Guerra Mundial na *Tavistock Clinic*, de Londres (Inglaterra), com soldados excluídos do batalhão e incapazes de se adequarem à organização militar, buscando-se forjar mecanismos capazes de protegê-los dos efeitos traumáticos da guerra. Para Bion, em todo grupo existem dois níveis:

- o nível da tarefa, correspondendo ao nível consciente no indivíduo: os membros do grupo cooperam para determinada realização de trabalho, na qual as regras e distribuição dos papéis são conhecidos por todos;
- o nível da valência, em que se relacionam as atividades subjacentes às atividades de trabalho, englobando a esfera afetiva que envolve o grupo. Essa “química social” tanto pode bloquear a realização da tarefa como acelerá-la, organizando-se em torno de “hipóteses de base”. A valência é definida como a capacidade que os indivíduos têm, quando estão em grupo, de combinar-se de modo instantâneo e involuntário segundo uma dessas hipóteses.

As hipóteses de base são três:

1. a dependência: relação de dependência com o líder do grupo. Este deve intervir nessa relação de dependência, não devendo encarnar o lugar do saber;

2. o acasalamento: sentimento de esperança, vínculos de simpatia entre dois participantes, como uma promessa de que os problemas atuais do grupo encontrarão uma solução;
3. o ataque-fuga: o grupo comporta-se como se estivesse reunido para lutar, atacar ou fugir de alguém ou alguma coisa, deixando de lado a tarefa. Pode atacar o líder, um membro do grupo ou mesmo o grupo como conjunto. Só é aceito um líder que dê ao grupo ocasiões de fuga ou agressão.

Bion retomou e subverteu a concepção freudiana de grupo artificial, expressa em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1989h), em que a massa identifica o líder ou um traço do mesmo com o seu ideal do Eu e, dessa forma, se produz um vínculo coletivo entre os semelhantes. Ou seja, no grupo artificial, tem-se uma organização com uma linha vertical que se dirige ao Um, ao chefe, e uma linha horizontal que se dirige ao coletivo dos semelhantes. Para Freud, todo grupo se mantém nessa tensão entre dois vetores, mesmo que muitas vezes ela não seja sentida (Barros, 2008).

A contribuição de Lacan para o trabalho com grupos foi inspirada na experiência de Bion. Lacan escreve, em *A psiquiatria inglesa e a guerra* (2003a, p. 112), que em Bion “brilha a chama da criação” ao discorrer sobre suas impressões a cerca do seu trabalho num hospital militar, trabalho proposto como uma estratégia para tratar os efeitos da guerra sobre os soldados. Lacan relata que no método de Bion ele reencontra “a impressão de milagre dos primeiros avanços freudianos: encontrar no próprio impasse de uma situação a força viva da intervenção” (Lacan, 2003a, p. 113).

A teoria do grupo restrito serviu de inspiração para Lacan ao criar o cartel.

O cartel é um pequeno grupo com funcionamento estruturado de maneira específica para a realização de um trabalho, um a um, mas em pleno coletivo e que não deve ser sustentado pelo conhecido efeito de “cola grupal”, do qual se servem, por exemplo, os grupos de ajuda mútua, nem pelos poderes de aglutinação do carisma ou de um líder (Holck & Vieira, 2008, p. 13).

Em “tempos de guerra”, o líder do grupo perde sua força, e Lacan constata que a experiência do grupo restrito de Bion subsiste sem a garantia do Um. Segundo Viganò (2002)⁴, o pequeno grupo se apresentou para Lacan como a possibilidade de

⁴ Entrevista concedida por Carlo Viganò a Chafia Américo Farah, em Belo Horizonte, setembro de 2002, e publicada em 2010, no *Manual de Cartéis* da Escola Brasileira de Psicanálise-Minas Gerais.

um laço social não fundado sobre a identificação e não centrado sobre a psicologia das massas. É uma lógica de laço social não identificatória, não ligada ao discurso do mestre, mas ligada ao discurso do analista. Na falta do Outro, os pequenos grupos funcionavam de maneira autônoma, mantendo uma consistência horizontal, sem apelarem a uma consistência imaginária do líder.

Lacan, em seu *Ato de fundação*, introduz o cartel:

Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo. Cada um deles se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. Mais-Um encarregado da seleção, da discussão e do destino a ser reservado ao trabalho de cada um (Lacan, 2003b, p. 229).

Assim, Lacan inventou o cartel valendo-se da elaboração freudiana de 1921 e do uso que Bion fez dela no período do pós-guerra, além da sua própria teoria dos nós (Lacan, 1975[1974]). O trabalho de cartel tem como objetivo um produto próprio de cada um dos membros envolvidos e a sua conjunção se faz em torno do Mais-Um, que deve ser alguém que vele pelos efeitos de trabalho, provoque a elaboração e coloque a céu aberto os resultados e as crises. Para Milller (1994), o Mais-Um do cartel é o líder funcional de um grupo mínimo que não satura a demanda de carisma, encarnando, assim, o papel de um líder modesto.

No Brasil, a metodologia de trabalhos de grupos, idealizada por psicanalistas ligados ao Campo Freudiano e à Associação Mundial de Psicanálise, em um estudo conduzido pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) na Favela da Maré (RJ), dentro do *Projeto Digai-Maré*, e relatada no livro *Psicanálise na Favela* (2008), influenciou o sistema adotado em nossa pesquisa.

A invenção lacaniana do cartel e a experiência do projeto carioca nos apontou uma direção em que se inventa e se aposta nos grupos restritos como passíveis de uma “função clínica na estranha guerra sem fronteiras em que vivemos em nossa cidade” (Holck & Vieira, 2008, p. 13). Assim, a turma de pais adolescentes foi formada como um meio para se falar da paternidade e provocar efeitos de singularização nos envolvidos na questão, afóra de toda a identificação imaginária ao grupo e ao líder.

As identificações e o pertencimento aos grupos são mecanismos procurados espontaneamente pelos jovens. A oferta de trabalho com “grupos restritos” vem ao encontro da busca dos adolescentes pelos seus imaginariamente iguais. Objetivou-

se, com essa intervenção, possibilitar caminhos para favorecer novos laços e identificações a partir de uma localização simbólica, visando a proporcionar espaços de discussão, circulação da palavra e uma factível elaboração dos impasses vividos por eles diante da paternidade. Vale registrar que as respostas coletivas, encontradas por meio do agrupamento, são alternativas não apenas típicas de um momento da adolescência, mas também o *modus operandi* das ofertas identificadoras promovidas pelo discurso capitalista.

Cumprido ressaltar que, assim como no funcionamento do cartel, no grupo restrito desse estudo foi o tema da paternidade que convocou todos os participantes, tanto adolescentes como profissionais, mobilizando os encontros do grupo. Mas a pesquisadora, advertida do trabalho em cartel, não encarnou o lugar de ideal do Eu, evitando ocupar uma posição de mestre, zelando pelo trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, permanecendo atenta às manifestações individuais de cada componente do grupo.

O recrutamento da questão da paternidade pode operar como resposta singularizante do adolescente, contraposta à categorização sintomática vigente, da qual ele se encontra suspenso. Ao mesmo tempo, foi possível intervir nos momentos de “cola grupal”, quando o discurso dos jovens repetia jargões e os conduzia a uma identificação grupal idealizada como, por exemplo, nas frases prontas repetida por todos: “amor, só de mãe”, “todo homem quer ser pai”, “vou deixar semente”, etc.

Miller (2006) nos adverte que há duas vertentes do ensino: acumulação e investigação. Ou seja, diante do novo, faz-se necessário o conhecimento acumulado, mas também o defrontar-se com a ordem da contingência, do inesperado, sem segurança pré-estabelecida. Essa foi uma das características da pesquisa: oferecemos as ferramentas de que dispúnhamos, visando a processos transformadores e, ao mesmo tempo, nos deparamos com o impensado, com os imprevistos dos discursos dos adolescentes e, finalmente, por meio da escuta de seus dizeres emergentes, a nossa tentativa foi a de fazer o discurso circular pelo grupo, provocando novas respostas para que um acontecimento inesperado pudesse vir a ser uma solução particular.

Os aspectos surgidos do trabalho com esse grupo restrito servirão de base para o sequenciamento desta tese, quando serão analisados sob enfoque especial na clínica borromeana. Nas relações entre Imaginário, Simbólico e Real serão

investigados os ângulos das possibilidades de nomeação advindas da paternidade na adolescência referentes às falas surgidas no grupo estudado, objetivo maior deste trabalho.

CAPÍTULO 3 –Marco teórico

O *seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]) é, para Lacan, como um “desembaraçar de nós”, constatado em seu esforço para alcançar a clínica a partir da manipulação das rodela de barbante. Com esses “nós”, Lacan se interroga e procura soluções para questões presentes desde o início de seu ensino, por meio da “mostração” do nó borromeano e da mudança de discurso propiciada pelo “realismo nodal”.

O homeomorfismo, característica principal dos objetos topológicos, nos permite passar de uma apresentação de estrutura a outra, sem cortes e traumas. As estruturas continuam equivalentes (porém não semelhantes), mas as deformações são contínuas. Podemos também extrair as consequências desse homeomorfismo para a constituição do sujeito, pois a sua estruturação não se faz sem a diacronia de acontecimentos estruturantes, cortes reais que rompem com uma condição subjetiva anterior e que provocam movimentos que refazem uma nova configuração.

3.1 A condição humana: da trança ao nó

Para Lacan, em *O seminário, livro 22: R. S. I.*, o manejo do nó borromeano é uma demonstração do Real da clínica, mas ele introduz a palavra “mostração”, que se afina com a ideia do inconsciente como impossível de se demonstrar completamente.

Prendi vocês o ano inteiro em torno de um certo número de flashes. Eu próprio tive pouco a ver aí, sendo eu determinado como sujeito pelo Inconsciente. Ou pela prática, uma prática que implica o Inconsciente como suposto (Lacan, 1975[1974], em 13/05/1975).

Nesse texto inédito, Lacan aborda a estrutura do ser falante como um nó borromeano de três círculos, em que cada “rodela” representa uma das três instâncias psíquicas: Real (R.), Simbólico (S.) e Imaginário (I.). Com esses anéis, Lacan iguala os três registros, desfazendo-se da hegemonia do Simbólico contida em seu primeiro ensino.

Cada um desses níveis se relaciona com os outros dois em um modo de alteridade, nenhum deles se ligando exclusivamente ao outro, sempre havendo um terceiro que está mediando. Assim, se cortamos qualquer um dos três círculos, todos

se soltam, nenhum depende exclusivamente do outro, cada um depende do enodamento entre os três.

A consistência do nó borromeano está relacionada ao fato de que três é seu mínimo: se uma das rodelas de barbante se solta, todas as outras também se soltam. Trata-se da tendência a manter-se junto, fazendo um corpo uno. Lacan faz um uso próprio da lógica da consistência Aristotélica⁵ ao incluir também a contradição, pois o nó borromeano não é um corpo pleno, mas furado. A consistência não diversifica os registros, apenas os enoda (Lacan, 1974[1973], em 08/01/1974).

A consistência do Real é a corda, uma vez que a ela é o suporte da demonstração do Real. A demonstração do nó requer a textura da corda de cada uma das rodelas que compõem o nó; é com ela que se bordeja o vazio, o impossível (Lacan, 1975[1974], em 21/05/1975).

A consistência do Simbólico é o buraco que metaforiza o trauma implicado na linguagem, que é a impossibilidade da relação sexual. A consistência que fecha a corda do Simbólico é o buraco da castração, a falta que está implicada no significante, pois que, exatamente porque é furado, o significante faz furo, e é o que permite o enlaçamento do Simbólico aos outros registros (Lacan, 1975[1974], em 15/04/1975).

Por sua vez, a consistência do Imaginário é o corpo, e seus orifícios são o buraco. O Imaginário situa o sentido e a figuração, e o buraco, o sem sentido, o além do sentido que faz consistir o Imaginário.

A partir do que faz buraco em cada um dos registros, Lacan (1975[1974], desenvolve o termo “ex-sistência”, definindo-o como o que permite a cada um dos anéis furar a consistência dos outros dois, confundindo-os ao fazer-lhes limite. Existir quer dizer sustentar-se fora, por si mesmo. Na materialidade do nó, cada um dos registros “ex-siste” aos outros dois. Não podemos fazer um nó borromeano com dois anéis. Para ele existir, são necessários no mínimo três. O terceiro está em uma posição de “ex-sistência”, fazendo limite na consistência dos outros dois. É apenas como elemento externo, como ponto de amarração entre os outros dois elos que o terceiro existe, permitindo, assim, a singularidade do enodamento para cada sujeito.

⁵ Na consistência de Aristóteles, trata-se também da constituição de um corpo, de uma unidade figurativa, mas dentro de uma lógica da não contradição (Araújo, 2014).

O sujeito está triplamente determinado por três cordas: cada uma tem seu furo, sua consistência e sua “ex-sistência”, ou seja, há consistência em R., S., I.; há buraco em R., S., I., e há “ex-sistência”, em R., S., I.. A heterogeneidade que se mantém, especificando cada registro, pode ser constatada nos outros dois, demonstrando uma modalidade particular de atamento entre eles.

Dessa maneira, ao falar em equivalência entre os registros, Lacan não supõe que eles sejam iguais. Todos são distintos entre si, e é na medida em que são diferentes, heterogêneos, que fazem Um, que fazem o nó borromeano.

Para Lacan, o único modo de dar aos três termos uma medida comum é enlaçando-os no nó borromeano: “Só encontrei uma única forma de dar a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobô...borromeano” (Lacan, 1975[1974], em 10/12/1974).

Embora os três registros R.S.I. estejam articulados em uma equivalência, é preciso distinguir as diferenças entre eles. Lacan, em *A Terceira* (2011), trabalha as diversas concepções do Real presente em seu ensino:

1. O Real é o que não caminha, o que não cessa de se repetir para impor um entrave na marcha, diferentemente do discurso do mestre, cujo fim é que as coisas caminhem no passo de todo mundo. “O Real é o que retorna sempre ao mesmo lugar” (Lacan, 2011, p. 16). Para ele, o acento deve ser dado ao “retorna”, que é onde o Real descobre o lugar do semblante, mas é difícil instituí-lo segundo o Imaginário. O real é algo sempre a recomençar, como uma energia de algo que vai e vem, como um “*moulin à marée*”⁶.
2. O Real como impossível, a partir de uma modalidade lógica: Lacan define o impossível como o que não deixa de não se escrever (Rabinovich, 1993, p. 147).
3. “O Real não é o mundo. Não há nenhuma esperança de alcançá-lo por meio da representação” (Lacan, 2011, p. 16). Nesta frase, Lacan realça a incompatibilidade entre o Imaginário do mundo e o Real, pois não existe a menor esperança de se alcançar o Real pela representação, pelo sentido.
4. “O Real não é universal, o que quer dizer que ele só é ‘todo’ no sentido estrito de que cada um de seus elementos seja idêntico a si mesmo, mas sem poder dizer *pántes*, todos. Não há ‘todos os elementos’, há apenas conjuntos a determinar em cada caso.” (Lacan, 2011, p. 17).

⁶ Essa metáfora foi utilizada pelo professor Fabian Fajnwaks durante seu seminário sobre o Real, na Universidade de Paris 8, em 2014, e refere-se aos moinhos de maré, que funcionam na maré baixa e são utilizados na Bretanha para captação de energia.

Em síntese, o Real é um lugar ao qual sempre se retorna. Que retorna como alguma coisa de estritamente impensável, da ordem de um impossível ao qual o sujeito não tem acesso. É incompatível com a representação em que o inconsciente se sustenta, portanto a coisa inapreensível. E finalmente é correlativo do não todo ou do conjunto aberto.

O Simbólico é o equívoco: à medida que o inconsciente se sustenta em alguma coisa que é estruturada como o Simbólico, há um equívoco fundamental entre o sujeito e a língua; para além do sentido das palavras há um gozo no dizer. O que faz com que o Real possa ser situável num lugar do espaço é o Simbólico. As cifras bordejam o Real impossível de ser dito, escrevendo o contorno de seus limites, isto é, os termos escrevem a ausência e permitem a veiculação cifrada que o envolve, produzindo o deslizamento significante substitutivo desse inapreensível, porém sem equivaler a ele.

O Imaginário é o sentido: ele tem como ponto de partida a referência ao corpo, mas não se trata do corpo como organismo, tampouco apenas do corpo determinado pelo Outro ou numa relação especular com o semelhante. O Imaginário estabelece sentido ao Simbólico, aos significantes; é o efeito de escritura do Simbólico — ler diferente do que está escrito. Dessa forma, o pensamento não é apenas Simbólico, ele diz respeito ao Imaginário quando se pensa privilegiando um sentido.

Assim, podemos extrair a seguinte formulação com base nas três definições de Real, Simbólico e Imaginário dadas por Lacan em R. S. I.:

- há alguma coisa de impensável: R;
- há um equívoco fundamental com relação a essa coisa: S;
- há um sentido que responde por essa coisa: I.

No final do *Seminário 22: R. S. I.* (1975[1974]), Lacan chega a conclusão de que a realidade psíquica se faz entre essas três dimensões do ser falante que se enlaçam a um quarto termo que apoia o nó borromeano. Elas coincidem num mesmo ponto, numa relação de determinação recíproca que as constrange e as sustenta, conforme as considerações de Vorcaro (1997; 2004; 2009) e Vorcaro & Capanema (2011), que seguiremos nos próximos parágrafos.

A topologia define o espaço por meio das relações entre os movimentos diacrônicos de uma estrutura sincrônica (Granon-Lafont, 1988). São os movimentos de um objeto, alterando sua apresentação, enquanto ele se mantém invariante, e que estruturam o espaço. Um objeto, dessa maneira, será considerado igual a outro se ele passa de um a outro por meio de uma deformação contínua (diacronia). Temos então a continuidade da equivalência, a despeito das deformações que modificam sua apresentação formal. Há estrutura quando as incidências que afetam o objeto, provocando movimentos, dobras e torções, não o rompem, mas apenas alteram a forma de sua configuração.

Cabe considerar que há uma distância entre a perspectiva de estrutura da topologia e a estrutura do sujeito, cuja complexidade da passagem de uma estrutura (sincronia) para uma categoria (diacronia) pode ser interrogada nos seguintes termos:

como descrever suficientemente uma estrutura e a classe das transformações compatíveis? Seria preciso partir da descrição teórica da estrutura do sujeito e descrever as transformações compatíveis com esta estrutura. Não há sincronia sem uma certa diacronia (Lavendhomme, 2002, p. 18).

Entretanto — e esse é o hiato a que nos referimos —, na lógica da constituição do sujeito, há rompimento entre a estrutura inicial do ser e sua apresentação como sujeito estruturado. Isso porque a unidade biológica da criança, estando primeiramente situada como objeto de um outro estruturado, é revirada, tornando-se sujeito organizado, capaz de transmitir uma herança simbólica. Nesse reviramento entre unidade biológica e sujeito estruturado, encontramos rompimento mais do que continuidade, já que, como veremos, ele não se faz sem a incidência do real. Será necessário distinguir a diacronia lógica em que o sujeito se constitui para localizar a estrutura que opera o rompimento da apresentação formal inicial, sustentado pela sincronia de sua inscrição na linguagem.

A relação da criança com o Outro perpassa pela decantação daquilo que Lacan (2005a) chamou de objeto *a*, para apontar as modalidades da falta de complementaridade entre ela e o agente de sua subjetivação. Essas faltas não apreensíveis no campo simbólico são causas de subjetivação na criança e podem ser localizadas pela atribuição de uma letra: *a* minúsculo.

Embora a criança e o adulto estejam imersos no campo simbólico onde operam as estruturas discursivas e os significantes, essa imersão não é a mesma.

Trata-se, para a criança, de se distinguir de sua imersão no campo simbólico que a identifica primariamente como objeto para o agente da linguagem, tomado por ela como potência totalizadora. A criança localiza as fissuras dessa potência e subverte sua condição de objeto para tornar-se sujeito, por meio dos atos de engate que enlaçam seus orifícios corporais à insuficiência daquela alteridade, desde que ela possa vir a ser tomada como não toda.

Por isso, Lacan nos lembra que o Outro é matriz de dupla entrada, pois introduz o significante (Simbólico) e também o objeto *a*. Entre eles, não há nenhuma relação racionalmente determinável. Os objetos *a* constituídos pelo laço entre a alteridade e os orifícios do corpo definirão a condição de qualquer suposto sujeito: ser causado por um objeto que não é o Outro do conhecimento, mas pelo objeto *a* que demarca, para ele, o oco do Outro. O sujeito é causado por esses objetos *a* dos quais nada é pensável, mas que determina o sujeito do pensamento que se imagina ser “ser” (Lacan, 1975[1974], em 21/05/75).

A asserção de que a estrutura do sujeito seria, por princípio e desde o princípio, sincrônica é interrogada aqui. Se o sujeito é instaurado desde a incidência do agente da linguagem sobre seu organismo, só podendo se representar entre significantes, nem por isso sofre, de imediato, todas as consequências dessa incidência. Depois de um primeiro corte real que retira o organismo de uma homeostase simbolizante primária, alçando-o à condição de ser faltante, outros cortes causados pela dimensão real da experiência psíquica irão complicar o desfazimento da lógica precedente e a instauração de novas condições de estruturação: consideramos aqui a possibilidade de que a passagem edípica, a latência e a passagem adolescente impliquem esses cortes reais estruturantes da complexidade psíquica, posto que rompem a condição subjetiva anterior e refazem uma nova condição subjetiva.

É a experiência clínica que permite formular a hipótese de uma diacronia lógica da estruturação do sujeito. A direção do tratamento nos conduz a considerar, no caso de crianças, a estrutura de gestão do desejo como não decidida (Calligaris, 1989). Pois é com a construção da fantasia que o sujeito responde ao desejo

enigmático do Outro, “*Che vuoi?*”⁷, e somente após essa construção é possível responder por seu próprio desejo.

Essa fantasia fundamental não se constrói de uma só vez, sendo necessários dois tempos lógicos, intercalados por um período de latência, para se produzir uma fantasia estabilizadora de sua relação com a realidade. A construção da fantasia não é somente dependente do Outro, mas também das contingências da vida e dos modos de relação do sujeito por vir com esse Outro que lhe coube. Desse modo, temos uma relação sincrônica determinada pela estrutura do Outro primordial, mas, ao mesmo tempo, inserida na diacronia das relações contingentes do sujeito com esse Outro e com o que pode ser imaginado como suprimindo suas faltas.

Essa afirmação pode ser demonstrada por meio do que Lacan nos permite observar com a topologia do nó borromeano, considerando que as operações implicadas na estruturação do “ser” em “sujeito” estão no campo da linguagem. A escrita da lógica psicanalítica do processo de estruturação do sujeito se insere na hipótese da determinação da estrutura que o implica numa impossibilidade do acesso à plenitude do gozo, e que o intima imperativamente a desejar, sem que nada o assegure. Ele é estruturado como uma linguagem que ordena “esse tão pouco de realidade que é a nossa: essa do fantasma” (Lacan, 1974[1973], em 11/06/1974).

Para distinguir a fixação de uma estrutura capaz de permitir a transmissão de uma herança simbólica, consideraremos a criança a partir da inauguração de um lugar de relações que amarram um organismo irreduzível (Real), uma posição significativa (Simbólico) e uma consistência ideal (Imaginário), três heterogêneos que se deixam ler como uma coincidência que os sobrepõe num mesmo ponto. Tentaremos diferenciar a especificidade do laço que os aperta e, para isso, destacaremos as urgências constrangedoras de incisões que permitem que, desse enlaçamento inaugural, um sujeito se constitua. Percorreremos o itinerário desse ponto, considerando os deslocamentos que intervêm em sua deformação, traçando rupturas e continuidades, até que uma estrutura se destaque. Tal destacamento

⁷ Conforme a novela *O diabo amoroso*, de Cazotte (1992), cujo protagonista é um homem que almeja fortuna, mulheres, fama. Ele invoca o demônio, que lhe aparece sob a figura espectral de um camelo, que lhe pergunta o que ele quer especificamente. Com uma voz rouca, o diabo lhe formula a fatídica questão sobre o desejo: “*Che vuoi?*”. O pobre homem não sabe o que responder diante de uma indagação tão específica sobre o seu desejo.

inclui a estrutura da qual partiu, sendo exclusiva, contudo, posto que constitui um precipitado singular.

Como ponto onde coincidem três heterogêneos, ao nascer a criança não está só: “não apenas ela não está só devido ao seu meio biológico, mas existe ainda uma esfera muito mais importante, a saber, a esfera legal, a ordem simbólica” (Lacan, 1995, p. 204). É com o suporte do nó borromeano que situaremos o alcance da distinção e da coincidência entre a consistência da criança, seu organismo e uma ordem transmissível. Assim, essa formulação contará com a indicação de que a finalidade da topologia “é dar conta da constituição do sujeito” (Lacan, 1998d, p. 193). Aliás, como Lacan explicita em *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), o nó borromeano estabelece o que Freud considerou como realidade psíquica, realidade determinada pelo constrangimento que suspende uma condição desejante singular e indestrutível, demarcada por uma constelação de traços que estruturam a relação ao inconsciente.

Desde *O seminário, livro 21: Le non-dupes errent* (1974[1973]), Lacan vinha fazendo uma aproximação do nó e da cadeia borromeana à trança. Afinal, é a esta que coloca em evidência o elemento temporal da constituição do sujeito, por meio de seis movimentos que revelam a sincronia e diacronia dos deslocamentos R. S. I.

Vorcaro (2004), com as considerações acima resgatadas e contando com a indicação de Lacan (1975[1974]) de que inventar não se reduz a imaginar, realizou uma operação de corte sobre os três círculos atados no nó borromeano. Esse artifício aqui utilizado para abordar a hipótese da constituição do sujeito, tecendo um nó, é instigado pela afirmação de Lacan:

Para fazer um nó borromeano é preciso fazer seis gestos, e seis gestos graças a que eles são da mesma ordem, próximo a isso, justamente, nada permite reconhecê-los. É bem por isso que é preciso fazer seis, a saber, esgotar a ordem de permutações duas a duas e saber antecipadamente que não se pode fazer mais, sem o que a gente se engana (Lacan, 1975[1974], em 15/01/1974).

Supõe-se, portanto uma trança que perfaz a trama ideal da qual o sujeito é um determinado particular. Consideraremos, a seguir, os seis cruzamentos entre R. S. I. , até seu retorno ao ponto de partida, conforme estabelecido por Vorcaro (1997; 2004), a datar do modelo edípico freudiano desdobrado por Lacan (1995; 1999):

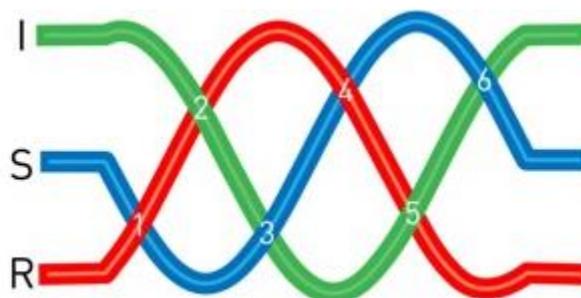


FIGURA 1: Seis cruzamentos da trança

Consideremos uma posição zero, que precede o início da trança, dando-lhe a condição de possibilidade. Trata-se do lugar em que o real do organismo neonato é inserido na realidade psíquica do agente materno, equivalendo ao termo simbólico que o localizava no campo discursivo antes que ele nascesse e equivalendo, ainda, à consistência dos sentidos que interpretam suas manifestações, supondo-lhes intencionalidade subjetiva. Essa superposição real do organismo à posição simbólica, investida imaginariamente pela alteridade de um agente, produz uma espécie de regularidade automática de alternância. Esta é o mecanismo que opõe tensão e apaziguamento, ao mesmo tempo que articula essa descarga orgânica de tensão com o apaziguamento da resposta dada pelo agente materno. É isso que poderá ser tomado, por aquele que o vive, como uma experiência de satisfação. Aí, presença e ausência intercalam-se na automaticidade que articula a resposta materna à manifestação da necessidade. Essa matriz, que inscreve a alternância de dois estados (presença/ausência materna), inaugura a condição de subjetivação. Nada há, de sujeito, nesse momento mítico: uma matriz simbólica acéfala que permite a alternância tensão e apaziguamento, colando o organismo à consistência imaginária que lhe é suposta pela mãe que lhe responde. Podemos, assim, distinguir o organismo como algo de real, a alternância entre os termos (tensão e apaziguamento e, logo a seguir, ausência e presença) como simbólica, e a consistência dos sentidos, em que o agente materno interpreta o organismo, como imaginária. É o que nos permite planificar R., S., I. como três linhas vizinhas e maleáveis, que sofrerão deformações contínuas (Vorcaro, 1997; 2009).

Observemos, agora, um primeiro movimento: incidência do real nessa matriz simbólica. O funcionamento dessa matriz no organismo pode ser caracterizado como simbólico, quer dizer, um desempenho presidido pelo movimento que articula

tensão e apaziguamento. Quando, por efeito do próprio funcionamento significante, essa alternância não se mantém, o organismo é afetado por uma descontinuidade. É o que nomeamos incidência do real no simbólico. Nesse esgarçamento que perfura a matriz simbólica, situamos o primeiro movimento da trança.

O segundo movimento é a superação dessa descontinuidade no funcionamento, que exige o retorno da equivalência à situação de plenitude anterior. Mas os objetos oferecidos para a satisfação do gozo do ser não possibilitam o reencontro do gozo pleno supostamente havido antes. Esses objetos sublinham o traço da diferença entre gozo esperado e gozo obtido, que está cunhado no sujeito. A criança situa o agente da privação na alteridade materna e, portanto, localiza nela a possibilidade de satisfação, supondo nela o saber sobre seu gozo. A falta real no simbólico é recoberta com a imagem do agente materno. O segundo movimento, portanto, é caracterizado como uma incidência do imaginário no real.

No terceiro movimento, a mãe imaginada onipotente deixa-se pressentir afetada em sua potência. Ela demanda à criança o que a criança não sabe dar. Aí, duas faltas se recobrem sem reciprocidade. A criança tenta determinar o desejo materno e se oferece como termo que o contempla, ocupando o lugar fálico a que pode supor equivaler. No pressentimento do falo constituindo uma falta na mãe — falta que não consegue recobrir, mas supõe preencher —, traça-se o perfil da estrutura simbólica. Nesse lugar fálico, a criança opera simbolicamente, lidando com a falta. Portanto, aqui, o simbólico recobre o imaginário: a criança propõe-se como falo, tentando determinar o desejo materno, encarnando-se como termo simbólico que equaciona a falta pressentida na mãe. Mas essa base é frágil e sem saída. Oferecer-se como falo ao desejo materno é fazer-se de objeto e anular-se como desejante. Nesse terceiro movimento, temos a incidência do simbólico no imaginário.

Já no quarto movimento, a criança pressente que essa posição que ela adota, de signo, não se sustenta. Por mais que a criança se dê, ela não é o falo materno, não satisfaz a mãe. E se ela pode supor-se ser, ela não tem como defender-se, será engolida e anulada. Por essa via, a criança precisa buscar algo que a defenda do desejo materno. É o que a conduz a deparar-se com algo de real que priva e interdita a mãe. A criança constata que há um constrangimento que incide nelas, obstáculo intransponível entre criança e mãe. Nesse movimento, realiza-se,

portanto, o esgarçamento real do simbólico, que repete, na trama “complexificada”, o primeiro movimento; e, ainda, integra todos os outros.

No quinto movimento, o obstáculo intransponível entre criança e mãe será transformado, pela criança, no mito da onipotência paterna: ou seja, a impossibilidade real de ser o objeto do gozo materno é reencontrada, de modo imaginário, personificada no pai mitificado em sua onipotência. Apesar de terrível, por lhe tirar a mãe, defende-a da voracidade materna ilimitada. A idealização, o temor e a agressividade são articulados pela transição mítica que é aí produzida. Nesse quinto movimento, cuja estrutura repete, com outro elemento, o segundo, perfaz-se o recobrimento imaginário do real.

O sexto movimento é efeito da exaustão combinatória da articulação das formas da impossibilidade de ser o falo materno, que esgota a permutação da relação imaginária da criança com o real. Produz-se a metáfora paterna, o último deslocamento da trança, em que o simbólico ultrapassa o imaginário. O falo imaginário é posto fora de jogo e substituído por uma unidade de medida que regula as relações entre desejo e lei, e confere a eles uma lógica. A criança pode supor um saber ao pai, àquele que é capaz de dar à mãe o que ela deseja, ou melhor dizendo, a criança situa o pai no lugar onde ao menos um sabe o que ela quer. A criança encontra o termo simbólico que barra a sua posição de equivalência fálica e cria algo mais: o título virtual que sustentará a sua identificação ao elemento mediador do campo simbólico, elemento que estrutura a orientação da relação com a alteridade. O sexto movimento, portanto, faz reincidir no simbólico o que, no terceiro movimento, teve caráter imaginário.

Notamos o percurso ideal (sincrônico) em que o sujeito se inscreve no simbólico que preexiste a ele. Afinal, é por esse investimento fálico da alteridade na criança que se traça a incidência da ordem significante. Trata-se do funcionamento que se instaura pela função imaginária do falo, que irá promover a operação metafórica do Nome-do-Pai, permitindo ao sujeito evocar a significação do falo. Dessa forma, o sujeito carrega a causa que o fende: o significante, que lhe permite inscrição pela perda que só existe depois que essa simbolização lhe indica o lugar.

Entre a experiência em que a criança recebe atribuição fálica e a constituição da significação fálica, temos o lapso que a trança percorre, na estrutura temporal reversiva, na qual a castração retroage ao recalçamento originário para lhe conferir

significância, nesse *après-coup* que promove a articulação circular que não é recíproca. Portanto, se essa trança ordena a estruturalidade de um sujeito constrangido pelas dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário, seus movimentos não se superam, eles se mantêm na constrição que os enlaça.

Se com três fios realizamos seis cruzamentos numa trança, segundo a lei do “por cima e por baixo”, e voltamos a unir as extremidades dessas cordas, obteremos o nó borromeano. Este, de três elos, é uma trança de seis cruzamentos não quaisquer. Da ordem de suas linhas R, S e I, podemos constatar que R passa duas vezes por cima de S, I passa duas vezes por cima de R e S passa duas vezes por cima de I.

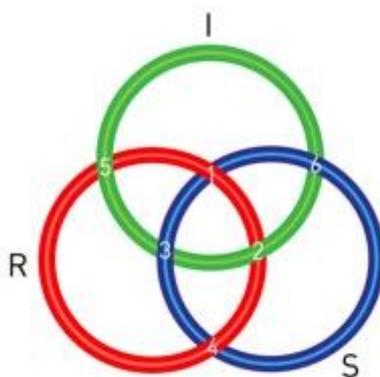


FIGURA 2: Os seis cruzamentos do nó borromeano

O que foi considerado no trançamento implicou a retroação que permitiu recuperar sua condição circular. Mas, cabe ressaltar, amparados no que Lacan nos ensina no final do *Seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974], em 13/05/75), a trança e o nó borromeano de três cordas não são a norma para a relação de R., S. e I.. O nó borromeano de três elos perfeitamente trançados não existe, ele só pode ser considerado como modelo, pois situa uma estrutura ideal do ser falante. Em cada sujeito, o(s) sintoma(s) explicita(m) que essa estrutura se constituirá, desde sempre, falhada, comportando necessariamente os lapsos dos nós, que precisarão de um quarto elo para que os três registros se mantenham atrelados “borromeamente”: o sujeito é sintomático. Vale, entretanto, notar que a função desse quarto elo será a de amarrar os três anéis soltos e assim resgatar a condição borromeana⁸ que falta à constrição destes. De modo igual, seja na trança e no nó borromeano de três elos ou

⁸ A condição do “borromeismo” é que não pode haver interpenetração entre as cordas. Os nós se apoiam uns nos outros, mas não se misturam.

no nó borromeano de quatro elos, essa condição borromeana permanece sendo suposta como necessária para a constituição do sujeito, mas sua(s) falha(s) só é (são) distinguível(eis) após o sujeito ter reparado seu(s) lapso(s) com o quarto elo. É o que permite relativizar a “trançagem” a três e reduzi-la à sua função de explicitar as bases da construção borromeana. O que foi descrito nos seis movimentos da trança é a constituição subjetiva calcada no Nome-do-Pai, sem os acontecimentos possíveis em uma subjetivação qualquer. Mas esses acontecimentos podem também serem explicitados a começar da trança de quatro linhas aplicada a casos clínicos, assim como no nó borromeano de quatro.

A articulação R. S. I. somente incide num exercício determinado pela versão em que o sujeito se inventa situado em relação à função paterna, isto é, o nó borromeano é sempre “pai-vertido”, perversamente orientado. Por isso, a constrição que mantém R. S. I. ligados é sempre singular e enigmática, como estabelece Lacan (2007), e depende de uma quarta corda que, com seus movimentos, fura os registros como num bordado que passa dentro e torna a sair, novamente passa dentro e torna a sair, cerzindo os três registros.

Desde *O seminário, livro 22, R. S. I.*, esses três registros serão empilhados uns sobre os outros, em uma ordem não qualquer, e o quarto elemento viria enodá-los. Segundo Porge (2010), antes de ser ligado pelo quarto anel, o nó borromeano possui uma ordem volátil, surgindo como uma não qualquer no só depois e esse paradoxo de uma ordem volátil não qualquer é uma forma de falar do tempo do sujeito, tal como ele se institui no estreitamento do nó.

Assim, a estruturação sincrônica do sujeito, trabalhada na trança de três elos como um modelo ideal de estrutura calcada no Nome-do-Pai, não exclui, e comporta também o movimento diacrônico e temporal em seu trançamento, bastando aí acrescentar a dimensão clínica do quarto elo. Conforme Schejtman (2013, p. 242), mesmo que o nó borromeano seja considerado como Real por Lacan, nada impede que o tempo o afete; afinal, o tempo também é Real. “O realismo nodal de Lacan não exclui a dimensão temporal, a diacronia”.

A relação entre estrutura e temporalidade sempre esteve presente no ensino de Lacan, desde os seus primeiros desenvolvimentos sobre a psicose (Lacan, 2008a), quando situa a estrutura psicótica na chamada forclusão do Nome-do-Pai. Embora essa estruturação seja sincrônica, Lacan destaca que uma psicose tem um

início, desencadeia-se em razão de algum acidente dramático depois de um tempo em que se manteve compensada por identificações imaginárias. E também podem se encadear novamente, estabilizar-se por outras vias construídas, tratando-se aqui do efeito da diacronia. Há a estrutura, mas ela é afetada pelo tempo (Schejtman, 2013, p. 243).

A abordagem do encadeamento e do desencadeamento revela a incidência do tempo sobre a estrutura nodal e, para Schejtman (2013), as cadeias e os nós são muito estáticos para revelar toda a dinâmica das transformações ocorridas, sendo necessário abri-los e então teremos uma trança, o que nos permite localizar com mais precisão os lapsos no entrelaçamento do nó de cada sujeito. Na trança, os pontos de cruzamento vão se dispondo de forma sucessiva, assim o lapso da trança pode se realizar sem referência ao corte de nenhuma corda.

As duas sobreposições em que o Real incide no Simbólico, o Imaginário no Real e o Simbólico no Imaginário se encurralam num ponto central, que demarca a causa vazia da realidade psíquica de um sujeito desejante: o objeto que viria satisfazer seu gozo é um objeto insensato do qual não há ideia. Atribui-se a tal objeto uma letra: *a*, objeto *a*, cerne do gozo, que só é reconhecível pelos resíduos de seu esfacelamento em objetos pulsionais.

A insuficiência de qualquer gozo que lhe venha em suplência é constrição imposta pelo objeto *a*, inatingível gozo *a* mais, alocado no exterior mais central da escrita do nó borromeano. O nó escreve as condições de gozo e permite contar os seus resíduos: as intersecções entre os círculos notam as modalidades do gozo, por falta do gozo pleno que não há. E a realidade é abordada com os aparelhos do gozo, que a linguagem permite, enquanto encadeia e faz prevalecer articulações privilegiadas entre o Simbólico, o Imaginário e o Real.

É tomando a constituição subjetiva, formação do inconsciente, como o que define a condição de criança para a psicanálise, que podemos considerar que todas as operações implicadas na estruturação do ser em sujeito estão no campo da linguagem, terreno em que a função significante é realizada, imaginada e simbolizada em dois blocos distinguíveis: no primeiro (os quatro primeiros tempos), a criança simboliza metonimicamente a função significante alocando-se no reconhecimento de que poderia responder do lugar em que se supõe esperada, como objeto do desejo de um outro — reconhecendo-se como falo; no segundo (os

três últimos tempos), a criança simboliza a função significante metaforicamente, remetendo-se, como sujeito, à significação do falo.

Afinal, a função significante incide como real na individualidade do organismo, desde que ele é nomeado, situado em relação a uma linhagem e a um discurso. Tomada pela alteridade, essa individualidade orgânica realiza-se como distinção pela contingência da função do traço que a separa de sua imanência essencial, na singularidade do que é cunhado, resíduo que barra o mero fluxo vital e garante a inscrição da alteridade.

A “imaginarização” dessa função significante é efeito do mal-entendido do gozo pleno que aparelha o gozo possível (fálico), no desdobramento do jogo permutativo entre significantes, no qual se sublinha a equivocidade: o Outro comparece como falta modalizada na fantasia, assim constituída, em que o desejo se apoia. O indivíduo se corporifica no ordenamento pulsional, fomentando a reciprocidade entre gozo esperado e gozo obtido: a equivalência almejada encontra a diferença e a repetição da não identidade a reencontra, defeito de realização que sustém a insistência do desejo.

Essa função significante, como diz Erik Porge (1994), é simbolizada à medida que o sujeito se posiciona, referenciado no traço de sua diferença absoluta: a única medida comum é a inexistência de medida comum, que o impede de designar-se em equivalência, e o constrange a ser representado entre significantes. Nesse encurralamento, um sujeito objetiva-se — discórdia entre o que teria sido para o outro (a representação do outro) e o que supôs ser (o representante representativo). A função fálica, na qual o ser toma inscrição, encontra o limite na existência do que nega essa função — a barra — função do pai, onde \$ só se relaciona ao que está inscrito do outro lado da barra, ao objeto *a*, que prende o sujeito à fantasia da causa do seu desejo, o Outro.

Trata-se da torção subversiva da condição de equivalência à posição que lhe é conferida na linguagem para a asserção de sujeito na condição de incomensurabilidade que o singulariza como desproporção, a saber, barrado, separado de sua significação. Nessa lógica, não há realidade prévia ao funcionamento da linguagem, tratando-se da suplência ao gozo jamais obtido e do aparelhamento para o gozo possível, em que tudo se ordena no discurso.

É possível constatar que os acidentes implicados nos cruzamentos entre Real, Simbólico e Imaginário são acontecimentos constitutivos da estrutura tridimensional da realidade psíquica de um sujeito qualquer. São suas impossibilidades que permitem deduzir os desastres que a série psicopatológica grave, diferenciada pela psicanálise, localiza nas manifestações infantis qualificadas como autismo, psicose, fenômenos psicossomáticos e debilidade mental. Tais condições subjetivas podem ser consideradas de acordo com a impossibilidade de operar algum dos cinco primeiros cruzamentos da trança, produzindo a inviabilidade dos acontecimentos da estrutura. A hipótese da constituição de um quarto elo, na função de suplência, capaz de produzir nova modalização na estrutura, também é a aposta no tratamento desses quadros.

Outros quadros clínicos ou grupos sintomáticos (fobias, neuroses histéricas e obsessivas, depressão secundária, perversões etc.) dependerão diretamente daquilo que se arma na operação do sexto movimento da trança, ou seja, a operação simbólica que localiza e circunscreve a metáfora paterna. Não obstante, os rearranjos das novas articulações entre as dimensões Real, Simbólica e Imaginária, desdobrados na latência e na adolescência, permitirão estabelecer diferentes traços estruturais ou ainda sustentar aqueles já constituídos anteriormente.

A passagem adolescente implica um importante momento em que cortes reais estruturantes da complexidade psíquica acontecem, pois a possibilidade do encontro sexual traz consigo o encontro com o real da falha constitutiva do ser humano — a não relação sexual. O encontro com o real do sexo faz furo no Simbólico, no Real e no Imaginário, trazendo para o sujeito o mal-estar implicado na impossibilidade da relação sexual (Lacan, 2003e). Se, durante a infância e a latência, o sujeito encontrava-se amparado pela tutela parental, na adolescência o jovem terá que fazer uma reparação própria de seu nó borromeano com as ferramentas de que dispõe em sua estrutura sincrônica, mas não sem os percalços diacrônicos de sua temporalidade que modalizam seus modos de gozo.

3.2 Latência ou o Real da temporalidade

Mais do que uma manifestação fenomenológica da sexualidade, a transposição da masturbação para a realização do ato sexual, operada na

passagem de criança a adulto, implica considerar a latência como o tempo para compreender a castração. O tempo, chamado por Freud de latência, exige a consideração de sua incidência como presença do real na estrutura que traz uma lógica que não prescinde da diacronia. E poderemos constatá-la.

Freud introduziu, nos *Três Ensaios sobre a Teoria Sexual* (1989a), o que até hoje se mantém como ponto de impasse entre os adeptos da concepção de sincronia da estrutura do sujeito. Assim se expressou Jacques-Alain Miller ao se referir ao significante criança:

Essa vocação de dissolver a criança é a dificuldade que introduz esta perspectiva lacaniana. Do ponto de vista do inconsciente, se tomamos a fórmula freudiana de que este não conhece o tempo, pode-se pensar que o inconsciente não conhece a criança tampouco. Assim, a criança seria uma denominação cronológica e quando se é partidário da perspectiva estruturalista, não se pode sustentar que a criança existe. [...] Há uma definição de criança: é o sujeito cuja libido não se deslocou dos objetos primários. Não vou dizer que é uma excelente definição, mas na libido não é indiferente o fator temporal (Miller, 1992, pp. 9-10).

Trata-se da interrogação sobre a condição estrutural da subjetivação e os percalços da temporalidade real, cujas marcas localizam a constituição do sujeito. Apesar de atribuir muita importância à latência e à puberdade, localizando a constituição plena do sujeito apenas nessa última, Freud afirma que o essencial está cumprido com o Édipo por volta dos cinco anos:

A inclinação infantil para seus pais é sem dúvida a mais importante, porém não a única, das sendas que, renovadas na puberdade, marcam o caminho para a escolha de um objeto. Outros pontos de partida com a mesma origem possibilitam ao homem, apontando-lhe sempre da sua infância, desenvolver mais de uma série sexual e plasmar condições totalmente variadas para a eleição de objeto (Freud, 1989a, pp. 235-236).

Nem por isso, Freud deixa de abordar a latência como fator que nomeia como constitucional:

Durante esse período de latência total ou apenas parcial, se edificam os poderes anímicos que mais tarde se apresentarão como inibições no caminho da pulsão sexual e, ao modo de diques, restringirão seu curso (a repugnância, o sentimento de vergonha, as exigências ideais na estética e na moral). Na criança civilizada tem-se a impressão de que o estabelecimento desses diques é obra da educação, e sem dúvida ela contribui muito. Porém, na realidade, essa experiência é de condicionamento orgânico, fixado hereditariamente e pode ocasionalmente ocorrer sem qualquer auxílio da educação (Freud, 1989a, pp.180-181).

Enfim, Freud afirma literalmente o que permite localizar o caráter bifásico da sexualidade. Nos acréscimos feitos aos *Três ensaios*, em 1915, encontraremos outras maneiras de apresentar a questão dos “dois tempos da escolha de objeto”:

O seguinte processo pode reclamar o nome de típico: a escolha de objeto se realiza em dois tempos, em duas ondas. A primeira se inicia entre 2 e 5 anos e o período de latência a detém ou a faz retroceder: se caracteriza pela natureza infantil de suas metas sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a conformação definitiva da vida sexual [...] a eleição de objeto da época da puberdade tem que renunciar aos objetos infantis e começar de novo como corrente sensual (Freud, 1989a, p. 206).

Na infância, a criança é inscrita primeiramente como objeto do Outro. Dessa perspectiva, como diz Nominé (1999)⁹, ela é um brinquedo erótico para os pais e ela goza dessa posição em que é colocada, mas não detém nenhum saber articulado sobre o gozo nesse lugar em que é posicionada. É o que permite dizer que a sexualidade infantil é polimorfa: ela desconhece a finalidade e as modalidades da reprodução sexual (Freud, 1989a). Não tem acesso nem ao ato sexual nem ao ato discursivo porque, por um lado, a despeito da exigência pulsional, sua condição orgânica impõe uma impossibilidade de realização. Por outro, sua fala muitas vezes não é reconhecida em um estatuto discursivo e jurídico. Portanto, se a criança goza na infância, é sem domínio do saber sobre o gozo e é o que permite o primeiro tempo da construção fantasmática em que, a despeito de responder a uma falta do grande Outro, a criança não tem domínio do seu ato.

A sexualidade adulta supõe o encontro com o outro sexo e o saber sobre a procriação. Essa condição de saber sobre o gozo é o que implica no sujeito a responsabilidade sobre seu ato. Entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta temos o período de latência em que a sexualidade infantil é abandonada, esquecida, e o sujeito trabalha sua inclusão no campo do saber.

Na latência, ao mesmo tempo em que a sublimação ganha espaço psíquico mediante o que Freud chama de pulsão de saber — cuja origem reside na curiosidade sexual —, a fantasia inconsciente continua seu processo de construção e se fortalece, manifestando-se nas brincadeiras e nos devaneios (Freud, 1989c).

⁹ Cf. Nominé, B., (1999).

Ou melhor, a pulsão de saber e a pulsão sexual caminham entrelaçadas na latência e desempenham uma importante função preparatória para a construção da fantasia do sujeito (Viola & Vorcaro, 2013).

Em *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro* (2008b), Lacan, baseando-se no conceito marxista de mais valia, modifica sua concepção de objeto *a*.

Pelo início do funcionamento do organismo, constata-se que o objeto *a* pode assumir a imagem das entidades evanescentes cuja lista já forneci, que vão do seio à evacuação e da voz ao olhar. Essas são outras tantas fabricações do discurso da renúncia ao gozo. O que impulsiona essa fabricação é isto: em torno delas pode produzir-se o mais-de-gozar (Lacan, 2008b, p. 22).

Dessa forma, para Lacan, o objeto *a* tem uma função de mais-de-gozar, que é uma função de renúncia ao gozo sob o efeito da linguagem. O autor também, nesse seminário, passa a pensar o saber como efeito dessa renúncia ao gozo, ligando-o ao mais-de-gozar.

O ponto essencial da descoberta psicanalítica é o passo decisivo dado por Freud ao revelar a relação entre a curiosidade sexual e toda a ordem do saber, isto é, a junção do *a*, por um lado, ou seja, aquilo em que o sujeito pode encontrar sua essência real como falta-de-gozo e mais nada, seja qual for o representante pelo qual ele tenha que se designar em seguida, e, por outro lado, o campo do Outro, na medida em que nele se ordena o saber, tendo no horizonte o campo, proibido por natureza, do gozo, com o qual o gozo sexual introduz um mínimo de relações diplomáticas, que direi serem muito difíceis de sustentar (Lacan, 2008, p. 312).

O período de latência é condição estrutural necessária à separação entre gozo e saber, é o tempo para compreender a castração a que todo sujeito está submetido. Na latência, a criança procura os meios de responder à existência da falta de saber do Outro, descobrir uma posição em que possa situar um saber em relação à alteridade.

Assim, a aquisição de conhecimento, operada pela educação, conduz a criança a deslocar-se de um gozo autoerótico para enlaçar-se nas modalidades de gozo que o campo social ordena, por meio do aparelhamento que a linguagem produz. O sujeito sai da posição infantil, onde é objeto do Outro, para construir seu próprio mito, em que o grande Outro é não todo, por meio das articulações e “hiências” significantes que o tesouro cultural lhe oferece. Posteriormente, é o que

permite ao sujeito adolescente, com a maturação do objeto *a* (Lacan, 2005a), estabelecer sua fantasia fundamental e suas condições de gozo.

Nessa perspectiva, é um momento de passagem estrutural em que o sujeito olha por trás de seu período de latência para saber do gozo perdido na infância, aparelhando-se para o gozo no encontro com o outro sexo. Olhar por trás da latência permite confrontar-se com a desmontagem da promessa edípica construindo uma outra versão de sua realização.

Porém, no mundo pós-moderno, o período de latência se mostra cada vez mais curto, muitas crianças apresentando comportamentos de uma “adolescência precoce”, expostos ao império da imagem da mídia e da *internet*, onde um excedente de gozo se faz presente e também uma grande erotização do corpo. Aliado a esse panorama, temos uma descrença no saber, em que os sintomas contemporâneos do mal-estar na educação assomam como nomenclaturas de manuais psiquiátricos: TDAH, dificuldades de aprendizagem, hiperatividade, etc., que induzem a um processo de medicação e segregação que começa cada vez mais cedo. Além disso, atestamos uma permissividade paternal sem precedentes, e uma impotência de pais e educadores em lidar com o “problema”. Todo esse contexto não se revela nada promissor quando o real biológico, enfim, dispara a puberdade, pois, conforme nos ensina Lacan (2008b), o desejo de saber trabalhado durante a latência é essencial para a posição do sujeito em relação ao gozo sexual.

3.3 Adolescência: o encontro marcado com o Real

A adolescência é um período traumático que interroga não somente os pais, mas também os diversos saberes científicos que atuam sobre ela e ainda toda a sociedade. Freud (2013), em um pequeno texto para introduzir a questão do suicídio entre adolescentes, já se mostrava preocupado com a fragilidade psíquica observada nesse momento da vida, e nos fala de “substitutos para o trauma”, colocando que é preciso inventar dispositivos que auxiliem o adolescente na fase de transição. Para Freud, não basta evitar o pior, é necessário que o adolescente tenha o desejo de viver, em um tempo no qual se faz necessário um imenso trabalho

psíquico para se tornar um adulto. Assim, é preciso dar sustentação e ponto de apoio no lugar onde o laço familiar está tão distendido.

O equilíbrio adquirido durante a infância e a latência não é mais suficiente para responder às questões essenciais de todo sujeito humano: como se desligar de seus pais, como encontrar o outro sexo, como assumir sua própria sexualidade, o que é o amor? Essas indagações, desencadeadas pela presença do Real da puberdade, são tratadas no nível do Imaginário e do Simbólico. Cada adolescente precisa descobrir as modulações possíveis — diferentes para cada um — entre Real, Imaginário e Simbólico, para viver uma sexualidade que não coloque em perigo a realização de si (Deltombe, 2010).

Os efeitos da passagem adolescente sobre a realidade psíquica são contundentes. Transformação corporal e encontro sexual tornam diretamente realizável o que, até então, vigorava na fantasia. Esses disparadores do trabalho psíquico causados pela nova onda libidinal do período crítico da puberdade foram distinguidos por Freud (1989a; 1989f):

- abandono do autoerotismo para o encontro com o objeto e o posicionamento do sujeito no campo da sexualidade, terreno preparado desde as experiências da infância;
- reorganização da vida psíquica para o desfecho da vida sexual adulta, pois os estágios pré-genitais são “uma espécie de organização frouxa”, a terem uma nova amarração na puberdade, em que podem surgir perturbações patológicas decorrentes das novas solicitações da vida sexual;
- revivescência do Complexo de Édipo e o desligamento dos pais para que possa encontrar um objeto amoroso real externo;
- definição da configuração definitiva da vida sexual, organizando as pulsões parciais sob o estabelecimento da primazia dos genitais, cujo remate é a escolha de objetos sexuais diferentes dos da infância.

O fenômeno pubertário se traduz por uma perturbação do equilíbrio que se tinha, mais ou menos, conseguido no fim da infância e latência, que se caracteriza por uma imperiosa necessidade de gozo que se faz sentir, e que não é mais capaz de ser restaurado pelos pais. Os fantasmas incestuosos, assim como a permanência de uma satisfação autoerótica, ficam no caminho de uma abertura em direção ao Outro e ao outro sexo. Freud aponta esse imenso trabalho psíquico da adolescência como um desenvolvimento ideal da sexualidade humana, já assinalando, dessa

forma, uma impossibilidade, uma falta, pois que fala de um “ideal” a ser perseguido, e sabemos que não há uma reunião entre o amor e a pulsão e que muitos sujeitos jamais abandonam o autoerotismo ou seus objetos primários.

A escolha de objeto da época da puberdade tem que renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual. A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos ideais da vida sexual — a conjugação de todos os desejos num único objeto (Freud, 1989a, pp. 187-188).

Já na obra *Um estudo autobiográfico*, Freud (1989i) recapitula suas principais contribuições à psicanálise e não deixa de citar a puberdade como o momento no qual os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança se tornam reanimados e, entre eles, os laços emocionais do seu complexo de Édipo: “na vida sexual da puberdade, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos de uma criança e as inibições do período de latência”. Em *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud (1989j) assinala a puberdade como um capítulo decisivo na história de uma neurose obsessiva. A organização genital interrompida na infância retorna com grande vigor. Os impulsos agressivos serão despertados e outros novos ímpetos libidinais “maus” surgirão como predisposições destrutivas. Em razão das tendências eróticas se disfarçarem dessa maneira e das poderosas formações reativas do ego, a luta contra a sexualidade se dará sob a bandeira dos princípios éticos.

Em relação às considerações sobre a adolescência, Anna Freud (1995) e Melanie Klein (1975) seguem a trilha deixada por Freud (1989a), entendendo a puberdade como o segundo tempo do despertar da sexualidade, cujo excesso libidinal desestabilizaria as bases obtidas na infância, exigindo novos rearranjos para o pleno desenvolvimento da sexualidade “normal”. Em virtude desses rearranjos, acontecem intensas defesas, para Anna Freud, ou um despertar da angústia, para Melanie Klein.

Ultrapassando as considerações da problemática adolescente nas defesas ou angústias internas do sujeito, a contribuição de Winnicott (1982; 2005) localizou a articulação delas com as modalizações familiares de laço, situando a privação e a carência do meio familiar como raiz da tendência antissocial verificada na adolescência, e como um apelo direcionado ao Outro. A questão principal para o autor seria como essa organização preexistente do Eu reagiria à nova investida do

inconsciente. Como se acomodarão as mudanças da puberdade ao padrão de personalidade específico de cada sujeito?

Pode-se notar que todos os escritores citados ressaltam o valor do biológico e do excesso libidinal na puberdade, porque esse é um tempo em que o organismo funciona como um “desencadeador de angústia”, sinalizando o seu desamparo e exigindo um processo de reorganização psíquica. A adolescência constitui um momento em que a angústia se encontra presente, seja pelo real biológico das transformações corporais, seja pela separação das figuras parentais, seja pelo encontro com o sexo.

A aproximação entre adolescência e angústia foi feita por Freud em seus comentários à conferência proferida por Reitler sobre a encenação *O despertar da primavera*, na sessão de 13 de fevereiro de 1907 da Sociedade Psicanalítica de Viena. O enredo tem como tema principal as descobertas e angústias de três adolescentes, Melchior, Moritz e Wendla, diante das questões suscitadas pela sexualidade e pela existência. Ao final da peça, Melquior, angustiado, está fugindo de um reformatório. Nesse momento, aparece o Homem Mascarado, e Melchior lhe pergunta se ele não é seu pai e que garantia teria, caso o seguisse. O Homem Mascarado diz: “O senhor seu pai procura consolação nos braços fortes de sua mãe. Eu abro-te as portas do mundo. A tua perplexidade momentânea é resultado de teu estado miserável” (Wedekind, 1991, p. 172).

Freud, em suas ponderações, diz que o encontro com o Homem Mascarado equivale ao encontro de Édipo com a Esfinge:

O inquérito a que foi submetido o “Homem Mascarado” não é apenas humorístico, ele esconde ideias mais profundas: o demônio da vida é, ao mesmo tempo, o diabo (inconsciente); de alguma maneira é a vida que responde a um exame. Uma tal interrogação caracteriza os estados de angústia. Em um acesso de angústia o indivíduo coloca-se, por exemplo, a examinar a si mesmo, digamos, para ver se mantém ainda toda a sua razão. O exame de Édipo [pela Esfinge] é igualmente ligado à angústia; atrás da Esfinge esconde-se a angústia (Esfinge significa: o estrangulador). A questão que está na base de todos os exames é a questão suscitada pela curiosidade sexual da criança: de onde vêm os bebês? A esfinge coloca a questão inversa: o que é quem vem? O homem. Mais uma neurose começa por esta questão (Freud, 1907, p. 136).

O encontro de Melquior com o Homem Mascarado vem interrogar sua existência, “o que é quem vem?”, e o incita a procurar sua própria resposta, sem garantias do Outro, aproximando-se da condição de desamparo vivenciada na

adolescência. Esse período seria, então, um “momento prototípico da dimensão do desamparo” do ser humano, resultando daí a desconfiança do adolescente em relação ao laço social, cujos efeitos podem ser constatados pelas criações de novas construções linguísticas, dos excessos sintomáticos e de uma forma, mais grave, da própria aproximação do sujeito com a morte (Gutierra, 2008, p. 34).

Assim, temos na puberdade uma nova onda libidinal, num sujeito amarrado frouxamente, sem um objeto definido capaz de alojar essa irrupção da libido. A solução anterior do autoerotismo não lhe serve mais como endereço, e o desligamento dos pais acirra o desamparo fundamental: as referências simbólicas são precárias diante desse real, a imagem do corpo está alterada e o objeto visado ainda não se conformou no horizonte.

A mola propulsora para os desdobramentos lacanianos sobre a adolescência é a constante tensão entre a idealização da completude genital desejada por Freud (e pelos pós-freudianos) e o completo desamparo implicado na constatação da impossibilidade da satisfação na conjunção sexual¹⁰.

Lacan pouco tratou da puberdade ou da adolescência. Mas em um breve texto escrito sobre a mesma peça teatral, ele nos esclarece que o mal-estar na adolescência é em razão da disjunção entre o Ideal do Eu, instituído como promessa prorrogada desde o Édipo, e a constatação, a partir da puberdade, da impossibilidade de sua realização no encontro sempre mal-sucedido com o outro sexo, isto é, da inexistência da relação sexual.

O despertar da primavera é uma criação do dramaturgo alemão Frank Wedekind, escrita em 1891. Tem como subtítulo *Uma tragédia da juventude*, e foi dedicada por ele ao Homem Mascarado, personagem que aparece na última cena e que, na época de sua primeira encenação, foi representado pelo próprio Wedekind. Nota-se a singularidade dessa dedicatória, pela qual o autor faz “ex-sistir” um significante de sua ficção — o homem mascarado —, estando esse significante exercendo a função de nome próprio, como uma versão do pai.

Em 1974, Lacan escreve seu comentário sobre *O despertar da primavera* para o programa da montagem dirigida por Brigitte Jaques. Nessa mesma época, os

¹⁰ Conforme citado por Fuentes (2003, p. 64), Freud, apesar da formulação da pulsão genital, em seu artigo de 1932, *Feminilidade*, já havia se deparado com o problema da inexistência da relação sexual, por meio do fundamento de que a função sexual não repousava na natureza, de que não haveria, no inconsciente, como localizar a oposição masculino e feminino, pois a polaridade ativo-passivo ou o masoquismo feminino não respondiam pela questão do que é ser uma mulher.

principais pontos de elaboração em seu ensino se fixavam sobre o conceito de gozo, a existência ou não da relação sexual e a abordagem sobre a sexualidade humana. O prefácio foi escrito entre os seminários 21: *Le non-dupes errent*, e 22: *R. S. I.*, e Lacan destaca um modo particular de versão paterna na obra de Wedekind — o homem mascarado como semblante. A década de 70 é um período de mudanças na teoria lacaniana, de consolidação da pluralização do Nome-do-Pai e da criação do termo *père-version*¹¹.

O prefácio elucida alguns conceitos trabalhados por Lacan no nó borromeano, principalmente a relação do sentido com o gozo fálico. O gozo do sentido é o que vai dar consistência à significação fálica, e o gozo fálico é o substituto do gozo impossível, é o gozo oriundo da castração, lugar onde o sujeito, para se proteger da inexistência da relação sexual, inscreve-se na função fálica. O gozo fálico aparece como o tipo de gozo emergente na adolescência, quando algo no corpo se agita e o sujeito não tem um saber pronto sobre o que lhe acontece. Mas também encontramos vários adolescentes submetidos ao gozo do Outro, que é sentido como algo corporal, mas alheio à função fálica que é a função da palavra, totalmente fora do Simbólico.

Segundo Elkin (2014), quando a significação é imaginária e o significante fálico condensa essa significação com o gozo, há uma relação entre sentido e gozo, permitindo que os adolescentes possam dar um sentido a esse gozo, mas também podendo algo escapar a essa significação e conduzir alguns sujeitos ao pior, como no caso de Moritz, um dos personagens da peça. Esse é um ponto importante, pois os dilemas vividos pelos adolescentes em *O despertar da primavera* e as considerações de Lacan sobre eles podem ser válidos para todos os adolescentes.

Lacan diz que a sexualidade faz furo no real para todos os sujeitos, levantando assim o véu da não relação sexual: “apontei a ligação de tudo isso com o mistério da linguagem e com o fato de que é ao propor o enigma que se encontra o sentido do sentido” (Lacan, 2003e, p. 558). Ele escreve que o sentido do sentido

¹¹ De acordo com Elkin (2014), a teoria do Nome-do-Pai foi construída por Lacan nos anos 50 com a formulação da Metáfora Paterna, cuja referência principal é *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1999) e o escrito *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1998a). Nos anos 60, Lacan vai traçando um caminho desde *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1998c) até *O seminário, livro 10: A angústia* (2005a) que desemboca na pluralização do Nome-do-Pai, seguida de sua excomunhão da IPA e a lição interrompida *Nomes-do-Pai* (2005b). Com o nó borromeu, nos anos 70, Lacan retoma e consolida a pluralização do Nome-do-Pai.

relaciona-se com o que se liga ao gozo do menino como proibido, não para proibir-lhe a relação sexual, mas para cristalizá-la na não relação no que ela tem de real. Dessa forma, o sentido do sentido é o Real do sentido — é o que volta sempre ao mesmo lugar, “ex-sistindo” ao sentido. Além do sentido “imaginarizado” na fantasia dos adolescentes sobre a relação sexual, há um Real do sentido que se produz nesse despertar da primavera, apontando para a não relação que o véu esconde. “exerce função de real aquilo que efetivamente se produz, a fantasia da realidade comum” (Lacan, 2003e, p. 558).

E comenta que Wedekind antecipa Freud largamente, que, nessa mesma época, ainda cogitava o inconsciente e sua estrutura. A peça gira em torno do despertar da sexualidade dos jovens e, como mencionado, seus principais personagens são Wendla, Melchior, Moritz e o Homem Mascarado.

Na primeira cena, aparece Wendla experimentando um vestido para o seu aniversário de 14 anos. Ela questiona por que a mãe lhe fez um vestido tão longo, e ouve que uma mocinha não pode mais andar com vestido curto de criança. Wendla responde que preferia continuar com treze anos ou ter logo vinte, saltando a época da penitência, pois vestido longo, para ela, era como roupão de penitência.

Algumas cenas depois, na ocasião do nascimento do terceiro sobrinho, Wendla pergunta à mãe de onde vêm os bebês, pois não pode mais acreditar na cegonha. A mãe, perturbada com a pergunta da filha, pede-lhe que esconda o rosto em seu avental e, então, lhe diz que, para se ter um filho, é preciso amar o homem com o qual se casou. Depois da explicação, diz-lhe que seu vestido está muito curto e que assim que tiver tempo descerá um palmo da bainha, marcando novamente a passagem da filha de criança a mocinha.

A adolescente conversa ingenuamente com as amigas sobre os meninos. O tema que mais a atrai é o desabafo de uma amiga que é espancada pelo pai. Wendla demonstra interesse em colocar-se no lugar da amiga para poupá-la dos abusos do pai.

Na segunda cena, Moritz e Melchior falam sobre impulsos sexuais. O primeiro conta seu sonho: “...pernas com meias azul-celeste, que iam a subir por cima da secretária do professor — para ser franco, pensei que elas queriam ir lá para cima.” (Wedekind, 1991, p. 48). Moritz diz sentir uma angústia mortal desde o sonho. Melchior lhe responde que já estava mais ou menos preparado para isso e que um

outro amigo, três anos mais velho que ele, ainda hoje só sonha com tortas de creme e geleia de damasco. E conclui que não há idade certa para o aparecimento de tais fantasias.

Nessa mesma cena, Moritz confessa a Melchior desconhecer como veio ao mundo, assim como o que são as coisas indecentes nas quais pensa ao falar com as meninas. Diz já ter procurado nos dicionários de A a Z, encontrando apenas palavras, sem nenhuma explicação. Ele demonstra pavor em relação aos temas ligados à sexualidade, pedindo que Melchior os escreva para que possa lê-los sem querer. Quando Moritz relata haver lido o que Melchior escreveu, ele diz assim:

Acho que li a maior parte de olhos fechados. As tuas explicações soavam-me aos ouvidos como uma série de recordações obscuras, como uma canção que em criança se cantou com alegria, e que surge depois, avassaladora, quando se está a morrer, vinda da boca de outrem (Wedekind, 1991, p. 90).

Moritz vive angustiado, preso na tentativa de passar de ano em um colégio extremamente rígido, para que seu pai não tenha um ataque ou que a mãe fique louca. Anuncia seu suicídio no início da peça, mostrando-se alienado ao desejo dos pais e respondendo aos seus imperativos com a vida, caso não consiga passar de ano. Moritz é reprovado na escola e decide-se pelo suicídio, precipitando-se fora da cena. A caminho de efetivá-lo, é abordado por uma mulher que o convida para os ensinamentos sexuais, mas sua opção é a morte.

O despertar da sexualidade em Moritz lhe provoca uma intensa angústia que o desperta de seus sonhos e o embaraça, pois ele não sabe o que fazer, não tem representações que possa ligar-se a esse gozo. Quando o sujeito está submetido ao gozo do Outro algo escapa ao sentido e o empuxa à morte, conforme Lacan (1975[1974], em 21/01/75) nos diz: “a representação se separa inteiramente do gozo do Outro”, referindo-se aqui à posição de “ex-sistência” do Simbólico nesse gozo, quer dizer, o gozo do Outro está fora da linguagem.

O percurso de Melchior se faz por outro caminho: ele entra na puberdade advertido do que poderia encontrar. Sua educação foi liberal, sendo possível dar tratamento às suas questões sobre o sexo. Sobre a reprodução ele já sabe: “a gente podia pensar que todo o mundo girava à volta do pênis e da vagina” (Wedekind, 1991, p. 90). Suas questões retornam sobre o gozo da mulher, mostrando-se intrigado sobre o prazer de Wendla em ajudar os pobres. Mais tarde, depois do ato sexual consumado com Wendla, esta lhe diz não querer beijar, pois as pessoas se

beijam quando se amam. Ele responde: “oh, acredita-me, não há amor!... Tudo é interesse, tudo egoísmo!... amo-te tão pouco como tu me amas a mim...” (Wedekind, 1991, p.105).

Ambos retratam o ato sexual que tiveram como fora da esfera do amor. Seria apenas da ordem de uma descarga pulsional, ou algo do sujeito se revela nesse encontro? Wendla compõe uma fantasia edípica nesse primeiro ato sexual, pedindo que Melchior bata nela com uma varinha. Ela sai dos jogos infantis e entra no campo da sexualidade, construindo uma cena fantasiada, originária da cena depreendida da descrição da amiga sendo espancada pelo pai. Já Melchior parece demonstrar uma busca de saber sobre o Outro sexo.

Depois do suicídio de Moritz, Melchior é expulso da escola pelas palavras escritas ao amigo sobre a reprodução. Seus pais também o condenam ao reformatório depois da transgressão com Wendla. Melchior foge do reformatório e descobre que Wendla havia falecido, vítima de um aborto forçado pela mãe. Nesse momento, ele se depara com a única coisa para a qual não estava preparado: o reino dos mortos. Mesmo tendo o conhecimento sobre a sexualidade, algo lhe escapou: o que dela se articula com a morte (Lopes & Saruê, 1991).

O fantasma de Moritz aparece para Melchior com a cabeça debaixo do braço, convidando-o para o mundo dos mortos. Entra em cena o Homem Mascarado e diz a Melchior para ir embora, que ele tem fome e não está em condições de decidir nada. Melchior pede que o Homem Mascarado diga seu nome, desconfiando que ele seja seu pai. O Homem Mascarado lhe diz que seu pai buscara consolação nos braços de sua mãe e que ele, Homem Mascarado, abre-lhe as portas do mundo. Melchior segue o Homem Mascarado. Moritz, então, constata que o Homem Mascarado lhe apareceu sob a forma de mulher, mas reconhece que não há mais possibilidades de ser salvo.

Em seu *Prefácio a O despertar da primavera*, Lacan nos lembra como é, para os meninos adolescentes, fazer amor com as mocinhas: ao pensarem nisso, despertam de seus sonhos. O encontro da sexualidade na adolescência, mais do que fazer sentido, “faz furo no real” (Lacan, 2003e, p. 558), instalando o mal-estar diante do encontro com o real do sexo, que escapa a uma simbolização possível e deixa o sujeito sem palavras.

Lacan nos mostra que nem tudo pode ser articulado ao significante. Assim, há os sonhos com torta de creme e geleia de damasco contados por Melchior, para a angústia do encontro com o real da sexualidade. É no para além dos sonhos, no despertar dos sonhos que os adolescentes se deparam com a pulsão, com aquilo que não tem, para eles, uma representação (Lopes & Saruê, 1991).

Para Lacan, a peça de Wedekind demonstra que a relação sexual é malsucedida para todos, e é na adolescência que essa questão aparece de forma contundente, pois a fantasia de um gozo pleno, a possibilidade de completude, de um gozo absoluto falham, como se pode verificar no encontro sexual de Melchior e Wendla. Desse modo, a passagem da adolescência está ligada, mais do que às transformações corporais e à ativação das pulsões sexuais, a uma verificação da inexistência da relação sexual.

Desconectados os dois sexos só têm a chance de se conjugar normalmente de um modo capenga. O ato sexual não tem, para o homem e para a mulher, nem a mesma função, nem o mesmo valor e não é o que permite fundar entre eles uma relação intersubjetiva (Rassial, 1999, p. 20).

A “sexualidade normal” não emprega a mesma via no homem e na mulher, e é na adolescência que ocorre essa divergência. Se, na relação com o falo, homem e mulher se engajam de formas diferentes — ter ou não ter o falo —, é na adolescência que essa desigualdade toma um novo sentido, pois a questão da relação sexual torna-se atual.

Outro tema tratado por Lacan é o processo de posicionar-se como homem ou mulher, ao afirmar que os dois jovens, Melchior e Moritz, se colocam no campo da sexualidade de forma diferente. Melchior situa-se no “Um-entre-os-outros, por entre os seus semelhantes” (Lacan, 2003e, p. 558), assumindo uma posição masculina. Todo homem é submetido à função fálica, exceto o pai do mito da horda, que foi uma exceção à castração, e que dita a lei do incesto, podendo gozar de todas as mulheres. Assim, todos os homens estão submetidos à castração, são “Um-entre-outros”, constituindo o grupo de homens em torno de uma figura de exceção (Gutierra, 2003, p. 61).

Como nos indica Lacan:

Moritz, em nosso drama, consegue excetuar-se, no entanto, e nisso Melchior o qualifica de menina. E tem toda razão: a menina é apenas uma e quer continuar assim, o que é jogado para escanteio no drama (Lacan, 2003e, p. 558).

Moritz não está totalmente submetido ao significante fálico e à castração, tal como representado na peça, quando aparece com sua cabeça cortada carregada no braço (Gutierra, 2003, p. 62).

O fantasma de Moritz encarna o *non-dupe*, o não incauto, o desenganado errante que vem denunciar o engano do mundo dos vivos. Ele prescinde dos semblantes e se dedica a denunciar sua falsidade, numa posição cínica, cultivando um gozo solitário em seu isolamento (Godoy & Schejtman, 2011). Tal como ele o diz ao convidar Melchior para que o acompanhe ao reino dos mortos:

A nós já nada nos toca, nem o bem nem o mal. Estamos acima, muito acima do terreno — cada um por si, isso nos aborrece demasiado. Nenhum de nós cultiva o que quer que seja que possa vir a perder. Somos infinitamente superiores tanto à dor como ao júbilo (Wedekind, 1991, p. 167).

O Homem Mascarado que aparece no final do drama, quando Melchior está sozinho sem seus pais, recebendo o convite de Moritz para juntar-se ao mundo dos mortos, representa um dos Nomes-do-Pai; ele sustenta a função paterna:

Mas o Pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como *ex-sistência*. Ou seja, a aparência (*semblant*) por excelência. E o “Homem Mascarado” o diz nada mal (Lacan, 2003e, p. 559).

Na adolescência, com a constatação de que o pai não é o detentor do falo e que também é submetido à castração, o jovem tem de procurar esse pai do nome que sustenta a função paterna e a própria vida do sujeito. Diante do que faz “furo no real”, a saída pode se dar pelo encontro com algo que faça às vezes de uma versão do pai, um dos Nomes-do-Pai que, pelo semblante, pelo simulacro, forneça uma sustentação para o sujeito.

Nome próprio, Metáfora paterna (Nome do Nome-do-Pai), Nome “ex-sistente” (Nome do Nome do Nome) marcariam três operações constitutivas, atos de corte instituintes, nomeações que implicam, no nome do nome do nome, a constituição do quarto elo do nó borromeano? Tratar-se-ia, no nome do nome do nome, de “prescindir do Nome-do-Pai com a condição de nos servirmos dele?” (Lacan, 2007, p. 132).

No mesmo ano que escreveu o prefácio a *O despertar da primavera*, Lacan também trabalhou, em seu *Seminário 22: R. S. I.*, (1975[1974]), o nó borromeano e a necessidade do quarto elo que enodaria Real, Simbólico e Imaginário. Esse quarto

registro, naquele Seminário, foi desdobrado em nomeações, e Lacan articulou-as ao trio freudiano: inibição, sintoma e angústia. Ao quarto anel, acrescentou o que seriam nomes do pai, nome do nome do nome, nomeações paternas que manteriam a realidade psíquica enlaçada a um sujeito qualquer.

Diante do exposto, podemos constatar a importância do período da adolescência para a construção de uma nomeação própria que suporte o nó borromeano. Além da sincronia de estrutura, esse quarto elo supõe a diacronia de acontecimentos constituintes do sujeito. Não basta o “não” do pai, também não basta estar inscrito na Metáfora Paterna, é um momento em que todo sujeito tem que refazer esse nó, esse “caroço” do Nome-do-Pai, retrazando sua biografia e reparando sua imagem.

Na temporalidade de seu adolescer, o sujeito constata, por seus atos e por suas inibições, que ele não equivale à posição que lhe foi atribuída por um outro, seus referentes parentais, nem ao lugar que ele mesmo supunha ter. Nos hiatos de seus deslocamentos identificatórios, o sujeito realiza sua incomensurabilidade e se vê em posição de ter que contar consigo mesmo e constituir a credibilidade que o orienta nos laços sociais. O tornar-se crível para si mesmo, ainda que carregado dos aspectos ficcionais aí implicados, permite ao sujeito sustentar a perspectiva de posicionar, organizar, qualificar, classificar, equacionar, enfim, numa palavra, tratar essas decorrências do ato de nomear, com sua própria unidade de medida, o campo da realidade que o afeta.

É por tais considerações que se poderia localizar na adolescência um novo enodamento entre as dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário, que Lacan nomeou como nomeações, a saber, aquilo que o sujeito constituiu e diferiu, com base no processamento de suas identificações com os que, para ele, fizeram funções parentais. Essa nomeação é a modalização singular inventada pelo sujeito, a que este se refere por nela crer, posto que constitui a rede de traços tensionados de sua constelação psíquica. Se Freud a nomeou “realidade psíquica”, ela consiste no que Lacan convencionou localizar por meio da expressão pluralizada Nomes-do-Pai.

Stevens (2004) nos indica que a adolescência é a forma sintomática de resposta ao surgimento do real, que é a puberdade. O real da puberdade pode ser abordado a partir da constatação de Lacan (1998d) de que a libido é um “órgão fora

do corpo”, porque o impulso hormonal está marcado pela linguagem, que ultrapassa e reconfigura o empuxo biológico. O real da puberdade não se reduz ao surgimento hormonal, mas a esse órgão marcado pelo discurso (Lacan *apud* Stevens, 2004, p. 32), isto é, pelos esgarçamentos e mal-entendidos que incidem no discurso.

O autor nos esclarece que o real da puberdade engloba as três definições de real trabalhadas por Lacan ao longo de seus *Seminários*:

- a) o real enquadrado pela fantasia como um véu sobre o impossível. Trata-se da emergência de algo novo para o qual o sujeito não tem resposta e no qual sua fantasia claudica, produzindo uma emergência do real. A imagem corporal se modifica; o corpo de criança não mais existe e o “tornar-se adulto” ainda não aconteceu. A identificação simbólica também se mostra alterada, pois o adolescente tem que operar uma separação dos pais e, ao mesmo tempo, criar novos ideais, não mais de identificação com o pai, mas com certos traços tomados de outras pessoas (Stevens, 2004, pp. 33-34). Vale ressaltar que Freud (1989a) nos diz que, se o púbere encontra uma figura de peso que não seja seu pai, sua puberdade se desenvolverá bem, pois lhe permitirá se separar das figuras parentais e encontrar uma regulação simbólica pelo viés do pai¹².
- b) o real como *tiké*, abordado por Lacan em seu *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1998d), também citado por Stevens (2004) e tomando como referência Aristóteles e seus dois modos de encontro — a *tikée* o *automaton*. Este é a própria repetição, fazendo ressurgir o que já se conhece, sendo a verdadeira concatenação significante. Já a *tiké* é um encontro com o desconhecido, sem uma fantasia prévia ou significantes dados de antemão. Para Stevens (2004, p. 34), o adolescente também está inundado por algo novo que surge e a ele faltam palavras para nomeá-lo.
- c) O real da não relação sexual em que falta o saber é tratado por Lacan no *Seminário* citado acima (1998d). A puberdade seria o protótipo dessa não relação sexual, dessa falta de saber. Não há um saber instituído sobre a relação entre homem e mulher, como no caso dos animais que o adquirem pelo instinto.

Sob essas perspectivas, Stevens propõe a seguinte definição para o real da puberdade:

é a irrupção de um órgão marcado pelo discurso na ausência de um saber sobre o sexo, na ausência de um saber sobre o que se pode fazer em face do outro sexo. Resta, então, a cada um inventar sua própria resposta.” (Stevens, 2004, pp. 34-35).

¹² Constata-se hoje uma dificuldade maior dos adolescentes em encontrarem essa regulação simbólica pela via do pai, pois as transformações da função paterna, assim como do laço social, tornaram essa “passagem” mais complexa.

Para o autor, há saídas factíveis para a adolescência, mas também é possível não sair dela totalmente e, então, a adolescência se prolonga ou deixa lugar aos novos sintomas. A saída da adolescência pode ser orientada pelo Ideal do Eu. Também é plausível outra saída: que o jovem se oriente para o imaginário. Essa é uma eleição que se faz na adolescência, porque é esse o momento que o sujeito se orienta para esse sentido (Stevens, 2000, p. 52).

Constata-se, na atualidade, uma variedade de saídas imaginárias proporcionadas pela exacerbação da imagem, via internet e mídias sociais, numa tentativa de o adolescente dar consistência ao seu corpo próprio passando por identificações imaginárias, muitas vezes maciças e sem intermediação do simbólico.

Quando a saída da adolescência se volta para um novo Ideal do Eu, o jovem faz uma nova eleição com o significante, que pode ser um nome, uma profissão, um ideal, uma mulher ou uma missão no mundo: é fazer um sintoma com um envoltório significante com o qual se pode ter uma satisfação (Stevens, 2000, p. 52).

Rassial (1999) também distingue e esclarece os constrangimentos do Real, do Simbólico e do Imaginário na adolescência.

- O real: sendo o corpo constituído no imaginário e apoiado no simbólico, a ocorrência da puberdade fisiológica marca a presença do real no corpo, pois implica a transformação que extrapola a imagem previamente concebida¹³. Mas o real também sobrevém com a constatação do impossível da relação sexual. A criança, até então sustentada na promessa de que, ao preço de uma renúncia provisória, teria acesso ao verdadeiro gozo, descobre que, embora possa chegar à genitalidade, o objeto de seu desejo e o Outro não são reconciliados no ato sexual.
- O imaginário: um novo desenvolvimento imaginário que sustente a imagem do corpo e a consistência do Outro, por meio de uma redistribuição do mundo objetual será necessário na adolescência, para que o sujeito não caia no real. O imaginário secreta seu limite “egoico”: a impotência. Para dar sentido à vida é preciso pagar o preço de um dano irreparável à imagem infantil do corpo. A ênfase na genitalidade leva o adolescente a dar ao Outro a consistência imaginária do Outro sexo.
- O simbólico: é a mudança de posição na cadeia de gerações, que localiza o adolescente como virtualmente pai. O sujeito passa da extensão mínima da cadeia simbólica à sua extensão máxima: há que

¹³ Cabe lembrar que, para além da adolescência, a presença do Real no corpo também se manifesta na angústia, na gravidez e na doença orgânica.

provar que o microcosmo familiar não é fundador, é apenas uma fórmula imaginária delegada, socialmente, de uma estrutura simbólica e que o laço social é outra fórmula.

A ordem dos significantes é abalada em três níveis: ⁽¹⁾ *significante mestre*: a submissão ao adulto, por meio da ordem parental não mais garante a identidade, o desejo escapa dessa captação; ⁽²⁾ *significante fálico*: não garante uma relação válida com o outro sexo, será preciso fundar a intersubjetividade aquém ou além desse significante; ⁽³⁾ *Nome-do-Pai*: não é mais sustentado pela relação familiar, tendo que ser validado de modo destacado do pai da realidade e de todo pai imaginário, podendo então se escrever no plural: a mulher, o sintoma, etc.

Enfim, na adolescência, o significante se confessa enganador e o simbólico, frágil.

Momento lógico de apropriação do sintoma sexual, a operação que se efetua na adolescência obedece ao que é recalque secundário de representações insuportáveis para o eu, mas também vem completar, confortar, validar o impasse fundador do recalque originário, pois faz o sujeito entrar numa história possível, remetendo à pré-história (infância) os traços disso que o produz.

As considerações de Stevens (2000; 2004) e Rassial (1999) sobre a articulação entre o Real, o Simbólico e o Imaginário na adolescência também se mostram consonantes à hipótese de que a passagem adolescente pode reconfigurar o que, até então, estava sob tutela parental, por meio do estabelecimento de um quarto elo no nó borromeano, distinguido por Lacan das nomações paternas.

As estruturas subjetivas são orientadas singularmente pela especificidade da nomação paterna com a qual o sujeito se sustém (Lacan, 1975[1974]). O estabelecimento do quarto elo distinto de R., S., I., que suporta a nomação paterna, aponta que esse quarto anel pode ser considerado como a possibilidade de suplência à estrutura borromeana de três elos e, ao mesmo tempo, à condição de estruturação, já que esta depende da versão paterna que o sujeito constitui na passagem adolescente.

3.4 O adolescente borromeano

Na contemporaneidade, todavia, existe uma dificuldade suplementar para os adolescentes, desde que a função do pai parece estar mais degradada que antes. Se o Ideal do Eu é orientado pela função paterna, a ponto de permitir considerar que

a fórmula lacaniana nos dá a saída da adolescência: “dispensar o pai sob a condição de servir-se dele” (Stevens, 2000, p. 53), vale indagar, ainda segundo o autor, como alguém pode servir-se do pai, apesar do déficit da função paterna? E é o próprio Lacan que afirma que, ainda que o pai seja um semblante, isso não deve impedir de servir-se dele, sem crer nele, mas servindo-se dele.

A melhor saída da adolescência é sublinhada por diversos autores pela via do simbólico, mediada por pessoas que possam ser referência ética para o jovem. Entretanto, na atualidade, não estamos amparados pela força do poder e da ordem simbólica. Ao contrário do mal-estar da época de Freud, estamos em tempos de impasse, em que a linguagem está em questão, sinalizando a era da “modernidade irônica” (Lacadée, 2006, p. 35). O reinado do gozo substituiu o reinado do pai e da transmissão, não favorecendo o engajamento no simbólico. A subjetividade de nossa época é marcada por sujeitos ávidos pelo consumo de objetos produzidos pelo mercado, como se eles pudessem tamponar a falta que os ideais não mais recobrem. A busca de uma satisfação instantânea com o objeto conduz o sujeito a consumir sempre o próximo artigo numa procura imediata e desenfreada por uma satisfação plena que nunca será alcançada.

Para Lacan, o mundo capitalista e a homogeneização do universo deixaram o modo de gozo sem referência (2003d). De fato, vivemos em uma sociedade na qual já não existem grandes ideais — o que se faz presente é a lógica do individualismo e do consumismo. Como, então, o jovem pode se valer de referências que lhe permitam concluir sua travessia?

Na modernidade, percebe-se uma grande dificuldade do jovem em fazer uma nomeação própria que amarre sua subjetividade, por causa do modo de laço familiar e social que o mundo pós-moderno valida. Vários trabalhos científicos retratam a adolescência como crise, trauma, momento de ruptura, desamarração etc.

Interroga-se se essa visão do adolescente aponta o fracasso da tentativa em se fazer uma nomeação no desastre em que o enodamento R. S. I. explode. Diante disso, podemos levantar a hipótese de que a adolescência de hoje atesta cada vez mais a impotência de uma nomeação que poderia “ex-sistir” a R. S. I..

A precariedade da dimensão simbólica dissolve o litoral dos gozos e o insuflamento imaginário conduz ao impasse subjetivo em que o ato é, muitas vezes, a saída pela qual o sujeito ultrapassa a última barreira contra a angústia.

No entanto, abre-se também uma nova abordagem da adolescência com a clínica borromeana, pois a topologia dos nós e a possibilidade do quarto elo permitem pensar as diversas possibilidades de enodamento, numa aposta de que as contingências devem ser tomadas como possibilidades de amarrações, de atamentos singulares.

Dentro dessa perspectiva, Murta (2007) propõe uma clínica borromeana do adolescente: promover uma acolhida que lhe franquearia um endereçamento para possibilitar o entrelaçamento dos três registros conforme sua singularidade. O quarto elo da cadeia teria a função de nomear R., S. e I., sustentando-os juntos.

Em *O seminário, livro 22: R. S. I.*, Lacan questiona a função do pai como aquele que enlaçaria os três registros da realidade psíquica. O Nome-do-Pai pode ser artificial, uma invenção singular, tomado como modalidade de redução do Nome-do-Pai à função de nominação. Dessa forma, cabe a nós estarmos atentos às novas invenções dos adolescentes, propiciando espaços de fala, de acolhimento das contingências e, dentre estas, “a paternidade na adolescência” como possibilidade transformadora capaz de fazer de um desastre um acontecimento que propicie uma nominação, nesse momento especial de se fazer uma versão paterna.

CAPÍTULO 4 – O nó borromeano

Lacan fala pela primeira vez do nó borromeano no *Seminário, livro 19: ...Ou pior* na lição de 9 de fevereiro de 1972 (2012), onde menciona haver tomado conhecimento, por intermédio da matemática Valérie Marchand, da existência do brasão de armas da família Borromeu. O brasão dessa dinastia milanese é constituído de três círculos, simbolizando uma tríplice aliança. Se um dos anéis for retirado, os outros dois ficam livres. Cada anel refere-se à potência de um dos três ramos da família (Roudinesco, 1994, p. 364).

4.1 Os modos de uso do nó borromeano no ensino de Lacan

Desde o início, Lacan mostra-se entusiasmado com o nó borromeano, falando que ele lhe vem como um anel no dedo, e, no percurso de seu ensino, ele faz uso desse anel de distintos modos, o que traz consequências importantes para a teoria e clínica lacanianas. Seguiremos com Schejtman (2012) os diferentes modos de uso do nó borromeano ao longo do ensino de Lacan até a sua aplicação à neurose.

Em um primeiro momento, Lacan se serve do nó borromeano aplicando-o à cadeia significativa. No Seminário acima citado, ele utiliza a cadeia borromeana no tratamento de seu aforismo: “Peço-te que recuses o que te ofereço, porque não é isso” (Lacan, 2012, p. 79), assinalando com essa frase que os verbos “pedir”, “recusar” e “oferecer” estão enodados no modo borromeano, que tomam seu sentido no fato de se sustentarem a três e quando se corta qualquer um dos elos, soltam-se os outros e o sentido se dissipa. Assim, é a partir da relação significativa que Lacan aplica inicialmente a propriedade borromeana: são os significantes que se encadeiam de forma borromeana.

No *Seminário, livro 20: Mais, ainda* (2008c), Lacan reforça sua abordagem borromeana do ano anterior, reafirmando o emprego do nó borromeano com a cadeia significativa. Com frases interrompidas do Presidente Schereber, o autor exemplifica como o corte de um dos anéis da cadeia libera todos os outros. O encadeamento psicótico nessa fase de seu ensino é tomado como borromeano e seu desencadeamento, como a ruptura da cadeia borromeana de significantes.

Somente no *Seminário, livro 21: Le non-dupes errent* (1974[1973]), Lacan vai relacionar o nó borromeano aos seus três registros — Imaginário, Real e Simbólico. Nas primeiras lições desse *Seminário*, o nó borromeano passa a caracterizar a analogia que se estabelece entre as três dimensões do espaço habitado pelo ser falante, o laço do Simbólico, do Imaginário e do Real.

Segundo Schejtman (2012), essa novidade traz consigo uma autocrítica explícita de Lacan ao modo como havia abordado a relação entre os significantes desde o início de seu ensino. Para Lacan, a cadeia de significantes não é mais do que aparência, não podendo mais se sustentar no seu caráter borromeano. O “não há relação” alcança aqui o coração do simbólico: não há relação entre o Um e o Outro. Dessa forma, o Simbólico também se enlaça ao Imaginário e ao Real e começa a propriedade borromeana entre os três registros.

Mas, ainda assim, nesse mesmo *Seminário*, a neurose é proposta por Lacan como encadeamento não borromeano. O autor vai abordar a neurose como a figura do encadeamento olímpico, na qual temos cinco anéis que se enlaçam somente com o anel ou anéis diretamente do seu lado. Assim, se um dos anéis se solta, os outros se sustentam juntos e aí, nesse momento do ensino de Lacan, é considerada uma cadeia interpenetrada e neurótica.

A construção do encadeamento borromeano neurótico baseada nos três registros — Real, Simbólico e Imaginário —, sustentada por um quarto elo que vem ligar as três instâncias psíquicas pelas nomeações paternas, é algo que somente aparece no final do *Seminário, livro 22: R.S.I.*, de 1975[1974], e vai se consolidar no *Seminário, livro 23: O sinthoma*, de 1976[1975].

Como se pôde verificar nesse breve histórico sobre os modos de uso do nó borromeano, Lacan, em seu percurso, acrescentou muitas modificações decisivas à sua conceitualização. Se, a princípio, ele propõe o nó como modelo ou metáfora da estrutura, no *Seminário, livro 22: R.S.I.* ele o apresenta de forma contrária, chegando a postular que o nó é da ordem do Real. Da mesma maneira com relação ao desencadeamento: se o tem, inicialmente, como corte ou ruptura de um anel, depois o aborda a partir do que denomina “lapso do nó” (Schejtman, 2012).

4.2 A cadeia borromeana

O nó borromeano¹⁴ de três elos que aparece frequentemente nos seminários de Lacan é a cadeia “apilada”: o círculo A se localiza por cima do B — em seus dois pontos de cruzamento, A passa por cima de B, e B por cima de C, e C por cima de A. Não existe supremacia de nenhum círculo sobre o outro. Uma das características da cadeia borromeana é sua flexibilidade para enlaçar elementos de modo borromeano; qualquer rigidez a impediria. O mesmo encadeamento poderá ter outras apresentações, a cadeia poderá se transformar sem cortar nenhum dos três elos. Mas se cortamos qualquer um dos anéis, soltam-se todos. Sempre é o terceiro anel que permite que os outros se mantenham enlaçados e qualquer anel assume a função de terceiro para os outros dois (Schejtman, 2012)

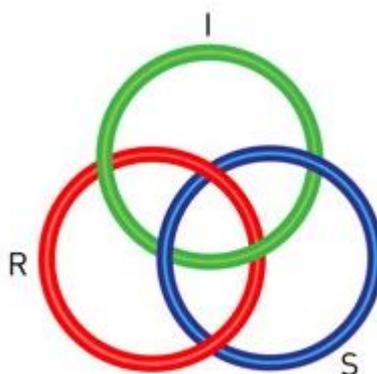


FIGURA 3 – Nó borromeano de três elos: cadeia “apilada”.

4.3 Planeamento do nó de três

No *Seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), o enodamento da cadeia borromeana não é mais restrito a uma metáfora, representação ou modelo da relação entre os três registros. Lacan o define como Real:

O nó não é um modelo. E mais, o que faz nó não é imaginário, não é representação, mas sua característica é justamente isso, é com o que escapa a uma representação. O nó não é o

¹⁴ O nó borromeano, na verdade, é uma cadeia, posto que supõe sempre mais de um elo. Existem nós de 3, 4, 5... n elos. Na teoria dos nós, essas cadeias são chamadas “cadeias brunnianas” em homenagem a Hermann Brunn, que se ocupou desde 1892 de seu estudo. Os anéis borromeus seriam um caso particular de cadeia brunniana — a de três elos (Schejtman, 2012).

modelo, é o suporte. Ele não é a realidade, é o Real (Lacan, 1975[1974], em 15/04/75).

Lacan (1975[1974], em 10/12/74) propõe o planeamento do nó como forma de redução do Imaginário, sendo aquilo que funda uma figuração. Planear é projetar no plano o que é tridimensional, é a redução de três dimensões para duas, o que nos permite contar seus buracos, possibilitando a distinção dos elementos que estão em jogo na estrutura do ser falante. Além de facultar a visualização de uma ordenação, permitindo posicionar um dos elos como mediador entre os outros dois.

No nó planeado é possível localizar os campos de “ex-sistência” de cada um dos registros em relação à consistência¹⁵ dos outros dois, bem como detectar os diversos gozos nas intersecções entre os registros: gozo fálico, entre Simbólico e Real; gozo do Outro, entre Real e Imaginário; sentido, entre Imaginário e Simbólico, e o objeto *a* (como mais-de-gozar) na intersecção entre os três.

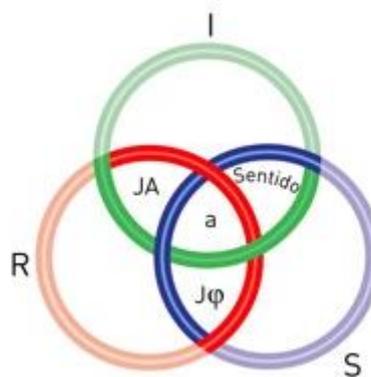


FIGURA 4 – Nó borromeano planeado, destacando-se os campos de gozo e campos de “ex-sistência” entre os registros I, “ex-siste” ao gozo fálico; S, “ex-siste” ao gozo do Outro, e R, “ex-siste” ao sentido.

4.4 Ex-sistência”

Lacan desenvolve o termo “ex-sistência” a partir do *cogito* de Descartes:

Para que alguma coisa *ex-sista*, é preciso que haja em alguma parte um buraco. É em torno desse buraco simulado pelo “Eu penso” de Descartes, já que ele esvazia este “Eu penso”, que se sugere a *ex-sistência* (Lacan, 1975[1974], em 17/12/74).

¹⁵ A consistência e a “ex-sistência” foram introduzidas na seção 3.1, mas, a seguir, nós a apresentaremos mais pormenorizadamente em relação ao nó planeado.

Trata-se do “Eu penso” esvaziado de qualquer pensamento em si mesmo e, para Lacan, ao esvaziar o “Eu penso”, Descartes constitui um buraco ao redor do qual se sugere a “ex-sistência”.

Contudo, ela também surge pela topologia borromeana, que considera que o cruzamento de duas retas não estanca o deslizamento infinito entre elas, como considerado pela geometria. Na lógica borromeana, o ponto se define pelo encontro entre três retas, quando uma delas barra o deslizamento das outras duas, colocando-se como limite e possibilidade de amarração, numa posição de “ex-sistência”.

Esse terceiro elo “ex-siste” aos outros dois como elemento externo, possibilitando o enlaçamento borromeano, mas situando como “ex-sistência” o lugar da falta naquele elo que se abre. Na FIG. 4, temos três áreas de dupla sobreposição que excluem um dos três registros, colocando-o em uma posição de “ex-sistência”: gozo do Outro (sem o Simbólico), gozo fálico (sem o Imaginário, sem o corpo) e sentido (sem Real).

Pela abertura de cada um dos registros, Lacan apaga sua consistência e destaca a “ex-sistência” de cada um deles: “algo *ex-siste* por só ser suponível na escrita pela abertura da rodela em reta infinita” (Lacan, 1975[1974], em 18/02/75). Se todas as rodelas fossem consistentes, não seria possível seu enodamento, a relação entre duas consistências só é possível se uma terceira se coloca como “ex-sistência”.

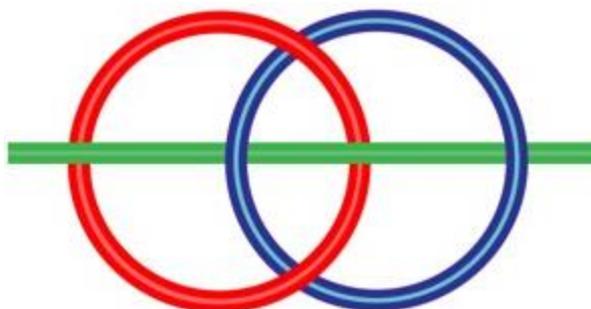


FIGURA 5 - Amarração borromeana com uma reta infinita.

Podemos dizer que o apagamento da consistência de um dos registros em reta infinita é o que mantém a estrutura borromeana, pois se acredita que a reta se feche no infinito. Assim, na “ex-sistência” há a contradição e o apagamento do sentido, diferentemente da lógica contida na consistência aristotélica do Outro, em que aparece a figuração de um corpo dentro de uma lógica da não contradição. Para Lacan, “a *ex-sistência* é isso em torno do qual se evapora uma substância” (Lacan, 1975[1974], em 14/01/75).

Segundo ele, pode-se sustentar um perfeito borromeu com um anel aberto, ou inclusive com dois abertos, por meio de retas infinitas que são equivalentes ao círculo. Desse modo, pela abertura de uma das rodela em reta infinita, projetam-se os campos de “ex-sistência” do Inconsciente que “ex-siste” ao Simbólico e responde pelo sintoma, e o campo do Falo que “ex-siste” ao Real e responde pela angústia. Em *O seminário, livro 22: R.S.I.* não há indicação do que “ex-sistiria” ao Imaginário e que responderia analogamente à inibição. Porém, em *A Terceira* (2011, p. 312), no nó planeado, Lacan escreve “Representação” e “Pré-consciente”, “ex-sistindo” a inibição.

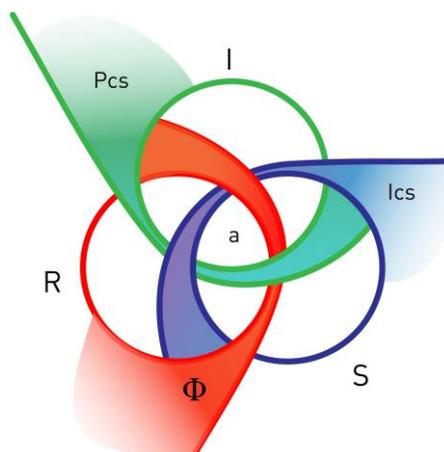


FIGURA 6 - Esquema indicando a abertura de cada uma das rodela em reta infinita.

4.5 A “ex-sistência”: Inconsciente

No planeamento do nó borromeano, a abertura de cada rodela em reta infinita é o que “ex-siste” a cada um dos elos e se representa por uma sombra em torno do elo. A abertura do Simbólico em reta infinita cede lugar ao Inconsciente, que é considerado por Lacan o Real do Simbólico. Real porque é impossível acessá-lo

pelo significante, mas apenas entrever o que não cessa de não se escrever na linguagem. Desse modo, o Inconsciente está articulado ao nó borromeano pelo Simbólico, à medida que ele apenas se deixa divisar via significantes. Nos *Seminários, livro 22: R.S.I. (1975[1974])* e *livro 23: O Sinthoma (2007)*, Lacan usa indistintamente o Inconsciente no lugar do Simbólico, e tal fato não é por acaso, já que o Inconsciente se manifesta na linguagem.

4.6 A “ex-sistência”: Falo simbólico

Relembrando o filme trazido por Jenny Aubry, a título de ilustração do momento do estádio do espelho e da jubilação da criança diante da constatação da unidade corporal captada, Lacan (1975[1974], em 11/03/75) diz que o falo é o que dá corpo ao Imaginário. Nesse filme, ele percebe a elisão pelo gesto da mão que passa na frente do corpo, a supressão do que talvez fosse um falo ou a sua ausência (já que ele não se importa se, no filme, se tratava de um menino ou menina). Um gesto que claramente retirava o falo dessa imagem.

Para Lacan, o falo é o Real, sobretudo quando se o elide:

O falo, não é a *ex-sistência* do Real. Há um Real que *ex-siste* com esse falo, que se chama gozo, mas é antes a consistência, é o conceito, se posso assim dizer, do falo. Lacan (1975[1974], em 11/03/75).

O falo não existe como todo, mas apenas como falta; é um gozo que não se sabe de onde vem. Ele consiste mesmo em sua ausência, dando corpo ao Imaginário, pois é à proporção que o falo não aparece que ele permite sua imagem.

O exemplo dessa consistência ausente, que é o falo, é dado por Lacan no desenho do toro, no qual é operado um pique no seu limite exterior por onde é introduzida uma mão na alma do toro.

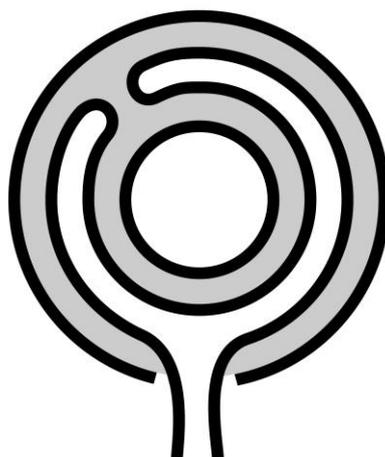


FIGURA 7 - Desenho da mão na alma do toro

Esse desenho demonstra uma discordância entre a mão e o que ela aperta, porque há um vazio. Ao buscar o que ela aperta, ela não acha nada, pois a mão aperta o vazio central do toro e nos mostra que estamos presos ao Imaginário quando se trata do corpo.

Há para o mental do homem, ou seja, o Imaginário, a aflição do Real fálico, devido a que ele se sabe nascer apenas semblante de poder. O Real é sentido em branco, dito de outro modo, o sentido branco pelo qual o corpo faz semblante, semblante de que se funda todo discurso, e primeiramente o discurso do mestre que, do falo, faz significante índice 1 (Lacan (1975[1974], em 11/03/75).

Segundo Lacan, o falo está no Real à segunda potência; isso quer dizer que o falo é o Real do Real:

Donde o acento especial que o *falasser* põe no falo, neste sentido, de que o gozo aí *ex-siste*, que está aí o acento próprio do Real. O Real, enquanto *ex-siste*, quer dizer, o Real como Real, o Real à segunda potência, é tudo que esse *falasser* conhece do dois, é a potência (Lacan (1975[1974], em 11/03/75).

O falo “ex-siste” ao Real e, “ex-sistindo” como significante mestre (S_1), comanda os outros significantes (S_2) que estão na consistência da corda do Simbólico. O falo é a letra que engancha o Real no nó, sendo um significante mestre ligado à potência fálica e possui o estatuto de ser uma referência que fornece consistência aos S_2 . O falo não se situa no Inconsciente porque ele é o limite do Inconsciente como cadeia significante, e como limite deve permanecer fora da

cadeia. Esse significante mestre S_1 poderia dar conta da existência do sujeito e o encerraria nela, daí o falo ser da ordem da “ex-sistência” e assim se constituir como falta a ser (Araújo, 2014).

Ainda conforme Lacan, o falo é o significante privilegiado da marca da relação do sujeito com o significante, não é uma fantasia, tampouco um objeto e menos ainda o órgão que ele simboliza.

Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como esse significante só se encontrará aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela Spaltung significativa (Lacan, 1998b, p. 700).

4.7 Os gozos

O planeamento do nó nos permite também visualizar a projeção dos avanços dos campos de gozo sobre os registros R.S.I., mediante a sombra produzida pela intrusão de um registro sobre o outro. A inibição é proposta como uma detenção produzida pela intrusão do Imaginário no Simbólico; o sintoma, como efeito do Simbólico no Real, e a angústia, como um transbordamento do Real sobre o Imaginário do corpo.

No final do *Seminário, livro 22: R.S.I.*, os membros do trio freudiano serão tomados como anéis passíveis de responsabilizar-se pelo encadeamento borromeano do Simbólico, Imaginário e Real, em uma cadeia de quatro anéis, indo mais além de eventuais aberturas de um registro ao outro.

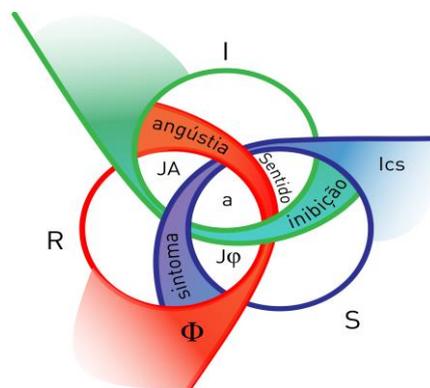


FIGURA 8 - Projeção dos avanços dos campos de gozo sobre os registros R.S.I. e a intrusão do trio freudiano: inibição, sintoma e angústia

No nó borromeano, os modos de gozo são abordados segundo a posição de “ex-sistência” ocupada entre os registros. Entre Imaginário e Simbólico inscreve-se a função do sentido; entre Simbólico e Real, a função do gozo fálico, e entre Real e Imaginário, a função do gozo do Outro. Pode-se visualizar, na FIG. 8, que os campos de gozo se situam nas interseções externas entre cada dois registros, no ponto que um registro “fura” o outro, ou seja, é no ponto de “ex-sistência” de um registro ao outro que os gozos se inscrevem na subjetividade humana.

No ajuste do nó está o objeto *a*, ponto central no qual se situa a essência do nó, área de tripla sobreposição do Real, do Simbólico e do Imaginário, que tem um triplo estatuto e marca a incompletude do ser falante, em que se escreve o lugar da falta do objeto *a*. O objeto *a* é o cerne do gozo que se sustenta com o nó borromeano, é o inatingível gozo a mais (mais-gozar), alocado no exterior central da escrita do nó borromeano¹⁶.

É o objeto que só é reconhecível pelos resíduos de seu esfacelamento em objetos pulsionais identificáveis como manifestações do corpo. O objeto *a* tem uma consistência lógica que sai dos objetos perdidos: o seio materno no desmame sendo a primeira presentificação do objeto *a* na constituição do sujeito e, em seguida, os outros que vão se desprendendo do corpo: o objeto anal, o objeto fálico, o objeto escópico, o objeto invocante, que vão ser distintas modalidades do objeto *a* (Vorcaro & Capanema, 2011).

4.7.1 Sentido

Lacan, ao homogeneizar Simbólico, Imaginário e Real, lhes dá a mesma consistência e traz de volta o valor ao que é considerado o mais baixo — o Imaginário. “É bem aí que há algo a endireitar: a consistência do Imaginário é estritamente equivalente à do Simbólico, assim como à do Real” (Lacan (1975[1974, em 11/02/75]).

¹⁶ Conforme o matemático Pablo Amster (2015), o objeto *a* não pode ocupar um lugar específico no nó tridimensional, como mostrado por Lacan no nó planeado. A lógica tridimensional é diferente da do nó planeado, pois ela possui uma “geometria de borracha”. Ou seja, ela possui a característica de homeomorfismo, que é de uma transformação que preserva a estrutura topológica do objeto, em que é possível obter um objeto *a* a partir de outro por meio de deformações sem cortes ou quebras. Mas pode-se dizer que essa foi a maneira utilizada por Lacan para explicitar a função do objeto *a* de sustentar o nó borromeano. [Notas pessoais do *Seminário Da lógica à topologia*, em 20 e 21 abril 2015].

Localizado na junção do Imaginário com o Simbólico e suportado pela “existência” correlata ao Real, está o vago gozo do sentido, do corpo que fala:

Se pensamos que não há Outro do Outro, ou pelo menos que não há gozo desse Outro do Outro, precisamos de fato fazer em alguma parte a sutura entre esse simbólico que se estende ali, sozinho, e esse imaginário que está aqui. Tudo isso para obter um sentido (Lacan, 2007, p. 70).

O funcionamento significativo, reduzido à dimensão pura do Simbólico, é o registro do equívoco, já que é encadeamento de termos envergáveis em todos os sentidos. Esse funcionamento só é operante na interpolação do Imaginário, que nele encontra equivalências, reciprocidades e dessemelhanças, produzindo valores designativos e assim permitindo, ao dizer, um laço que ultrapassa a mera jaculação de termos deslizantes um a um (Vorcaro & Capanema, 2011).

Na medida em que o Inconsciente se sustenta nesta alguma coisa que é por mim definida, estruturada como o Simbólico, é do equívoco fundamental com esta coisa que se trata, sob o termo Simbólico. [...] O equívoco não é o sentido. O sentido é aquilo por que alguma coisa responde, é diferente do Simbólico, e esta alguma coisa, não há meios de suportá-la senão a partir do Imaginário (Lacan, 1975[1974], em 10/12/1974).

O sentido é um tamponamento, uma sutura do equívoco do buraco do Simbólico, é o que dá consistência imaginária à falta inerente ao Simbólico, que é de não haver Outro do Outro, de não haver resposta para a falta no Outro. A opacidade do sentido se deve à sua função de substituição da falta, de sua função de suplência, desse modo o sentido responde pelo Real, que, por sua vez, “ex-siste” ao sentido.

O que Lacan nos propõe em *O seminário, livro 22: R.S.I.* (1975[1974]), é mudar a perspectiva de um efeito de sentido. É estreitá-lo em um nó, com a condição de que não seja de qualquer jeito. Ou seja, ele localiza o sentido, que é Imaginário, em relação aos outros dois registros, Simbólico e Real. É por que um dos registros está sempre em relação aos outros dois que se trata de um efeito de sentido.

O efeito de sentido a se exigir do discurso analítico não é Imaginário, não é também Simbólico, é preciso que seja Real. E tentar delimitar ao máximo o que pode ser o Real de um

efeito de sentido é com que me ocupo este ano (Lacan, (1975[1974]), em 11/02/75).

Lacan observa que o efeito de sentido exigível ao discurso analítico tem que ser Real, o que trança o analista é do Imaginário ao Real. Mas não se trata de descuidar do Imaginário na prática da psicanálise, senão de conseguir com que ele se amarre com o que volta sempre ao mesmo lugar, que é o Real.

O termo Imaginário não quer dizer pura imaginação, o efeito de sentido “existe” e é nisso que ele é Real. O Imaginário não é um jato de palavras que se deixa deslizar na associação livre; por detrás há um dizer no qual está o Inconsciente, e é justamente por isso que o dizer faz nó e não a jaculação, o blá-blá-blá.

4.7.2 Gozo fálico

Para Lacan (2005a), o gozo fálico está relacionado à angústia de castração, provocada pelo não saber diante do desejo do Outro, e o sintoma é a manifestação clínica desse embaraço do sujeito. O Outro existe como inconsciência constituída, como correspondente ao desejo na medida do que falta ao sujeito e do que ele não sabe. O sujeito vive no total desconhecimento a respeito de seu desejo e sem uma sustentação possível desse desejo em referência a um objeto qualquer.

Lacan vai propor que a angústia da castração é a verdade da sexualidade. O falo tomado como sexual sempre aparece como falta e é o que causa angústia na sexualidade. É nesse ponto, em que o falo se faz presente como falta, barrando o sujeito, que Lacan formula a relação entre a castração e a inexistência da relação sexual, da incompletude do Outro, ponto estrutural ao ser falante que implica que os seres falantes vivam a sexualidade via castração (Lacan, 2008c).

Assim, o gozo fálico é o substituto do gozo impossível, é o gozo oriundo da castração, no qual o sujeito, para se proteger da inexistência da relação sexual, inscreve-se na função fálica.

Ele se situa entre o Real e o Simbólico, possibilitando que o Real do gozo se junte ao significante. É considerado um gozo fora do corpo, já que o Imaginário na posição de “ex-sistência” confere o estatuto de “só depois” da produção da significação fálica. Ou seja, só depois do ato sexual é possível dar sentido à significação fálica. É o sentido que vai dar consistência à significação fálica.

O gozo fálico está em relação ao campo de “ex-sistência” do Real — o falo — e é proposto por Lacan (1975[1974]) como sua metáfora. Isto é, o gozo fálico está localizado no furo do Simbólico operado no Real e metaforiza a “ex-sistência” do falo (Guerra, 2013).

Uma distinção entre o gozo fálico e a significação fálica se faz necessária. O primeiro implica um cruzamento do Real e do Simbólico que se juntam, os registros se interceptam e tamponam seus furos. Tomemos como exemplo a experiência da maternidade: de início, a mulher deve fazer de seu bebê uma suplência de sua falta fálica, condição inclusive da transformação do filho em ser falante. Se a mãe eternizar esse momento e utilizar o bebê perpetuamente para obturar sua falta fálica, vai degradar na criança aquilo que dará encarnação ao falo significante, constituindo-a como o próprio falo materno. A mãe vive, assim, imersa em um gozo fálico com a criança e, por sua vez, a criança se supõe o falo materno, objeto de gozo da mãe, realizando a presença do objeto *a* na fantasia, substituindo esse objeto (Lacan, 2003c). Se a mãe não perpetua esse momento de gozo fálico, poderá abrir espaço na criança para a inscrição do significante fálico e da castração materna. Não é necessário o aparecimento do personagem paterno para a diferenciação dessas duas modalidades de posição, mãe e criança, mas, posteriormente, será imprescindível sua aparição para autenticá-las (Amigo, 2007).

A significação do falo assinala o furo, é sua própria *Bedeutung* da falta, que é o que Frege, citado por Amigo, 2007, traduziu como significação ou denotação, apontando para uma referência real de um termo. E o gozo fálico é a obturação, a tentativa de obturação da castração.

4.7.3 Gozo do Outro

Na interseção entre Real e Imaginário, há o gozo do Outro. Para Lacan, “a representação se separa inteiramente do gozo do Outro” (Lacan, 1975[1974], em 21/01/75), referindo-se aqui à posição de “ex-sistência” do Simbólico nesse gozo, ou melhor, o gozo do Outro está fora da linguagem. O gozo do Outro sem mediação simbólica é sentido como algo corporal, alheio à função fálica que é a função da palavra, totalmente fora do Simbólico.

Lacan, no *Seminário, livro 10: A Angústia* (2005a), retoma a questão freudiana do trauma do nascimento e a vertente desregulada da angústia como massivas quantidades de gozo que invadem o corpo. Não se trata, no choque do nascimento, da separação do corpo da mãe, porém de ser aspirado para um meio absolutamente Outro, de uma alteridade absoluta.

Nesse momento de seu *Seminário*, o Outro é abordado por Lacan em sua vertente real, tema que depois será desenvolvido como Outro corpo ou Outro sexo. Ele propõe a angústia do trauma do nascimento como a angústia massiva do desamparo primordial, no qual o que está em jogo é esse Outro real.

O autor exemplifica a angústia dizendo que ela não é a falta do seio materno, mas sim sua iminência quando o seio lhe vem em cima. Quando a castração simbólica não está operando, quando não está localizada a função da falta, o objeto a ameaça fazer-se presente todo o tempo. Ele entende a angústia como a ameaça da presença desse objeto e, ao referir-se ao seio materno, remete ao gozo materno, que é um gozo que não permite a função da falta (Lacan, 2005a). Lacan associa ao gozo do Outro a angústia que não é somente sinal de uma falta, mas a angústia como sinal da falta de apoio da falta.

No exemplo citado da mãe que supre sua falta fálica na criança (seção 4.7.2), o que está em jogo na mãe é o gozo fálico ligado à palavra, contudo, para a criança, é o gozo do Outro que se faz presente de forma esmagadora, caindo sobre o seu corpo.

O gozo do Outro é o gozo do corpo que não se escreve, posto que não todo fálico. Na topologia do *R. S. I.*, homens e mulheres se inscrevem pelo mesmo significante falo na simbolização de suas posições sexuadas:

O sujeito neurótico, na medida em que tem acesso ao gozo fálico, pode fazer suplência ao gozo do Outro. De fato, está posta para todo ser falante a impossibilidade de escrever o Outro gozo, e operar com o recalque é poder fazer essa prótese; a significação fálica é uma prótese ao gozo do Outro (Gerbase, 2008, p. 57).

Na clínica de adolescentes é comum verificar fenômenos nos quais o que está em jogo é uma vertente desregulada da angústia diante do gozo do Outro, com grandes doses de gozo que penetram o corpo, e que pode levar o sujeito a passagens ao ato violentas. No entanto, não podemos afirmar que, em todos os

casos em que constatamos essa exposição obscena ao gozo do Outro, a operação da castração não aconteceu.

Devemos colocar as seguintes questões, com base no caso a caso: será que a prótese da significação fálica não foi suficiente para barrar o gozo do Outro? Foi insuficiente ou ela não existe? Esse é um tema muito debatido entre os psicanalistas que atuam com adolescentes infratores, e tornou-se lugar comum afirmar que, nos casos dos adolescentes enredados com a violência, trata-se de sujeitos envolvidos numa vertente desregulada do gozo do Outro, expostos ao supereu materno e nos quais não ocorreu a inscrição do Nome-do-Pai, levando muitos a um diagnóstico equivocado e generalizado de psicoses não desencadeadas ou “psicoses ordinárias”.

Essa distinção mostra-se interessante para se pensar alguns casos de adolescentes inundados pela dispersão do gozo do Outro, sem, no entanto, se apresentarem como ocorrências clássicas de psicose, sem aparecerem os fenômenos elementares que se caracterizam como próprios dessa invasão de gozo¹⁷

Com a estrutura borromeana, uma interessante dimensão clínica se abre, principalmente em relação ao gozo do Outro. Em *O seminário, livro 23: O sinthoma* (2007), Lacan nos fala que o verdadeiro furo não é o do Simbólico, mas o do campo do gozo do Outro, onde se revela que não há Outro do Outro e não há “ex-sistência” que o suporte. Assim, no nó planeado tem-se o falo como “ex-sistente” ao gozo fálico e o inconsciente como “ex-sistente” ao sentido, porém o campo de “ex-sistência” do gozo do Outro é o verdadeiro furo, daí o motivo do vazio desse campo de “ex-sistência” nos desenhos de Lacan.

Segundo Guerra (2013, p. 57), é por não existir Outro do Outro que ele não pode ser figurado. “Donde o gozo do Outro, ao ser representado na *ex-sistência* entre real e imaginário, pode ser pensado como consequência de uma operação de amarração que inclui um ponto de exclusão.” Esse ponto pode ter toda utilidade clínica, pois o que propõe o analista é fazer a emenda entre Imaginário e saber inconsciente para a obtenção de sentido. Atrelado a essa emenda, “na mesma

¹⁷ No Cap. 5, *Extratos clínicos*, apresentarei um caso em que essa vertente da invasão do gozo do Outro está presente, com um adolescente envolvido em uma “situação limite” e não um “caso limite”, no sentido de uma psicose ordinária.

tacada”, o analista faz outra sutura, entre o “sinthoma” e o real parasita do gozo, tornando-o possível (Lacan, 2007a, p. 70).

Em outras palavras, o analisando pode ser levado, em uma análise, a ligar o que tem de mais real em seu sintoma ao Simbólico, alcançando um saber fazer com isso e a obtenção de um gozo suplementar possível, que faça laço com o outro. Essa é a direção clínica a ser trabalhada com os adolescentes inundados pela dispersão do gozo do Outro.

4.8 As identificações no nó borromeano

Lacan leva as três identificações freudianas ao nó borromeano, fazendo uma leitura muito singular de Psicologia das massas e análise do eu (Freud, 1989h), principalmente do capítulo VII, onde temos um texto fundamental para entender o nó borromeano.

Mas refiram-se a termos como os que Freud adiantou, concernindo ao que ele chama de Identificação. Proponho como termo a esta sessão de hoje a identificação tripla como ele adianta, formulo a maneira como a defino eu: se há um Outro Real, não está senão no próprio nó e é por isso que não há Outro do Outro. Esse Outro Real, identifiquem-no com o seu Imaginário, terão então a Identificação do histérico com o desejo do Outro, esta que se passa nesse ponto central. Identifiquem-se com o Simbólico do Outro Real, terão então essa Identificação que especifiquei como *EizigerZug*, como traço unário. Identifiquem-se com o Real do Outro Real, obterão o que indiquei como Nome-do-Pai, e é onde Freud designa o que a identificação tem a ver com o amor (Lacan, 1975[1974], em 18/03/75).

Essas identificações são consideradas segundo a referência ao Outro Real, esse é o ponto de partida de Lacan, o nó como Outro Real. Ele concebe aqui as identificações como nominações, de modo que são as identificações que possibilitam ao sujeito nomear-se, cumprem uma função de enodamento do nó.

4.8.1 Identificação ao Imaginário do Outro Real

Para Lacan, cada tipo de identificação é dependente do ponto do Outro Real em que ela ocorre. Ele inicia pelo Imaginário, dizendo que a identificação ao

Imaginário do Outro Real é a identificação da histérica ao desejo do Outro. Temos aqui a famosa identificação do pensionato de moças (Freud, 1989h), onde uma jovem desmaia por causa de uma carta recebida do namorado e as outras moças também desfalecem em razão de uma comunidade de desejo, identificando-se por meio de uma formação sintomática — o desmaio —, já que querem ter um amor secreto como a que recebera a carta.

Trata-se de uma identificação ao desejo do Outro que é independente da pessoa em si mesma, de alguém que é indiferente ao sujeito. O importante é essa comunidade de desejo. Esse tipo de identificação é a que acontece na constituição de um grupo, que funciona como um só corpo. É a identificação constituinte da massa, do povo. Uma identificação unificadora, em que as pessoas fazem coisas que não fariam sozinhas, como no caso de grupos de adolescentes, torcidas de futebol etc. Por isso, é uma identificação ao Imaginário do Outro Real, uma presença imaginária do desejo do Outro.

4.8.2 Identificação ao Simbólico do Outro Real

O segundo tipo de identificação comentada por Lacan é a que leva ao sintoma neurótico. Trata-se da identificação própria do Complexo de Édipo, que se pode fazer com a pessoa rival — como no exemplo de Freud, em que a filha se identifica com o sintoma da mãe porque quer tomar o seu lugar ao lado do pai, apresentando uma vertente superegoica — “Você queria ser sua mãe e agora você a é, pelo menos no que concerne a seus sofrimentos” (Freud, 1989h, p. 135). Ou pode se fazer com o objeto amado — como na identificação de Dora com o pai em seu sintoma de tosse. Esse tipo de identificação é regressiva, porquanto incorpora um traço significativo do Outro, toma sempre um traço do Outro, referindo-se a uma identificação com o Simbólico do Outro Real.

4.8.3 Identificação ao Real do Outro Real

Em terceiro lugar, Lacan discute a identificação primária, que é prévia a qualquer eleição de objeto. Freud, em seu texto *Totem e Tabu* (1989d)¹⁸, a classifica como do tipo canibalista, na qual o sujeito incorpora o pai a quem toma como ideal. Trata-se da *Behajung*, na qual entra em jogo a dimensão amorosa do pai. Freud assinala que o canibal não come qualquer inimigo, somente aqueles a quem admira. Lacan relaciona essa identificação ao amor, e a define como identificação com o Real do Outro Real, que é o estabelecimento do Nome-do-Pai, ou a identificação primária freudiana.

Lacan deu uma importância especial ao desejo do pai que faz de uma mulher causa de seu desejo, permitindo assim que o filho possa amá-lo. Se pode amá-lo, poderá incorporá-lo e será possível a identificação primária. Ele define justamente o pai digno de amor e respeito como aquele homem que faz de uma mulher a causa de seu desejo. Se o pai não é digno de amor, o resultado é a forclusão do Nome-do-Pai: o sujeito somente admite o Nome-do-Pai se ama quem encarna essa função. Essa identificação com o Real do Outro Real vai ser definida por Lacan (1975[1974], em 21/01/75) como uma nomeação Real e é nesse lugar que ele vai situar a angústia.

4.9 A intrusão do trio freudiano em *R. S. I.*

Inicialmente, Lacan propôs que o Imaginário, o Simbólico e o Real fossem os primeiros nomes que enodam a estrutura do ser falante, que cada um desses registros fosse uma nomeação, definindo esta como função de enodamento— a nomeação enlaça, o nó se faz com os nomes. A essas nomeações, Lacan relacionou três manifestações clínicas: a inibição, o sintoma e a angústia. A inibição

¹⁸ Freud criou um mito para ilustrar como se incorpora o pai. No primeiro tempo de *Totem e Tabu*, há um pai gozador que possui todas as mulheres, os filhos são todos castrados e não têm acesso às mulheres. No segundo tempo, acontece o assassinato do pai pelos filhos, momento de incorporação canibalista do pai, da comida totêmica. Há um terceiro tempo, no qual ocorre a instalação de uma instância simbólica a partir da culpa retroativa que faz com que ninguém venha a ocupar o lugar do pai. Freud inaugura com esse mito a lei da proibição do incesto ou, em termos lacanianos, a instalação do Nome-do-Pai, que é da ordem da cultura.

é a nomeação do Imaginário; o Sintoma é a do Simbólico, e a Angústia, a nomeação do Real (Lacan, 1975[1974], 10/12/74).

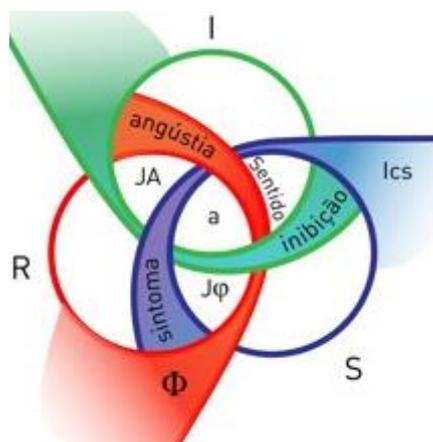


FIGURA 9 - Desenho destacando inibição, sintoma e angústia

As zonas sombreadas indicam a intrusão de cada campo no outro, um movimento que gira em direção ao centro do nó, ou seja, a partir do objeto *a* e das diferentes modalidades de gozo que implicam o triádico freudiano— Inibição, Sintoma e Angústia, considerados por Lacan como termos tão distintos quanto os registros R., S., I..

4.9.1 A inibição como nomeação do Imaginário

Lacan começou pela inibição, dizendo que é uma nomeação do Imaginário ou uma identificação imaginária ao Outro Real, uma identificação ao desejo do Outro, que Freud coloca como uma identificação constitutiva das massas¹⁹.

A inibição parte do eu e se produz no eu, provocando o impedimento de uma função, causando zero de movimento. No nó borromeano, a intrusão do Imaginário no Simbólico é o que detém o desdobramento infinito da reta do Simbólico. O que faz o Simbólico entrar no nó é a inibição, é a nomeação Imaginária que impede o desdobramento infinito da cadeia significante ao produzir um sentido. Essa detenção, esse *point de capton* (Dafunchio, 2013) é necessário para a constituição da estrutura neurótica, permitindo fechar o círculo do Simbólico em relação aos outros dois.

¹⁹ Conforme visto no item 4.8.1.

Lacan faz uma comparação entre a inibição de uma função no ser falante e o centro inibidor no sistema nervoso do animal, e vai se perguntar se, no ser falante, não existe algo similar a esse centro mesmo que tenha um efeito no simbólico em lugar de ter um efeito no real do organismo como acontece no animal. Quando ele fala de inibição, fala sempre da intrusão do Imaginário no Simbólico (Lacan, 1975[1974], em 10/12/74).

A estreita relação entre inibição e imagem levou Lacan a atribuir ao Imaginário a propriedade da consistência, pois a inibição unifica o corpo por meio da detenção da imagem. A inibição como nomeação do Imaginário é considerada um assunto de corpo, que é, para Lacan, constituinte do Imaginário, mas que vai ter efeitos no campo do Simbólico.

A consistência da corda do nó borromeano é o que faz com que cada um dos três anéis seja um só corpo ao se enlaçar. A partir dessa consistência imaginária, o gozo “ex-siste”, e se sustenta fora dessa consistência, fora do corpo (Dafuncho, 2013). O gozo fálico encontra-se em posição de “ex-sistência” ao Imaginário e a inibição é a tentativa de se dar sentido a esse gozo fálico fora do corpo.

Lacan faz uma articulação do falo com a imagem ao se perguntar se ele é um gozo sem o órgão ou se é um órgão sem o gozo. Para o autor, o falo é o que dá corpo ao Imaginário (1975[1974], em 11/03/1975). É a intervenção do falo que vai possibilitar que a imagem do corpo seja “agalmática” para o sujeito, que se constitua como eu ideal. Muitos fenômenos de deformação da imagem especular nas anorexias respondem a esse ponto de impasse no funcionamento da lógica “falo-castração” (Dafuncho, 2010, p. 62).

Também podemos pensar em outros pontos de impasse dessa lógica “falo-castração” relacionada a distintas condutas de risco presentes na adolescência, como nos casos de jovens envolvidos com a criminalidade, em que a racionalidade do “matar ou morrer” é internalizada por vários, numa identificação imaginária e adesiva com os “iguais”, numa tentativa de dar sentido a esse gozo fora do corpo que desconcerta o sujeito.

Não por acaso, situa-se na adolescência o momento que o jovem vai dar sentido à significação fálica e usar as insígnias fálicas guardadas no bolso como promessa futura. Entretanto, o que realmente acontece é que o sujeito se depara

com a falta do Outro sexo, pois descobre a incompletude da relação sexual e que as insígnias paternas não lhe garantem o direito ao gozo fálico como pleno.

Em muitas ocorrências de jovens atraídos por *gangs*, a nomeação frequentemente é Imaginária, embora fenomenologicamente não tenhamos uma inibição do movimento corporal, mas, ao contrário, uma agitação. Esse modo de laço com o grupo pode colocar o sujeito em uma situação de inibição do deslocamento simbólico, quando ficam impedidos de articular um pensamento próprio que concatene metáfora e metonímia. Como, por exemplo, na reprodução de jargões tais como “Perdeu!”, “Amor, só de mãe!”, “Matar ou morrer!” etc., que reproduzem certas máximas como definitivas, impedindo o deslizamento simbólico.

4.9.2 O sintoma como nomeação do Simbólico

Em *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), Lacan vai definir o sintoma como símbolo do que não anda bem no real, um efeito do simbólico sobre o real. Na classe de 21 de janeiro de 1975, o sintoma é tomado como o que “ex-siste” ao inconsciente, como o que do inconsciente passa para o real. O sintoma passa a ter uma dimensão de nomeação pareada a uma dimensão simbólica e enodada ao real, como o nó borromeano deixa apreendê-la.

No *Seminário*, o sintoma é trabalhado como um modo de gozo determinado pelo inconsciente, implicando uma dimensão real do sintoma e distinta das outras formações do inconsciente que são simbólicas.

Segundo Porge (2010), essa mudança do sintoma altera também o seu paradigma, que não é mais aquele da substituição significante e da metáfora. O sintoma passa a ser o que faz limite à metáfora no jogo das equivalências entre as dimensões. A “eRrância” da metáfora torna-se o R do real da metáfora, letra passível de ser escrita no nó borromeano, que, com seus cruzamentos, por cima e por baixo em suas planificações, constitui uma escrita, evidenciando no sintoma a relação letra a letra na qual o sujeito é acuado.

A primeira aparição dessa nova versão do sintoma acontece no *Seminário, livro 10: A angústia* com a distinção entre *acting out* e sintoma:

Em se tratando do sintoma, é claro que a interpretação é possível, mas com uma certa condição que vem somar-se a ela, isto é, que a transferência se estabeleça. Por natureza, o

sintoma não é como o *acting out*, que pede a interpretação, pois o que a análise descobre no sintoma é que ele não é um apelo ao Outro, não é aquilo que mostra ao Outro. O sintoma, por natureza, é gozo, não se esqueçam disso, gozo encoberto, não precisa de vocês como o *acting out*, ele se basta. É da ordem daquilo que lhes ensinei a distinguir do desejo como sendo o gozo, isto é, aquilo que vai em direção à Coisa, depois de ultrapassar a barreira do bem, ou seja, do princípio do prazer, e é por isso que tal gozo pode traduzir-se num *Unlust* (Lacan, 2005a, p. 140).

O sintoma, então, não é concebido como uma mensagem dirigida ao Outro; ele não chama à interpretação porque se satisfaz autisticamente, solitariamente, porque é um modo de gozo que basta a si mesmo, é um “sintoma de museu” (Lacan, 2005a).

Esse sintoma tomado como gozo não exclui, para Lacan, a dimensão da verdade contida no sintoma, trabalhada no *Seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise* (1965, em 09/06/65), no qual ele articula a verdade com a falha de um saber, dizendo que a verdade não se pode dizer toda, antecipando dessa forma o irreduzível do sintoma, *apud* Porge, 2010.

Essa perspectiva do sintoma como gozo é retomada por Lacan nos ensinamentos seguintes, até culminar, em *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro* (2008b), com o enunciado “não há relação sexual”. Não existe, para o ser falante, o gozo pleno da complementaridade entre os sexos, como exposto no mito de Aristófanes contido em *O banquete*, de Platão. Para Lacan, dois não podem fazer-se um, por mais forte que se abracem (Schejtman, 2013)

Daí por diante, todos os tipos de gozos a que tem acesso o ser falante situam-se no lugar do gozo impossível da relação que não existe; são suplências referentes ao inalcançável do gozo mítico imaginado pertencer ao pai primevo da obra freudiana *Totem e Tabu* (1989d). Segundo Schejtman (2013), o gozo do sintoma também é uma espécie de suplência desse gozo impossível e, por isso, é um gozo sintomático.

No *Seminário, livro 19: ...Ou pior* (2012), Lacan introduz o axioma “Há Um”, desenvolvendo este Um como o inverso do Um da fusão, aquele que faria de dois, um. Segundo Miller (2011), pode-se dizer que esse “Há Um” introduz a não relação sexual, pois é do Um sozinho que se trata. Um S_1 que não se encadeia com S_2 e que, assim, não comporta efeitos de significação.

Schejtman (2013) assinala que é justamente nesse *Seminário* que se dá o encontro de Lacan com o nó borromeano, e, para ele, a introdução e o uso do nó que ali começa não se separam dessa prevalência do Um sozinho. Com esse “Há Um” e sua relação com o impossível da relação sexual inaugura-se o ensino final de Lacan, em que o sem sentido da letra do sintoma toma um lugar privilegiado.

Em *O seminário, livro 21: Os não tolos erram* (1974[1973]), Lacan, trabalhando com o nó planeado, localiza o sintoma entre Simbólico e Real e não entre Simbólico e Imaginário, não se tratando mais do sintoma metáfora, e sim do sintoma letra e de seus efeitos de gozo (Schejtman, 2013)

Em *A Terceira* (2011, p. 17), Lacan define o sintoma como “ao que vem do Real”, sendo esse Real abordado em oposição ao discurso do mestre, cujo fim é que “as coisas andem ao passo de todo mundo”. O discurso do mestre (S_1 - S_2) adormece o sujeito de sentido e o sintoma opera na contramão dessa homeostase. O sintoma, nesse texto, é considerado uma irrupção da anomalia em que consiste o gozo fálico, à medida que ele faz aparecer a falha fundamental do ser vivente, a não relação sexual, que quebra a marcha universal pretendida pelo discurso do mestre (Schejtman, 2013).

Todavia, apenas um mês depois, Lacan, em *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), muda de direção, localizando o sintoma como efeito da abertura do registro do Simbólico em direção ao Real. Ele já não vem do Real, porém é um efeito do Simbólico no Real.

Esse efeito, que constitui o sintoma, supõe o Um do inconsciente que passa ao Real, uma letra, um S_1 separado, produto não da repressão secundária contida nas formações do inconsciente, mas de uma fixação de gozo que o inconsciente não cessa de escrever e que indica o Simbólico entrando no Real, tratando-se aqui do “sintoma letra de gozo” (Schejtman, 2013).

Ao abordar o sintoma como função, Lacan faz “ex-sistir” o inconsciente:

É a função do sintoma, função a se entender como o faria a formulação matemática: $f(x)$. O que é esse x ? É o que, do Inconsciente, pode se traduzir por uma letra, na medida que, apenas na letra, a identidade de si a si está isolada de qualquer qualidade. Do inconsciente todo Um, naquilo que ele sustenta o significante em que o Inconsciente consiste, todo Um é suscetível de se escrever com uma letra. (Lacan, 1975[1974], em 21/01/1975).

Esse inconsciente capaz de escrever-se como letra não é o inconsciente estabelecido por Lacan como cadeia significante (S_1 - S_2), mas um inconsciente de Uns soltos do inconsciente enxame²⁰ de Uns (S_1 , S_1 , S_1 , S_1 ...), compatível com o que Lacan chamou de “Há Um”. Aqui a letra não remete a nada mais que a ela mesma, os S_1 soltos não se articulam entre si, não fazem constelação (Schejtman, 2013)

Ainda de acordo com esse autor, fundamentando-se em Lacan (1977[1976], em 09/04/1977), a operação, a partir desse inconsciente de Uns que produz o sintoma, foi nomeada “tradução” ou “escritura”. O sintoma assinala o que do inconsciente pode ser traduzido por uma letra. Tratando-se do significante que não remete a nenhum outro significante, puro significante que se repete no Real, arrancado traumáticamente da aprendizagem que o sujeito sofre de uma língua entre outras, da “lalíngua”— do inconsciente enxame de Uns que, por essa operação, se tornam letra do sintoma.

Trauma da aprendizagem da “lalíngua” quer dizer a cunhagem de uma marca singular, consequência do encontro de cada ser falante com a inexistência da relação sexual e que o sintoma é a repetição, a letra de gozo dessa marca, provocada pela colisão contingente com esse impossível. O sintoma se liga a uma parte de gozo não todo fálico e ao choque da língua com o corpo, com “lalíngua”. Em outras palavras, no sintoma um real escapa à operação metafórica e o sujeito o assimila como um retorno de um não saber sobre si mesmo.

O significante é o Simbólico da língua; o sentido, o Imaginário da língua e a letra, o Real da língua. Lacan propõe aqui que o sintoma é uma letra, que a função do sintoma é o que, do inconsciente, pode traduzir-se por uma letra, de modo que é a encarnação do Real da língua (Dafunchio, 2010).

4.9.3 A angústia como nominação do Real

A angústia é a nominação determinada pelo transbordamento do Real sobre o Imaginário. Nesse transbordamento, Lacan colocou o Gozo do Outro $J(A)$, no qual se faz presente um gozo sem limites, uma vertente da angústia quando falta a falta, conforme visto no tópico 4.7.3.

²⁰ Enxame, em francês, se diz *essaim*, que é quase homofônico a S_1 .

Na primeira lição de *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), Lacan coloca a angústia partindo do Real, aparecendo nesse momento uma relação estreita entre a angústia e o medo do corpo. Ele exemplifica o conceito com o caso do pequeno Hans, quando algo em seu corpo desperta e o embaraça, e a fobia eclode como uma tentativa de dar corpo ao seu embaraço, de dar um sentido a esse gozo fora da linguagem. Diante da angústia pura do gozo do Outro ele se acomoda ao falo pela invenção de uma suplência sintomática ao Nome-do-Pai por meio da fobia.

Lacan, no *Seminário, livro 10: A angústia* (2005a), aponta que ela é como uma luva virada ao avesso, ficando o interior para fora. Essa metáfora topológica figura a experiência da angústia, em que o interior do corpo se manifesta fora dele, tendo-se uma dimensão corporal da angústia. “A angústia é isso que, do interior do corpo, *ex-siste* quando há alguma coisa que o desperta, que o atormenta” (Lacan, 1975[1974], em 17/12/1974).

Na topologia borromeana, o gozo do Outro é o gozo do corpo que não se escreve, visto que não todo fálico, gozo fora da linguagem, fora do Simbólico. Essa presença do interior do corpo que a angústia faz emergir irrompe sobre a imagem narcísica e desfigura a ideia que o sujeito tinha de si. No fenômeno clínico da angústia, há uma irrupção do Real do corpo sobre a imagem narcísica, um transbordamento do Real sobre o Imaginário.

4.10 O quarto elo

O título de *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), na língua francesa, é homofônico à palavra *hérésie*, que significa heresia. Esse *Seminário* é a heresia lacaniana à “religião paterna” freudiana, ao dogma do pai, no qual Lacan propõe prescindir da nomeação paterna na tentativa de abordar a estrutura pelas nomeações.

No início do ensino, Lacan faz uma crítica a Freud, dizendo que ele não era lacaniano, pois não prescindiu do Nome-do-Pai, não foi adepto da cadeia borromeana mínima, do nó de três anéis, e que ele precisou de quatro anéis, que é a realidade psíquica, o complexo de Édipo, o Nome-do-Pai.

Lacan sugere que uma psicanálise poderia ter como resultado a redução do nó de quatro anéis para três anéis: bastaria que o Real passasse em dois pontos

por cima do Simbólico. Com essa modificação nesses dois pontos de cruz, o quarto anel se solta, tornando-se supérfluo, e a cadeia pode se reduzir à sua expressão mínima, o enlace entre os três registros.

Após essa enunciação sobre o nó borromeano de três, Lacan se questiona se de fato é possível prescindir do quarto anel:

Colocarei, se posso assim dizer, este ano a questão de saber se, quanto àquilo de que se trata, a saber, o atamento do Imaginário, do Simbólico e do Real, é preciso, essa ação suplementar, em suma de um toro a mais, aquele cuja consistência seria de referir-se à função dita do Pai (Lacan, 1975[1974], em 11/02/75).

Ele já não sugere que com a psicanálise se poderia prescindir do Nome-do-Pai, reduzindo a cadeia borromeana de quatro para três elos, e se pergunta se o nó de três elos seria um progresso.

Vocês são todos e cada um de vocês, tão inconsistentes quanto os seus pais, mas é justamente pelo fato de tanto estarem inteiramente suspensos neles que vocês estão no estado presente (Lacan, 1975[1974], em 17/12/1974).

4.10.1 A função paterna no nó: O Nome do Nome do Nome

Lacan vai, aos poucos, mudando sua posição inicial e, ao mesmo tempo, sua concepção de função paterna sofre uma grande modificação: do “Nome-do-Pai” desenvolvido desde o início de seu ensino ao “pai do nome” ou ao “pai como nomeante”, que passa a ser reconhecido em sua função de dar um nome às coisas (Lacan, 1975[1974], em 11/03/75 e 15/04/75).

É nesse ponto que Lacan começa a se interrogar sobre o estatuto do pai, ligando-o ao sintoma e implicando-o em uma posição subjetiva de crença. E articula o buraco constitutivo do simbólico com o Nome-do-Pai:

Não consideramos o fato da interdição do incesto como histórico. Ele é estrutural. Por quê? Porque há o simbólico. É no buraco do simbólico que consiste esse interdito. É preciso o simbólico para que apareça individualizada, no nó, essa coisa que eu não chamo tanto de complexo de Édipo, não é tão complexo assim, chamo isso de o Nome-do-Pai. O que só quer dizer o Pai enquanto Nome, não quer dizer nada de início, não só o pai como nome, mas o pai como nomeador (Lacan, 1975[1974], em 15/04/75).

Lacan vai articular a questão do buraco no Simbólico com o Deus do antigo testamento que diz “Eu sou o que sou”, esse Deus definido como causa de si mesmo, que não remete a nenhum outro significante.

Essa história é contada na Bíblia no episódio da sarça ardente:

Enquanto Moisés apascentava o rebanho de seu sogro, um anjo lhe aparece no meio de um arbusto em fogo, que, no entanto, não se consome. Em seguida, Deus o chama, de dentro da sarça, para confiar-lhe a missão de retornar ao Egito com o objetivo de dali fazer saírem os hebreus e de servir a Deus. (13) Moisés diz então a Deus (Elohim): “Seja! Eu vou encontrar os filhos de Israel e lhes digo: o Deus (Elohim) de vossos pais me enviou a vós!” Mas se eles perguntarem qual é o seu nome, o que lhes responderei eu?” (14) Deus (Elohim) diz então a Moisés: “Eu sou o que sou (*ehié asher ehíé*)²¹”. E ele acrescenta: “Eis aqui em que termos tu te dirigirás aos filhos de Israel: Eu sou (*ehíé*) me enviou a vós”. (15). Deus diz ainda a Moisés: “Tu falarás assim aos filhos de Israel: *Yahvé* (YHVH)²², o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó enviou-me a vós. Este é o nome que para sempre portarei, sob o qual me invocarão as gerações futuras.” (A Bíblia de Jerusalém, Êxodo 3, citado por Porge, 1998, p. 171).

Em *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), Lacan traduz *ehié asher ehíé* por “eu sou o que eu sou”, que é tomado como uma “recusa de resposta” no que diz Deus a Moisés. Ele faz valer uma palavra de recusa, que instala no coração da resposta um furo, um vazio, uma barra. A resposta de Deus é exemplar daquela que o sujeito recebe do Outro ou do pai simbólico. Uma resposta de recusa e, ao mesmo tempo, uma recusa de que a resposta seja de alguém, de uma pessoa. Ela é impronunciável por um sujeito — o pai simbólico — o que revela uma forma de inexistência do Outro, que Lacan escreve como \bar{A} (Porge, 1998).

Aí não se pode dizer que os judeus não foram legais, eles explicaram bem o que era o Pai, eles chamam o Pai, o Pai que eles enfiam num ponto de buraco que nem se pode imaginar;

²¹ As múltiplas traduções possíveis de *ehíé asher ehíé* se reduzem a duas principais: Eu sou o que eu sou, ou: eu sou quem eu sou, isto é, eu não quero dizer o meu nome, que nenhum homem pode conhecer (Porge, 1998).

²² YHVH é hoje impronunciável, pois sua pronúncia se perdeu. Em sua leitura pública, ele foi substituído por Yahvé, Adonai, Elohim, El Shaddai, etc. A origem de YHVH guarda seu mistério e é objeto de inumeráveis comentários: YHVH seria a terceira pessoa do verbo ser: “ele é”. Alguns autores fazem uma aproximação entre *ehíé* e YHVH que derivam da mesma raiz, ambos designam o Ser que é e será. Na medida que conhecer o nome de alguém é conhecer seu ser, segundo uma crença consagrada, conhecer a significação de YHVH é aceder a um conhecimento de Deus (Porge, 1998).

eu sou o que sou, isto é, um buraco. Bom, é daí que, por um movimento inverso, se acreditarem nos meus esqueminhas, um buraco turbilhona, ou melhor, engole, mas há momentos em que se cospe de volta. Cospe o que? O Nome. É o Pai enquanto Nome (Lacan, (1975[1974]), em 15/04/75).

Constata-se uma mudança do conceito do Nome-do-Pai com o nó borromeano, no qual Lacan encontra os meios lógicos de um uso do furo. A recusa do pai, ou o não do pai é o furo no simbólico que “cuspiu” para Lacan as nomações paternas e com isso a distinção do pai como nome — aquele da recusa, e do pai nomeante —aquele que dá nomes aos animais, como contado na Bíblia pela história de Adão.

Segundo Porge (1998), no percurso de 1974 a 1975, Lacan qualifica por duas vezes o Nome-do-Pai de Nome do Nome do Nome. Em primeiro lugar, em seu *Prefácio a O Despertar da primavera* ele escreve:

Mas o Pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome Próprio, a não ser o Nome como *existência* (Lacan, 2003e, p. 559).

Poucos meses depois, ele diz:

O pelo-menos-um Deus, o verdadeiro do verdadeiro, foi Ele — grande E — quem ensinou ao falasser a fazer nome para cada coisa. O não tolo do Nome do Nome do Nome do pai, o não tolo erra: sem isto, por bem ou por mal, eternidade! (Lacan, 1975[1974], em 11/03/75).

Para Porge (1998), a decomposição do Nome do Nome do Nome se refere aos três registros do nó borromeano e representa, primeiramente, o pai nomeante, o pai do nome, aquele que responde “Eu sou o que sou”, que é o pai da recusa cujo primeiro nome é o não. Em seguida, o pai que responde à questão do seu nome com o nome impronunciável “YHVH” e, por último, o pai nomeado e que ocupa seu lugar na metáfora paterna.

Esse pai nomeado pode ser equiparado ao nome de Deus *Yahvé* que nomeia o nome YHVH, é um Nome do Nome do Nome. A impronunciabilidade do nome de Deus representada pelas letras YHVH se torna a metáfora de um furo (um não, uma recusa de resposta) no nome de Deus.

A recusa de Deus em dizer o seu nome a Moisés é um dizer não, e este dizer não é, ao mesmo tempo, aquilo de que sai o nome de Deus, aquilo que o suporta. A

homonímia entre “nome” e “não”²³ permitiu a Lacan trabalhar, em *O seminário, livro 21: Os não tolos erram* (1974[1973]), a questão da introdução do não do pai pela mãe, do Nome-do-pai. Esse mesmo princípio de homonímia pode ser escutado em Nome do Nome do Nome (Porge, 1998).

Esse autor ainda nos traz um exemplo relevante quanto ao tema desta pesquisa, que é o tornar-se pai pela primeira vez. É preciso simultaneamente nomear, ser nomeado e responder por seu nome. Esse acontecimento confronta o sujeito com três gerações, porque o filho de um pai torna-se ele mesmo pai de um filho. A sincronia dos três registros do nomear se superpõe à diacronia das três gerações. “Mais que a inscrição temporal do Nome-do-Pai, isto mostra o caráter decisivo deste significante para a referência temporal do sujeito” (Porge, 1998, p. 183)

O pai como Nome é sem um Nome e por isso é preciso um Nome próprio. O ser-dito pai nomeia o pai com um nome próprio: nome de nome. Nome do Nome do Nome é o nome sintomático que um sujeito inventa, cujo laço une a triplicidade do Nome-do-Pai (Porge, 1998).

Na pesquisa de campo realizada na Maternidade Odete Valadares/FHEMIG, sobre a paternidade na adolescência, detectou-se um fenômeno que é a questão da invisibilidade do pai adolescente, que não constava sequer nos protocolos de atendimento. Mas, ao escutar esses jovens, foi possível verificar que o acontecimento da paternidade pode ser experimentado como uma possibilidade de fazer advir outra coisa, nomeando o vazio ou o não sabido. Pode-se referir ao uso da palavra acontecimento no sentido que Badiou (*apud* Porge, 1998, p. 181) trabalhou, como situado e suplementar a uma situação. Ele obriga a decidir sobre uma nova maneira de ser. A paternidade pode vir como uma forma de renomeação de uma situação anterior, de reescrita do nome próprio e, talvez, um nome sintomático por meio de nomeações, num novo reenlace do nó borromeano, no Nome do Nome do Nome.

O Nome-de-Pai é esse laço de Nome do Nome do Nome, pelo qual um nome próprio se liga aos significantes que portam a relação do desejo com a paternidade em um sujeito. Esse laço existe concomitantemente na relação do sujeito com a

²³ Homonímia em francês, entre *nom* (nome) e *non* (não).

transmissão do nome em três gerações e na maneira pela qual seu desejo e seu sintoma se articulam com seu nome próprio (Porge, 1998)

Assim, o Nome do Nome do Nome depende da articulação com o nó borromeano. Se Real, Simbólico e Imaginário são os primeiros nomes do pai, são, no entanto, equivalentes e dependem de um quarto anel para serem diferenciados, para dar-lhes um sentido a partir da combinação entre seus pares. O quarto anel é o Nome do Nome do Nome, é o que diferencia Real, Imaginário e Simbólico, é o pai como nome, nome inominável, cujo turbilhão cospe as nomeações Real, Simbólica e Imaginária. Essas nomeações estão sempre referidas ao Outro Real no qual, sincronicamente, temos a marca da negação “Eu sou o que sou”, a representação da marca “YHVH” e o representante da representação “Yahvé”.

A nomeação reconhecida como quarto anel abre caminho para a existência da pluralidade dos Nomes-do-Pai. Com o nó borromeano, a função de nomeação não é mais privilégio do Nome-do-Pai nomeado, ela se pluraliza em Nomes-do-Pai nomeantes. Mesmo se podemos dizer que algo do pai continua presente na nomeação, esta pode também provir do Imaginário e do Real.

Na última lição de *O seminário, livro 22: R. S. I.*, (1975[1974]), Lacan chega à conclusão de que não existe nó borromeano de três para o ser falante, pois ele é uma estrutura falida desde sempre, fazendo uma referência a uma desordem fundamental no ser humano. O nó borromeano de três não existe, há sempre uma falha no nó, e assim teremos outros tipos de enodamentos na psicose, não borromeanos, ou na neurose um quarto elo a enodar borromeaneamente esses três que estão soltos²⁴. O quarto elo pode ser Imaginário, Simbólico ou Real, o que vai dar diferentes amarrações.

²⁴ A distinção entre neurose e psicose consiste no tipo de lapso do nó que leva a um tipo de enodamento diferente. Por um lado, estão os casos em que o lapso se repara borromeaneamente, em que se produzem dois lapsos entre dois mesmos registros (por exemplo, dois lapsos entre Simbólico e Real). Consiste em um tipo de lapso que produz um desenlace dos três e, por isso, a possibilidade de uma reparação borromeana que Lacan nos propõe pelas diferentes nomeações. Na psicose, um dos registros se solta, e os outros dois continuam interpenetrados, e o que temos é a reparação por meio de um broche que viria a prender novamente o registro que havia se soltado (Shejtman, 2012).

4.10.2 O quarto elo como nomeação

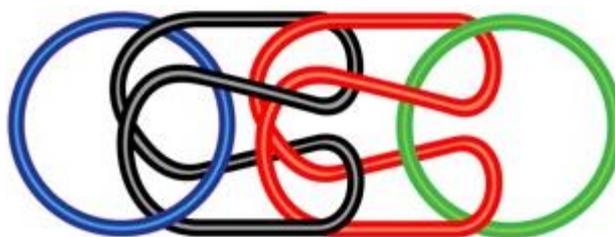


FIGURA 10 – Nó estirado de quatro elos

Na cadeia de três anéis, o Simbólico, o Imaginário e o Real terminam homogeneizados. Esse encadeamento é tão simétrico que os três registros se tornam indistintos, a menos que os pinte de cores diferentes ou os nomeie para distingui-los. Assim, é a homogeneização dos registros que introduz para Lacan a operação de nomeação:

Mesmo que sejam três, isso faz quatro, donde minha expressão mais-uma. E será retirando uma, real, que o grupo se desata [...] Em três não se sabe nunca qual das três é real, e é por isso que é necessário que sejam quatro (Lacan, 1975[1974], em 15/4/75).

Torna-se necessário o quarto elo para que se introduza a dissimetria e, com ela, a diferença entre os registros, pois de três consistências nunca se sabe qual é Real. Pelo acréscimo do quarto elo, cada um dos três anéis pode ser colocado em relação como aquele da nomeação. De acordo com Porge (2010), a introdução do quarto anel faz coexistir o Real fora de sentido dos três anéis desenlaçados e uma dimensão de nomeação dando sentido — Imaginário, Simbólico ou Real —, de tal forma que cada anel pode ser portador dessa função.

Lacan pouco desenvolveu o tema do quarto elo como nomeação a partir do laço dos três registros — Simbólico, Imaginário e Real —, que se amarrariam de modo borromeano graças ao auxílio de um quarto elo²⁵. No entanto, ele formula a possibilidade de abordar a inibição, o sintoma e a angústia como nomeações passíveis de encadear o Simbólico, o Imaginário e o Real de modo borromeano e antecipa o título de seu próximo seminário: *Quatro, cinco, seis*.

²⁵ Poucos autores lacanianos também têm desenvolvido o tema das nomeações como quarto elo passível de enodar a realidade psíquica. Podemos citar alguns nos quais nos baseamos: Dafuncho (2010); Porge (2010); Schejtman (2013).

Porém, o *Seminário, livro 23* acabou denominado *O sintoma* e o que se chamaria *Quatro, cinco e seis* nunca foi dado. Lacan encontra no trabalho com a obra de Joyce um “novo amor” e fica no quarto elo. Porém, no *Seminário, livro 22: R. S. I.*, (1975[1974]), esse quarto elo tem a responsabilidade de enodar os três registros e está ligado à função de nomeação.

Como visto anteriormente, a nomeação foi articulada por Lacan com a função do pai que sofreu também os efeitos da mudança do enodamento da cadeia de três para quatro anéis. Se, até esse momento, o enodamento dos três anéis era visto como eminentemente simbólico, a nova proposta do quarto anel leva Lacan a considerar a possibilidade de que a função de nomeação não seja um privilégio exclusivo do mesmo, mas que possa também haver a nomeação do Real e do Imaginário, e é o que encontramos no final do *Seminário, livro 22: R. S. I.*

É entre esses três termos, nomeação do Imaginário como inibição, nomeação do Real como acontece dela se passar de fato, quer dizer, angústia, ou nomeação do Simbólico, quero dizer, implicado, fina flor do Simbólico, ou seja, como se passa, efetivamente, na forma do Sintoma, será entre esses três termos que tentarei, ano que vem, e não é por ter a resposta que não vou deixá-la como questão, me interrogar quanto ao que convém dar como substância ao Nome-do-Pai (Lacan, 1975[1974], em 13/5/75).

Ainda nesse *Seminário*, a principal particularidade do nó borromeano de quatro é que seus anéis formam pares não intercambiáveis em sua configuração. Desse modo, quando o quarto elo faz par com o Imaginário, temos a nomeação imaginária (Ni) da qual participa a inibição; quando faz par com o Real, temos uma nomeação real (Nr) da qual participa a angústia, e, por último, quando faz par com o Simbólico, temos uma nomeação simbólica (Ns) da qual participa o sintoma. Os componentes do trio freudiano — a inibição, o sintoma e a angústia — são elevados à categoria de quarto anel: Nomes-do-Pai que, redobrando cada um dos registros, podem enlaçar-se de modo borromeano.

4.10.3 As seis combinações entre os três registros

Conforme Schejtman (2012) demonstra, existem apenas seis possibilidades dos registros R. S. I. combinarem entre si. Em matemática, essa operação é

chamada *n* fatorial e se simboliza acrescentando um sinal de exclamação *n!*. A saber, no caso da combinação entre os três registros, tem-se $3! = 1 \times 2 \times 3 = 6$:

S I R
 S R I
 R I S
 R S I
 I R S
 I S R

O autor nos propõe que agreguemos aos seis ordenamentos possíveis dos registros o trio freudiano — inibição, sintoma e angústia. Dessa maneira, teremos seis grupos de quatro elementos. Designamos, conforme Schejtman, as letras gregas minúsculas ι (*iota*), σ (*sigma*) e α (*alfa*), representando, respectivamente, a inibição, o sintoma e a angústia. O sintoma duplicará o Simbólico; a angústia, o Real, e a inibição, o Imaginário, aparecendo em seguida ao registro que redobra. Na cadeia estirada de quatro elos, esse elemento a mais (inibição, sintoma e angústia) fará par com o registro que redobra.

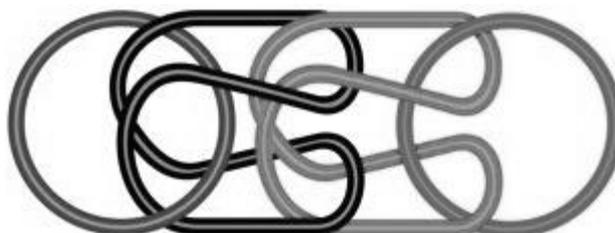
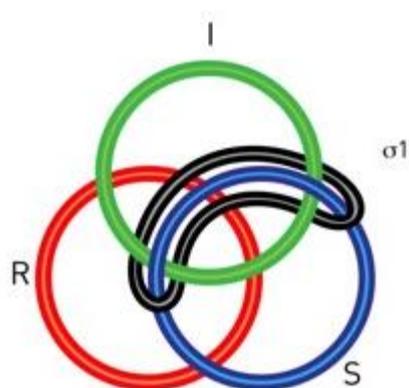


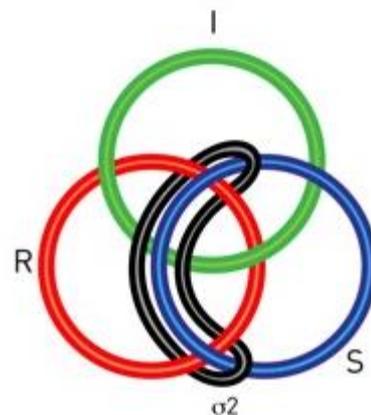
FIGURA 11 - Nó estirado, mostrando que o quarto elo sempre faz par com o registro que redobra

S	σ	I	R
S	σ	R	I
R	α	I	S
R	α	S	I
I	ι	R	S
I	ι	S	R

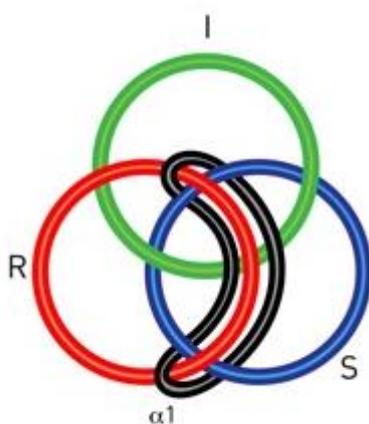
Nesse caso, teremos duas versões do sintoma, duas da angústia e mais duas da inibição, e, segundo Schejtman, todas essas combinações possuem a função de encadear os três registros de modo borromeu.



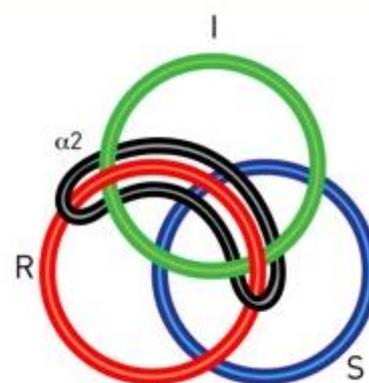
Nominação Simbólica entre S e I



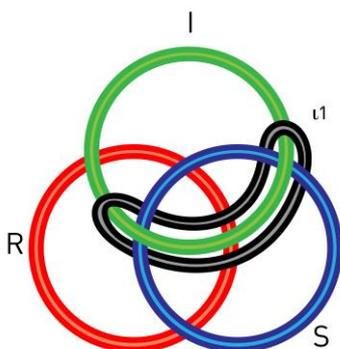
Nominação Simbólica entre S e R



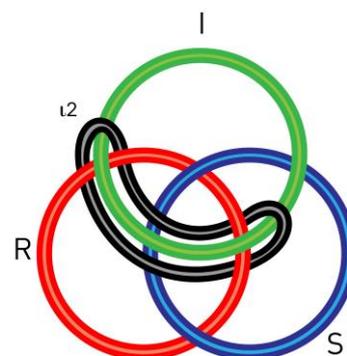
Nominação Real entre R e S



Nominação Real entre R e I



Nominação Imaginária entre I e S



Nominação Imaginária entre I e R

FIGURA 12 – Nominações Simbólica, Real e Imaginária.

Assim, temos no *Seminário, livro 22: R. S. I.*, (1975[1974]), os três registros nomeados por Lacan “um, dois e três”. Já a inibição, o sintoma e a angústia,

responsáveis pelo encadeamento dos três registros de modo borromeano, seriam “quatro, cinco e seis”. Essa série — R., S., I. e as nomeações Imaginária, Real e Simbólica — podem se constituir de até seis combinações e nos possibilita pensar clinicamente a diversidade e a singularidade das amarrações do quarto elo para cada sujeito.

E embora Lacan não tenha desenvolvido esse tema, o mesmo se mostra fecundo para se considerar, também clinicamente, a emergência das nomeações na adolescência e, particularmente, no caso desta tese, a paternidade adolescente como passível de induzir uma nomeação.

4.10.4 O quarto elo como “sinthoma”

Lacan introduz o termo “sinthoma” na conferência de 1975, *Joyce, o sintoma*, no *V Simpósio Internacional James Joyce* (2007). Na ocasião, ele se recorda que se trata de uma antiga grafia para “sintoma” e se interessa por ela não para substituí-la por “sinthoma”, mas para explorar, na clínica, a diferença entre as duas palavras.

Nessa conferência, Lacan concede ao “sinthoma” a mesma função da nomeação que havia trabalhado no *Seminário, livro 22: R.S.I.*, como um quarto elo que enlaça os registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. Ele posiciona o “sinthoma” da mesma forma que a função do pai na nomeação, concebida menos como nome e mais como nomeante.

O pai, como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo. O pai é esse quarto elemento — evoco aí alguma coisa que somente uma parte de meus ouvintes poderá considerar — esse quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real (Lacan, 2007, p. 163)

Já na primeira lição do *Seminário, livro 23: O sinthoma*, Lacan se refere à nomeação paterna como “perversão”²⁶ ou versão paterna, relacionando ao “sinthoma” algo do Nome-do-Pai, mas destacando sua pluralização pela função de nomeação.

Digo que é preciso supor o tetrádico o que faz o laço borromeano — perversão quer dizer apenas *versão em direção ao pai* —, em suma, o pai é um sintoma, ou um sinthoma, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do

²⁶ Em francês, escreve-se *perversion*, que é homofônica às palavras *père* (pai), *vers* (em direção a) e *version*(versão).

simbólico e do real implica ou supõe a *ex-sistência* do sintoma (Lacan, 2007, p. 21)

Concordamos com Schejtman (2013) que o “*sinthoma*” não se confunde com as duas versões do sintoma trabalhadas por Lacan — o sintoma metáfora e o sintoma letra de gozo. O “*sinthoma*” não é nem Simbólico, nem Imaginário e nem Real, mas um quarto anel que enlaça os três registros lacanianos. Também não se pode reduzir o “*sinthoma*” a produto exclusivo do fim de uma análise, pois seu principal exemplo clínico jamais se submeteu ao processo de análise — Joyce.

Para Lacan (2007, p. 50), o mínimo em uma cadeia borromeana é o nó de quatro: “para atingirmos a cadeia borromeana, o mínimo é essa relação de 1 com 3 outros”. É somente em três suportes subjetivos que um quarto elemento vai se apoiar, e é esse quarto elo que vai definir a ordem dos outros três elementos do nó.

Como visto na seção 4.10.2, a principal particularidade do nó borromeano de quatro é que seus anéis formam pares não intercambiáveis em sua configuração. “A partir do momento em que o nó borromeano é orientado e colorido, dois deles são de natureza diferente” (Lacan, 2007, p, 51)

Lacan destaca que o “*sinthoma*” possui um laço especial com o Simbólico, pois no nó de quatro ele faz par com o Inconsciente:

Existe par na medida em que há um laço do *sinthoma* com alguma coisa de particular. É na medida em que o *sinthoma* volta a se ligar ao inconsciente e o imaginário se liga ao real que lidamos com alguma coisa da qual surge o *sinthoma* (Lacan, 2007, p. 53)

Em outras palavras, o “*sinthoma*” faz par com o Simbólico, e o Real faz par com o Imaginário. Esses pares não podem ser modificados na estrutura do nó borromeano; a única mudança possível é entre cada par, ou seja, entre Imaginário e Real ou entre “*sinthoma*” e Simbólico.

Lacan definiu o “*sinthoma*” como o que faz reparação ao lapso do nó — que é estrutural para todo ser humano. Ele chega a restringir, no *Seminário, livro 23: O sinthoma*, o termo “*sinthoma*” exclusivamente para o caso em que a reparação se produz no mesmo lugar em que se produziu o lapso do nó. Nesse caso, os anéis não são equivalentes, quer dizer o cruzamento entre a corda original e o remendo não produz a mesma cadeia. A partir da restrição de que a reparação “*sinthomática*” se faz sempre no mesmo lugar onde ocorreu o lapso do nó, Lacan conclui que onde

há “sinthoma” não há equivalência e há relação entre os sexos. “Na medida em que há *sinthoma*, não há equivalência sexual, isto é, há relação” (Lacan, 2007, p. 98).

A não relação depende da equivalência, se não há mais equivalência se estrutura a relação. Há ao mesmo tempo, relação sexual e não há relação. Há relação quando se tem “sinthoma”, ou seja, onde o outro sexo é suportado pelo “sinthoma” (Lacan, 2007, p. 98). Nesse seminário, Lacan aborda a relação de Joyce com a mulher, Nora, nessa perspectiva. O “sinthoma” é o que suporta a relação sexual.

O caso de Joyce foi considerado por Lacan como respondendo a um modo de suprir um desatamento do nó. Ele questiona se o desejo de “ser um artista que fosse assunto de todo o mundo” não é a compensação ao fato de o pai jamais ter sido pai para ele. Não seria isso uma compensação à demissão paterna? Fazer um nome próprio à custa do pai? (Lacan, 2007, p. 86).

No último capítulo do *Seminário, livro 23: O sinthoma*, Lacan aponta a localização do lapso do nó de Joyce em termos da demissão paterna, da *Verwerfung* em um ponto preciso da cadeia borromeana de três anéis: entre Real e Simbólico. O Imaginário se solta, desprende-se da cadeia e o Simbólico e o Real ficam interpenetrados.

Lacan aborda esse desprendimento do Imaginário em Joyce com a surra levada por ele quando jovem. Ele relata não ter guardado rancor de seus companheiros e que sentiu seu corpo desprender-se como uma casca. Para Lacan, essa falta de rancor e a metáfora utilizada indicam um modo de relação muito particular com o corpo, a forma de se abandonar, de deixar cair a relação com o próprio corpo. Ele sugere que tal fato não poderia passar despercebido para um psicanalista e se questiona se Joyce era louco (Lacan, 2007, p. 75).

A interpenetração de Real e Simbólico é discutida por Lacan por meio das falas impostas, que são consideradas o sintoma de Joyce. Ele destaca a justificativa de Joyce de que as falas impostas de sua filha Lúcia, que tinha um diagnóstico de esquizofrenia, advinham de sua telepatia. Lacan vai analisar que a atribuição dessa virtude a partir do que ele ouvia da filha é alguma coisa que está no prolongamento de seu próprio sintoma — a fala imposta.

No progresso de certo modo continuo que sua arte constituiu, é difícil não ver que uma certa relação com a fala lhe é cada vez mais imposta — a saber, essa fala que, ao ser quebrada,

desmantelada, acaba por ser escrita —, a ponto de ele acabar por dissolver a própria linguagem (Lacan, 2007, p. 93).

As epifanias constantes na obra de Joyce indicam o que faz sintoma como palavra imposta, que liga seu inconsciente ao Real. Inconsciente é um outro nome para o Simbólico. Trata-se de um inconsciente diferente daquele inconsciente metáfora, que liga S_1 - S_2 , aquele em que Lacan coloca Joyce como desabonado do inconsciente. O inconsciente aqui referido é o de fora do símbolo, da cadeia significante, o inconsciente enxame no qual um S_1 se desprende do inconsciente e, pelo lapso do nó, se enoda ao Real²⁷.

O “sinthoma” de Joyce é trabalhado por Lacan como o tratamento dado pelo escritor ao seu sintoma das palavras impostas. A partir de sua obra, ele faz a reparação “sinthomática” do Imaginário em seu nó, compensando a demissão paterna pelo desejo de ser “um artista que fosse assunto de todo o mundo” (Lacan, 2007, p. 86). Dessa forma, ele se faz um nome e alcança um saber fazer com seu sintoma, tornando possível fazer um laço com o outro mediante sua obra.

4.10.5 A diferença entre a nomenclatura e o “sinthoma”

A nomenclatura, assim como o “sinthoma”, é sempre uma reparação do lapso do nó, mas uma questão que se apresenta é se ela se realiza no lugar em que ocorreu o lapso do nó ou em outros lugares. No *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1975[1974]), Lacan ainda não tinha o conceito de “sinthoma” construído, nomeando o quarto elo como nomenclaturas que duplicam um dos registros do nó borromeano, enodando os três registros soltos. Nesse momento de seu ensino, ele tem como referência a estrutura neurótica que sempre apresenta dois lapsos entre os mesmos dois registros e assim caem todos os três registros soltos.

Na neurose, a realidade psíquica se suporta no Édipo (Lacan, 1975[1974], em 14/01/1975). Com isso podemos inferir que na cadeia borromeana a reparação do quarto elo se dá segundo a lógica edípica. Nas psicoses, a não incidência do Édipo pressupõe uma lógica diferente, sugerindo uma reparação não borromeana. Na topologia lacaniana dos nós, reparação do lapso do nó diz respeito ao modo como

²⁷ Conforme exposto mais detalhadamente no item 4.9.2.

os três registros se amarram ao quarto elo e às variações estruturais passíveis de ocorrer no nó, seja ele borromeano ou não (Schejtman, 2012).

De acordo com esse autor, tanto a inibição, quanto a angústia ou o sintoma podem ser reparações do nó borromeano. Essas denominações podem reparar o lapso do nó, e se há reparação de dois lapsos entre os dois mesmos registros, isso pode ser considerado como um “sinthoma”. Nesse caso, a reparação pode ser chamada de denominação ou “sinthoma” e ambas podem ser consideradas “sinthomáticas”, caso elas se produzam no mesmo lugar onde aconteceu o lapso. Mas não se pode afirmar que toda denominação seja “sinthomática”, e, mais ainda, existem denominações que não logram enodar os três registros, que podem, inclusive, desmanchar o nó (Schejtman, 2012).

Coloca-se uma questão a partir dessa afirmação, uma vez que Lacan (2007, p. 53) também trabalhou outras particularidades do “sinthoma” como quarto elo, além daquele do lugar em que ocorreu a reparação do lapso do nó. Por exemplo, a relação privilegiada entre o “sinthoma” e o inconsciente. Assim, não se deve generalizar a questão toda apenas em relação à reparação do nó, pois, no caso das denominações, não poderíamos, abordar as denominações imaginária e real como “sinthoma”, já que, nesse caso, o laço especial do quarto elo não é com o Simbólico, mas sim com o Imaginário ou Real.

Entretanto, não é nosso objetivo nesta tese trabalhar a paternidade adolescente como um “sinthoma”, mesmo porque os casos escutados não nos conduziram a concluir que a paternidade teria o estatuto de “sinthoma”. Além do mais, é necessário ir com cautela nesse campo atravessado por tantas elaborações diferentes, onde Lacan deixou muitas questões em aberto. A escolha em se trabalhar as denominações como quarto elo surgiu da dificuldade em se tomar as reparações dos nós dos adolescentes escutados nesta pesquisa como amarrações tão formidáveis quanto a de Joyce. Embora as tratemos como reparações que enodam a estrutura do ser falante (ou “falhante”), elas não se aproximam da genialidade da invenção do escritor, mas, de um modo ou de outro, amarram os sujeitos na vida, seja pela via da Inibição, do Sintoma ou da Angústia.

CAPÍTULO 5 – Extratos clínicos

Na experiência analítica, o pai nunca é senão um referencial. Interpretamos essa ou aquela relação com o pai. Será que em algum momento analisamos alguém *na condição de pai*? Tragam-me uma observação. O pai é um termo da interpretação analítica. A ele se refere alguma coisa. (Lacan, 2009, pp. 161-162).

Essa proposição de Lacan nos convida a debruçar sobre o tema da paternidade — tópico tão debatido pela psicanálise lacaniana — sob outro prisma ainda pouco explorado: analisar alguém na condição de pai. Mas será possível fazer essa análise sem o referencial paterno?

Um fato comum aos adolescentes escutados nesta pesquisa é o testemunho de exposição ao gozo do pai, para além da função de regulação ou modelo. Variedades de “tipos” paternos surgiram no trabalho com o grupo: o pai polícia-bandido, o pai dejetivo, o bom pai-bandido, pais excessivos que não barravam os excessos maternos... Nestes, o que se apresenta é uma versão ilimitada do gozo do Outro — onde falta a falta. Esses jovens não somente estavam submetidos ao gozo materno, como qualquer sujeito nas condições primárias, mas, numa dupla vertente, estão diante de pais que não ocupavam o lugar da função paterna de interditar o gozo materno e de humanizar o desejo, pais que também não se apresentavam castrados, pais do gozo e não do desejo.

Lacan ironizou, desde o início de seu ensino, as teorias que tentaram salvar o pai. Como sabemos não se trata do pai ideal, pouco importa se ele é carente, caseiro ou passeador (Lacan, 1999). O pai, para Lacan (1975[1974]), é modelo da função pai, não interessam seus sintomas. Mas seriam seus sintomas também incidentes na função? A exposição a esse gozo paterno desregrado engendra consequências desastrosas para o sujeito, principalmente na adolescência, momento crucial em que todo sujeito deve se servir do pai, como poderemos acompanhar nos relatos a seguir.

Nos dois primeiros casos a serem trabalhados neste capítulo, por se tratar de extratos de discursos, existem lacunas nas histórias dos sujeitos. Porém, é possível localizar o que para eles são acontecimentos importantes relatados e que se mostram constituintes de suas subjetividades. Esses encontros grupais aconteceram em uma época específica de suas vidas, depois da notícia da paternidade e antes do nascimento dos filhos. Infelizmente, por motivo da própria condição de errância

desses jovens pais, não foi possível realizar um acompanhamento a *posteriori*, a fim de que se pudesse verificar como lidaram com a vinda do bebê.

Com a finalidade de se proporcionar maior conteúdo clínico e teórico a este capítulo, será acrescentado aos dois casos provenientes do Grupo Restrito um outro, suplementar, por mim atendido ao longo de 18 meses. Os elementos clínicos particularmente vigentes nele guardam semelhanças com os desdobramentos na subjetividade do adolescente após a vinda do filho, motivando, assim, sua inclusão nesta tese.

Os rapazes escutados fazem parte da realidade “nua e crua” das favelas brasileiras, onde a violência se faz presente no cotidiano da “guerra do tráfico”, do mundo das drogas, da miséria social e familiar. Temos aí ingredientes que podem levar muitos ao pior, o que parece ser a única saída, uma escolha “quase” forçada. Este “quase” é o que leva a psicanálise para a favela, apostando que os destinos podem ser modificados, que as escolhas podem ser refeitas, as biografias, retraçadas.

Trabalharei aqui com falas que escolhi nomear “extratos” para localizar seu caráter pontual de pérolas carregadas de significância e de angústia. Elas, entretanto, apontam um modo próprio de atar Real, Simbólico e Imaginário. Seu valor me parece tributário da circunstância em que foram colhidas: o encurrallamento da paternidade. Se é possível chamar esses extratos de “clínicos”, isso se deve à interrogação clínica que essas exposições causam no pesquisador, e não ao fato de terem sido recolhidas na práxis clínica do psicanalista, pois não foi o que aconteceu: elas foram ouvidas em uma situação particular, oportuna. Lida-se aqui mais com uma escuta clínica, um tratamento clínico dado ao que se sedimentou em expressões dos sujeitos do que com discursos de analisandos. Não se trata de sujeitos interrogados por seus sintomas e que procuraram um analista. A despeito disso, as alocações também questionam as posições subjetivas dos adolescentes abordados.

O objetivo a ser alcançado por meio desses extratos é o de verificar o desdobramento da paternidade na estruturação psíquica dos adolescentes e tentar localizar as diferentes formas de enodamento que favoreceram o enlace ou o desenlace de seu “nó mental”. Faremos uma análise psicanalítica a partir da teoria dos nós de Lacan, principalmente referenciados ao *Seminário, livro 22: R. S. I.*

(1975[1974]), em uma tentativa de acompanhar o movimento sincrônico/diacrônico da subjetividade desses jovens e relacioná-los à paternidade, seja aquela vivenciada por eles como filhos, seja a surgida da contingência de se tornarem pais. Lacan nos adverte que, para operar com o nó borromeano, é necessário usá-lo bestamente, ser um pouco tolo, não se devendo tomar pela dúvida obsessiva nem hesitar muito. E esse foi o norte seguido na construção dos extratos clínicos, tentando evidenciar a articulação entre o Simbólico, o Imaginário e o Real, a forma como se atam ou desatam através de reparações singulares.

5.1 Diego: “Eu já plantei muito errado e agora estou plantando coisa boa, melhor...”

Diego²⁸, um garoto de 19 anos, encontra-se às voltas com o fato de que será pai pela primeira vez. Sua namorada, grávida de cinco meses, dará à luz, em breve, um menino. Ele inicia sua exposição relatando que essa gravidez foi “um acidente” e que ficou bastante assustado com a notícia. Mas, ao mesmo tempo, seu maior sonho na vida era o de se tornar pai. Segundo ele, o surgimento da paternidade veio em uma época muito difícil de sua vida, com muitos problemas de ordem familiar. Sua mãe foi presa por tráfico de drogas e atualmente cumpre medida em regime semiaberto. Sua avó falecera logo após a prisão da mãe, pesando sobre ele a incumbência de cuidar da casa, de suas irmãs e de um sobrinho.

“Quando eu peguei o resultado do exame, eu não estava acreditando, não. Acima de 50 é positivo e, se não me engano, deu mais de 1.000! Fiquei doido... eu subi o morro até tremendo, até tonto. Aí eu fiquei muitos dias sem dormir! Hoje eu acredito quando eu vejo a barriga. Ela passa muito mal e agora eu acostumei. Acho que tudo é costume também. Agora estou mais tranquilo, mas no começo nem dormia! Eu cuidava da minha casa, não tenho pai, minha mãe está presa; era eu e minhas irmãs sozinhos!”

Atualmente, Diego está formalmente empregado como porteiro, além de fazer trabalhos de jardinagem e paisagismo nas horas de folga. Aprendeu esse ofício com uma paisagista, o que lhe permite auferir renda extra. Serviço que lhe é muito prazeroso, cuidar dos jardins das casas de alguns clientes seus. Além dessas ocupações, Diego relata também estar se formando em um curso técnico de informática.

“Aí, depois do susto, é correr atrás porque, senão, faz coisa errada. É trabalhar muito! Eu ainda tenho que cuidar das minhas irmãs e da minha mãe, que

²⁸ Nome fictício atribuído ao adolescente visando à garantia do sigilo.

passam os dias no albergue e vêm dormir em casa. Eu e minha namorada estamos morando juntos e eu tenho que pagar o aluguel.

Do seu romance familiar, foi possível localizar alguns fatos marcantes. Aos 15 anos sua mãe engravidara dele, vindo, a seguir, as duas irmãs. Os pais não chegaram a estabelecer uma vida conjugal, embora mantivessem uma relação amorosa. Residiam na casa de sua avó, em uma vila pobre, e o pai visitava semanalmente a mulher e os filhos. Lembrava de sua alegria de menino por ocasião das visitas do pai, que sempre chegava com muitos presentes e dinheiro. O pai era policial e encarnava para ele o papel de um grande herói, ficção criada para dar sentido às idas e vindas do pai.

Com o passar do tempo a situação mudou: as visitas do pai tornaram-se esporádicas e ele passou a chegar de madrugada, sempre nervoso e armado. Diego imaginava que esse comportamento era justificado por se tratar de um policial. Porém, em uma dessas visitas noturnas, seu pai foi tragicamente assassinado na porta de sua casa.

Essa morte propiciou a Diego conhecer a verdadeira história do seu pai. Ele mantinha uma vida em paralelo: havia constituído outra família e morava em uma bela casa com esposa e filhos. Além disso, era, na verdade, um “policial bandido” e estava envolvido em assaltos a bancos.

“Sobre o meu pai eu não gosto de falar muito não. Era um herói só pra mim! Nunca existiu... não o conhecia realmente. Eu conheci um pai amoroso, carinhoso, mas meu pai era duas pessoas: era casado e tinha outra família. Aí, quando eu fui conhecer a outra casa dele, era uma casa enorme, dois andares e eu morando numa casa toda feia na favela. Achava que ele fosse policial, mas na verdade era um policial bandido. Fazia assaltos, matava pessoas... Quando eu fui descobrir quem era meu pai, acho que o amor que eu sentia se foi... Acho que o herói morreu. É muito estranho! Acho que eu sinto falta dele, mas acho que se ele estivesse vivo a gente não tinha dado muito certo não, porque sei lá... Ele chegava, dava dinheiro e fazia um carinho... mas não tinha convivência alguma com ele. Eu vejo meus irmãos por parte de pai falando dele e penso que eu não conheci esse cara, não. Eu e meu pai, a gente não tinha intimidade nenhuma... Esse tipo de intimidade de família mesmo, eu não tive isso com meu pai não. Depois, quando ele foi procurado pela policia, ficou pior ainda; só vinha correndo, andava armado e eu vendo isso tudo aí...”

Já sua mãe apresentava um histórico de vida conturbado: engravidou na adolescência de seus três filhos, mas não pôde se ocupar deles. Possuía uma relação devastadora com as drogas, que culminou em sua prisão por tráfico. Diego mantinha com sua mãe uma relação fraternal, não havendo grande diferença na

cadeia de gerações entre eles. A família residia na casa da avó materna, que foi sua maior referência, quem, de fato, cuidou dele e de suas irmãs.

“Minha mãe eu ia dar um abraço nela e ela dizia para eu não pôr a mão nela. Era muito grossa comigo! Eu cresci vendo minha mãe usando droga; ela é nova que nem eu... Ia para as noitadas, tinha droga, bebida, essas coisas todas. A gente sempre foi que nem irmão, eu cresci e comecei também a andar pro caminho errado, sempre eu e minha mãe discutíamos igual irmão; não tinha uma diferença, respeito, sabe? Eu só tinha minha avó. Eu não tive educação de um pai. Mas hoje eu tenho amor; de tanto a gente sofrer, acho que a gente aprendeu o que é amor. Hoje eu tenho um convívio com minha mãe bacana. Hoje tem abraço, beijo... Hoje o que eu não tive eu tenho em dobro!”

Aos 14 anos de idade, após seu pai ser assassinado, Diego iniciou uma vida de excessos, envolvendo-se com drogas e criminalidade, sendo que, por duas vezes foi alvejado por arma de fogo. Na última, dois anos atrás, ficou entre a vida e a morte por sete dias em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

“Eu já quebrei muito a cara em todas as áreas que você imaginar, com mulheres, drogas, brigas. Já quase morri umas três vezes... Depois que meu pai morreu, sofri um acidente de carro, quebrei a perna e tive que costurá-la toda. Depois tomei um tiro na barriga, pois a arma do meu amigo disparou. Nessa época, eu comecei a usar droga e quase morri de overdose de cocaína. Dois anos atrás eu tomei mais seis tiros nas costas por causa de briga por mulher... fiquei em coma sete dias. Depois disso tudo ou o cara amadurece ou ele apodrece. Hoje em dia eu entendo o que é amor, corro atrás de trabalho, não me envolvo com mais nada de errado. Eu entendo o que é liberdade e, mesmo que eu não esteja preparado financeiramente, é melhor ter filho agora do que tempos atrás; hoje eu acho que vou saber amar meu filho, pelo menos fazer diferente.”

Sobre a questão de ser pai na adolescência ele conta que já sofreu muito. Pensa em trabalhar e dar o melhor para o filho.

“Pelo menos o que eu não tive eu penso em dar pro meu filho. Eu gosto de trabalhar, não me envolvo com coisa errada tipo tráfico. Eu ainda acho que a gente tem duas opções na vida: ou você trabalha honestamente ou você entra pro crime. Eu resolvi trabalhar, então é trabalhar e ter responsabilidade. Conheço jovem que até gosta do filho, mas acho que talvez não tenha maturidade suficiente, quer curtir! Quando você é jovem, o mundo oferece muita coisa: droga, mulher, dinheiro... Eu acho que o cara fica iludido.”

Em uma das sessões do Grupo Restrito, surge a questão se é possível ser um bom pai estando na criminalidade. Essa é uma posição que divide Diego:

“Meu cunhado, por exemplo... ele está no mundo do crime, mas ele faz de tudo pelo filho dele — tudo que ele pode, ele faz! Tem traficante, tem assaltante que rouba de tudo, mas pra dar o melhor pro seu filho... É isso aí! Eu acho que é isso, sei lá... Eu só acho que a diferença de você trabalhar e ir pra criminalidade é que fica difícil, na criminalidade, você dar atenção para o seu filho. Vai ter tanta preocupação que talvez você deixe de dar atenção pro seu filho — você pode dar tudo para ele, mas não dá carinho, amor e tal...”

Em seu testemunho, fica evidente que sua maior preocupação é a educação do filho, sendo que o apoio familiar ocupa lugar de destaque como referência ética.

“Educação eu acho que é a parte mais difícil, né? Eu sou jardineiro; plantar é fácil, cuidar é... Eu penso em dar o melhor pro meu filho. Eu falo em educação; eu não tive, eu não fui educado... Se eu sou assim hoje, eu aprendi assim, quebrando a cara mesmo. Eu só quero ser para o meu filho o que meu pai não foi para mim... Eu não tenho o dinheiro que meu pai tinha, mas o importante mesmo ele não me deu: carinho e educação. Se você não tiver um apoio familiar, tanto do pai quanto da mãe, você acaba fazendo coisa errada mesmo. Como aconteceu comigo. Meu pai morreu, minha mãe já era usuária de droga e eu era, acho, até meio bobo, inocente... Aí eu fui brincando e acabei me envolvendo, na inocência mesmo, entendeu?... Eu acho que o apoio familiar é tudo!”

Mas Diego também se questiona se não há uma escolha do sujeito além de todo apoio familiar:

“Eu acho que, pra mim, o mais importante com meu filho vai ser o diálogo. Mas se um dia ele quebrar a cara é porque ele quis. Sempre que eu puder chegar e conversar, eu vou conversar com ele e, querendo ou não, se o cara quebrar a cara como eu quebrei e não voltar pra contar a história, eu vou saber que foi mais porque ele quis. Eu vou estar mais tranquilo, sabendo que minha parte eu fiz... No mundo, ninguém fica imune a essas coisas não; é muito fácil: drogas, essas coisas assim... Acho que primeiro de tudo é diálogo. Eu não tive isso, meus amigos são todos pessoas da rua como eu.”

Na forma como ele se refere à paternidade está muito presente o desejo de um filho e a divisão que o aflige entre o cuidar e o prover:

“Mas ser pai dá medo... Nossa! Dá o maior medo! Fui ao ultrassom e na hora que eu vi o menino mexendo lá, eu comecei a suar a mão e a tremer... É estranho, o coração dele batendo... Você pensa que vai ter que cuidar pra sempre — é estranho! É uma sensação, é um medo... Mas é bom! Sei lá, não sei explicar não!”

.....

“Hoje em dia, — tá gravando? — mas vou falar assim mesmo: as meninas de doze anos já estão querendo dar de mamar e os meninos de onze, doze anos já estão querendo matar, entendeu? É difícil demais! Você fica com medo... Se for menina, todo mundo vai querer pegar... Eu já peguei filha de um tanto de gente! E se for menino, tem a criminalidade... O mundo hoje está cada dia mais difícil! E eu penso que para criar filho eu tenho que correr muito atrás de trabalho. E como vai ficar meu filho? A creche não é 24 horas... Se você se preocupar só com o serviço, você vai se esquecer da educação do seu filho; e se você for cuidar só do seu filho, como fica o pão de cada dia? É difícil! Mas já que veio, agora é fazer por onde... Tentar dar o melhor, cuidar!”

.....

“Eu trabalho, mas eu tenho colegas traficante, assassino, ladrão... Eu passo, converso, cumprimento, e é tudo gente boa também, entendeu? Tudo legal! Mas se eu quisesse uma droga pra vender eles me arrumavam... Só que eu não quero. Aí a gente vai colher o que a gente planta. Penso assim: eu acho que eu já plantei muito errado e agora estou plantando coisa boa, melhor, entendeu?”

Em sua fala surge também a questão da escolha do nome do filho e do impasse entre o casal:

“Eu gosto de Pedro e ela gosta de Alexander; aí falei pra pôr Pedro Alexander. Até então, a gente quase briga quando fala de nome... Aí eu deixei o assunto quieto. Acho que vai ser esse nome mesmo; eu gosto de um e ela gosta de outro.”

5.1.1 Discussão

A história de vida de Diego é marcada por uma sucessão de acontecimentos adversos, tais como perda parental (morte paterna e prisão materna), perda da “figura de peso” (avó materna), transgressões da lei (envolvimento com drogas) e atos que o expuseram a riscos de morte (acidente de carro, acidente com arma de fogo, overdose e tentativa de homicídio) justamente na sua adolescência, período marcado pela fragilidade psíquica, fazendo-se necessário um imenso trabalho subjetivo para se tornar um adulto. Na puberdade, as pulsões se apresentam com violência e fazem vacilar o equilíbrio que o sujeito tinha mais ou menos encontrado durante o período de latência e, no caso de Diego, soma-se a isso toda a série de acontecimentos traumáticos que provocam o desenlace de sua tessitura subjetiva.

Um importante ponto a se destacar no discurso de Diego é a importância dada ao pai em sua história de vida. Para além do declínio paterno, realçado nas diversas teorias científicas que tentam dar conta das novas formas de parentesco, faz-se importante dar lugar à composição de pai própria de cada sujeito. A participação de Diego nos encontros do Grupo Restrito apontou para essa construção, partindo da função desempenhada em sua vida por seu pai em direção ao significado da paternidade a ser exercida por ele próprio. Essa elaboração foi trançada desde as primeiras relações de objeto que participaram de sua constituição subjetiva, possibilitando a Diego sua entrada na ordem discursiva.

Evidencia-se que também as contingências de sua vida participam dessa construção, levando Diego do desastre da pulsão de morte ao acontecimento da paternidade e à escolha pela vida. Em outras palavras, temos uma relação sincrônica determinada pelas relações que estruturam o “ser” em sujeito, mas, ao mesmo tempo, esta estruturação está inserida na diacronia dos acontecimentos casuais do sujeito com o mundo da linguagem.

Podemos vislumbrar a incidência da dinâmica familiar na subjetividade de Diego por meio de suas falas. Seus pais não se estabeleceram como casal. Possuía uma relação superficial com o pai, que era idealizado por ele, e que parece não ter funcionado como Ideal do Eu, mantendo-se como Eu Ideal. Sua mãe era uma mulher devastada pela droga, com quem mantinha uma relação “fraterna” e de pouco respeito, ela não conseguindo encarregar-se do cuidado materno para com o filho. Sua avó materna foi sua maior referência simbólica, funcionando como Ideal do Eu e introduzindo-o em uma ordenação discursiva, numa referência interna à linguagem que conjuga a relação entre significantes, o falo e o Nome-do-Pai. A avó exerceu para ele a função de primeiro Outro, de Outro real, transmitindo-lhe a crença no simbólico e permitindo-lhe uma sustentação simbólica.

Destaca-se, aqui, que, na adolescência de Diego, seu pai literalmente morre. Separar-se do pai é sempre uma das tarefas mais dolorosas da adolescência: matar o pai idealizado e encontrar outros objetos. Para Freud (1989e), de todas as imagens de uma infância, nenhuma é mais importante para um jovem do que a do pai. Essa imagem, porém, desde sempre se apresenta de forma ambivalente. Na primeira metade da infância, o pai, visto como herói, será ao mesmo tempo aquele que frustra a criança em seus desejos pulsionais, persistindo, lado a lado, os impulsos afetuosos e hostis. Na segunda metade, dá-se o desligamento do seu primeiro ideal — o pai já não é visto como o mais poderoso, sábio ou rico. Segundo Freud (1989e, p. 288), “tudo o que há de admirável e de indesejável na nova geração é determinado por esse desligamento do pai”.

Esse desligamento do pai em Diego se deu de forma traumática na adolescência, porquanto ele se encontrava identificado a um pai irreal. Até a morte do pai, ele se sustentava em uma nomenclatura imaginária, ligado a um pai idealizado, pura imagem, mas que trazia consigo uma certa contenção do gozo do Outro e dava consistência ao seu corpo. Essa imagem idealizada do pai cai, não apenas como uma tentativa de separação, mas por motivos concretos: o pai vivia uma vida dupla, não sendo o herói, mas sim o bandido.

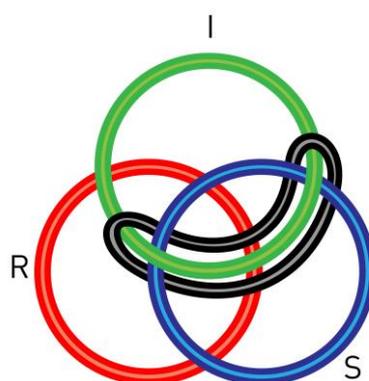


FIGURA 13 – Nomenclatura Imaginária

Pode-se situar o lapso estrutural de Diego entre Imaginário e Simbólico, e articulá-lo a uma das três dimensões da função paterna trabalhadas por Lacan no *Seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1999). No terceiro tempo do Édipo, temos a presença do pai imaginário ligada ao pai da realidade, aquele que possui o falo e que possibilita ao sujeito a identificação ao Ideal do Eu, principalmente no menino, que vai se identificar com o pai e receber o título de virilidade que guardará “no bolso” até o momento do encontro sexual. Quando a potência do pai não transmite a presença do falo, não transmite a lei da castração, o que está em jogo é o pai gozador e terrível que, ao invés de habilitar o sujeito, o desabilita. Dafunchio (2013) nos propõe que cada uma das neuroses implica uma dificuldade em algum dos três tempos do Édipo. Quando se complica o terceiro tempo do Édipo, advém a neurose obsessiva, que acontece quando a presença do pai imaginário não transmite o falo: aí encontramos o fantasma do pai terrível e gozador. Com a estrutura nominada a partir da duplicação do registro do Imaginário e pela inibição, em que prevalece o eu, o narcisismo, o sujeito obsessivo se defende com sua imagem e, desse modo, se coloca à distância de tudo o que pode ocorrer no campo do desejo, assim como da angústia suscitada pela invasão do gozo do Outro.

A nomenclatura do imaginário se produz entre o Imaginário e o Simbólico, sendo a inibição a manifestação clínica encontrada no registro do Simbólico, no qual o sujeito está fixado em uma imagem que dá consistência ao seu corpo. Por outro lado, em *A Terceira* (2011), Lacan coloca o nó borromeo de forma diferente de R.

S. I. (1975[1974]): a morte no registro do Simbólico. Lacan sustenta, com Hegel, que o conceito mata a coisa, o significante mortifica o sujeito. Os seres humanos estão afetados pela existência da pulsão de morte, que é própria do Simbólico e que separa o sujeito de seu corpo. Na inibição, o que detém o movimento do Simbólico, o que faz a metonímia do desejo é também o que coloca em jogo a pulsão de morte, em que prevalece a mortificação e a morosidade: o sujeito é tomado pela morte própria do Simbólico. (Dafunchio, 2013).

O sujeito instalado no lugar de morto se defende do gozo do Outro sem barra, que encontramos entre Imaginário e Real, onde não está operando a castração e não está intervindo o Simbólico. Segundo Freud, em *Inibição, Sintoma e Ansiedade* (1989j), a neurose obsessiva é a defesa contra a angústia frente ao supereu, que é a defesa frente à angústia do gozo do Outro sem barra, sem limite. Nesse sentido, estamos na lógica da pulsão de morte, que prevalece na neurose obsessiva como resultado da invasão pulsional, efeito do mecanismo da regressão, que retrocede da lógica fálica à lógica sádico-anal.

Na neurose obsessiva essa presença imaginária do pai não está orientada para uma mulher como causa do desejo, no sentido de que o pai possa dar provas de sua potência fálica e de se fazer preferir por sua mulher e por seu filho, o que permitiria ao sujeito atravessar os três tempos do Édipo e sair com o título de virilidade no bolso. O obsessivo cai detido no trâmite do título, à medida que o pai não encarna para ele um desejo orientado para uma mulher como causa; à medida que não faz de uma mulher objeto a causa de desejo (Lacan, 1975[1974]).

Neste ponto abriremos um pequeno parêntese para nos interrogar se a função paterna sempre se refere ao pai como homem que deseja uma mulher. Em *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*, Lacan (1992, p. 105) faz a passagem dos mitos freudianos sobre o pai para a estrutura da linguagem, apontando que o operador estrutural da constituição subjetiva é a castração, e não o Édipo. Como metáfora, o pai opera somente secundariamente. Dessa forma, a função paterna é efeito — e não causa — da castração instaurada pela linguagem. O ensino de Lacan vai em direção, cada vez mais, ao “para além” do pai, onde encontramos um homem e, além do sujeito, encontramos o ser falante, sexuado como homem ou mulher (Lopes, 2007, p. 146).

A função paterna se faz muito além do pai do mito freudiano, do pai que é a *causa sui*, “cujo desejo invade, esmaga, impõe-se a todos os outros” (Lacan, 2005a, p. 365). O que a função paterna efetua é algo totalmente diverso, ou seja, é a normalização do desejo nos caminhos da lei. “O pai é o sujeito que foi longe o bastante na realização de seu desejo para reintegrá-lo em sua causa, seja ela qual for, para reintegrá-lo no que há de irreduzível na função do *a*.” (Lacan, 2005a, p. 366). Quer dizer, o pai foi suficientemente longe na realização de seu desejo, a ponto de esse desejo não estar sustentado apenas no ideal. Foi longe a ponto de se deixar ter uma relação estreita com o objeto *a* como causa; isso implica um mais além da fantasia. (Dafuncho, 2013, p. 163)

Lacan nos aponta um sujeito sexuado que, na manifestação de seu desejo, deve saber a que “*a*” se refere seu desejo. Ou melhor, é o modo particular como um pai (não importa o gênero, mas sim quem ocupa a função pai) faz sua escolha amorosa que indica a presença de um pai desejante, submetido à castração. Assim, é necessário um desejo vivo, cuja particularidade venha mostrar o que é típico dessa função, que é de gozo, uma vez que designa, no ato de amor, de que modo o homem, na escolha de uma mulher “para lhe fazer filhos” (Lacan, 1975[1974]), se depara com o objeto *a* não incluído na metáfora paterna (Laurent, 1998, p. 10).

No caso de Diego, ao que parece, seu pai não localizou uma mulher como causa de seu desejo. Também não estava apegado a nenhum ideal... duas famílias, errante, polícia/bandido. Ele trazia apenas dinheiro e presentes, não amor e carinho, consoante as palavras de Diego. Estava “causado” pelo dinheiro e não por uma mulher, e esse é o ponto de uma versão regressiva do mito do gozo paterno, causado pelo dinheiro — objeto anal — e não por uma mulher. Como disse Lacan em *R. S. I.* (1975[1974]), o gozo do pai não está “*père-versamente*” orientado para uma mulher causa de desejo.

Logo após a morte do pai de Diego temos a irrupção do Real da angústia, um transbordamento do Real sobre o Imaginário não como uma nomeação que enoda, mas sim como algo que o desenlaça, empuxando-o ao pior por meio de inúmeras atuações. Existe uma estreita relação entre a inibição e as patologias do ato, de tal forma que o sujeito inibido a qualquer instante pode passar ao ato. (Lacan, 2005). Constatamos, então, que as patologias do ato podem estar localizadas entre a

inibição e a angústia, e em estruturas nominadas não apenas pelo Real, mas também pelo Imaginário. (Dafunchio, 2013)

Trata-se de ponto importante a ser considerado na história de Diego: o que o desenlaça é uma perda, na via de uma identificação melancólica e narcisista com o objeto perdido como resto. Essa é a diferença que vai assinalar Freud entre o luto e a melancolia, as diferentes respostas ante a perda do objeto (Freud, 1989g).

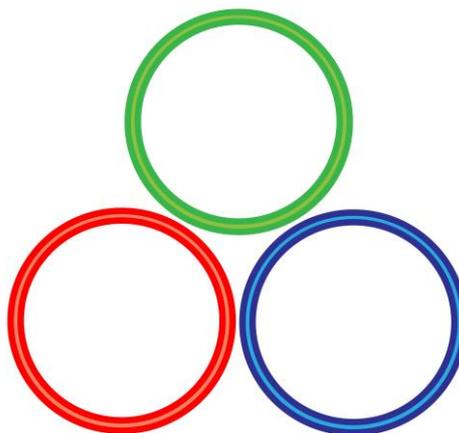


FIGURA 14 – Desenho dos três elos soltos

Segundo Freud, a melancolia também pode ser uma reação à perda do objeto amado, mas as causas excitantes se mostram diferentes, sendo essa perda caracterizada por ser de natureza mais ideal. Existe uma forte ligação libidinal com determinada pessoa, mas em razão de um real desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal torna-se destroçada. A catexia objetal foi liquidada, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim retirada para o eu. O resultado é uma identificação do eu com o objeto abandonado, a sombra do objeto que cai sobre o eu. Freud relaciona a melancolia à identificação primária, considerada por ele “uma etapa preliminar da escolha objetal, que é a primeira forma pela qual o ego escolhe um objeto”. Acrescentando que “o ego deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou canibalista do desenvolvimento libidinal em que se acha, deseja fazer isso devorando-o” (Freud, 1989g, p. 282).

Uma das precondições da melancolia é a ambivalência ao objeto amado e, ao mesmo tempo, odiado. “Se o amor pelo objeto — um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja — se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-

o...” Esse é o mecanismo que encontramos em diversos fenômenos, nos quais o que se coloca em jogo é a pulsão de morte. A autotortura, na melancolia, corresponde ao mesmo fenômeno na neurose obsessiva — “uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo”. Nesse sadismo encontramos a chave do enigma da tendência ao suicídio, porque o eu só pode se matar se puder tratar a si mesmo como um objeto, se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto externo. (Freud, 1989g, p. 284; 289).

No caso de Diego, em sua adolescência e após a morte do pai, temos, então, um primeiro desfazimento dos nós que tecem sua tessitura subjetiva, que, até então, se encontrava enlaçada por uma nomeação imaginária. Na puberdade, cai a imagem do pai idealizado, daquele que chegava com tanta alegria e presentes, ocorrendo um desenlace entre os registros Imaginário e Simbólico, em que ele o jovem dava consistência ao seu corpo pela via do Imaginário diante do ponto de falha em sua identificação com o pai como Ideal do Eu. Escancara-se, assim, a falha na identificação com o pai da realidade, como homem potente, e surge a imagem do pai criminoso.

Após essa morte traumática, o sujeito se angustia e realiza uma tentativa de nomeação pelo Real, pela via da passagem ao ato, numa tentativa de enodamento pela pulsão de morte, identificado ao pai caído, ao mais real do pai. Ele entra na mesma cena do pai na criminalidade, e se coloca no lugar do pai morto, dando seu corpo para ser acidentado, alvejado, e, após o quarto e último acidente, ele chega ao limite de sua mortalidade.

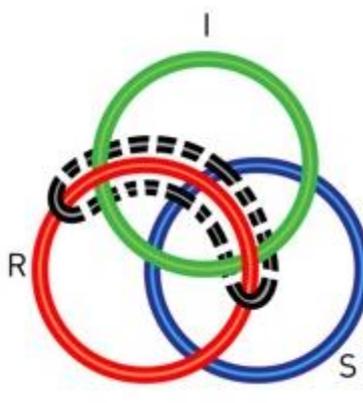


FIGURA 15 – Desenho da tentativa de uma nomeação Real

A possibilidade de sua própria morte interrompe a precário ensaio de nomeação pela via do Real, pela via da passagem ao ato. Diego nos conta que foi atingido com seis tiros, pelas costas, por outro adolescente, por causa de “briga por mulher”. Ficou vários dias entre a vida e a morte e, após esse acontecimento traumático, tinha medo de sair às ruas, andava sempre olhando para trás e com a sensação de que poderia ser alvejado a qualquer momento.

Foi preciso estar no lugar do pai morto para que Diego se angustiasse e procurasse uma analista²⁹, e, nessas conversas pontuais, ele pôde falar de sua identificação com o pai morto, de se ver no caixão no lugar do pai. Ele expõe também seu dilema entre a decisão de vingar ou não a tentativa de homicídio por ele sofrida. Desse encontro com a analista surge uma mudança de lugar: do caixão para a vida; foi preciso enterrar o pai para poder viver. Mais ainda, recusando-se a se vingar de seu algoz, Diego faz uma escolha pela vida. No étimo, a palavra vingar possui dois significados: o primeiro é tirar desforra, retaliar, dar o troco: a lei do olho por olho. Essa é a lei que ele conhecia junto com seu grupo de colegas, os quais o incitavam à vingança, dando-lhe, inclusive, uma arma de fogo. O segundo é lograr, conseguir, galgar êxito, prosperar, crescer, e, ao que parece, foi essa via do significante que Diego escolheu.

A morte do pai de Diego na “flor dos pecados”³⁰ desvela a formação imaginária que velava o furo, que era cobertura de nada. Essas questões estão relacionadas com a dignidade do falo, que está comprometido, que não recobre nada, revelando-se um “para-aquém” da marca do corte do falo (Amigo, 2007, p. 77). Mais ainda, há um fracasso da fantasia de Diego que não o coloca em um estatuto de “caso limite”, mas de sujeito em uma situação limite.

Estar no lugar de morto por causa de briga por uma mulher o fez repensar o valor de objeto precioso que tinha para as mulheres de sua família — mãe, avó e irmãs. A possibilidade de sua morte fez com que recuperasse a dignidade do objeto, passando de objeto de gozo obsceno a objeto de desejo digno. Podemos dizer que, no momento em que está literalmente no lugar do morto, ele conecta o objeto amado

²⁹ Conforme relato da própria analista que o atendeu durante alguns meses.

³⁰ Esse termo é utilizado em *Hamlet* para fazer alusão à morte de seu pai que foi morto na “flor dos pecados”, sem ter-se confessado, carregando a expiação dos crimes cometidos. Cf. Shakespeare, 1996.

e perdido ao oco da castração, conectando o *a* com a castração. (Amigo, 2007, p. 79).

Para Lacan (2008a), é a relação com a experiência da morte que dá seu pleno sentido ao termo procriar. Em Diego, podemos verificar a estreita relação da procriação e da morte, pois é a possibilidade de sua morte que viabiliza que o evento da paternidade possa ter sentido para ele, encadeando novamente Real, Simbólico e Imaginário.

Após a experiência da própria morte, novos acontecimentos demandam de Diego uma nova posição: sua mãe é presa e a avó morre. Ao contrário da solução anterior pela via do desenlace próprio da pulsão de morte, Diego assume o lugar de chefe da casa, cuidando das irmãs e da sobrinha. Consegue um trabalho como porteiro e retoma suas atividades de jardineiro, que haviam sido interrompidas após o atentado sofrido. Pouco tempo depois inicia um namoro, seguido da gravidez e do advento da paternidade. Diego não fala de sua relação com a mulher, referindo-se apenas ao cuidado com ela durante a gestação e no conflito pela escolha do nome do filho³¹.

O destino dado à pulsão de morte nos faz pensar que a possibilidade de sua própria morte e o encontro com uma analista tenham viabilizado um tratamento para ela, de modo que não se sentisse tão invadido pelo gozo do Outro, dando-lhe uma vestimenta fálica para que pudesse comparecer ao encontro sexual e assim conjugar sexo e morte.

Lacan, no *Seminário livro 10: A angústia* (2005b), realça a necessidade de se estabelecer um vínculo entre a maturação do objeto *a* e a idade da puberdade. Essa maturação acontece no momento em que o jovem está apto fisicamente para exercer a função sexual. O sujeito mostra-se obrigado a escrever com significantes esse Real do despertar da sexualidade, esse objeto pequeno *a* que irrompe na puberdade, assim como também a renovar suas vestimentas com imagens.

No caso citado, ao realizar esse enodamento entre o Simbólico e o Imaginário, Diego consegue afastar o Real de sua tendência para a morte, conjugando sexualidade e morte. Essa amarração possibilitou que o jovem tomasse

³¹ Tal fato foi constatado em todos os sujeitos escutados no Grupo Restrito: uma quase inexistência de falas referentes ao encontro com suas mulheres e, dessa forma, podemos apontar os limites do trabalho em grupo entre homens.

o parceiro sexual como objeto e finalizasse a constituição de sua fantasia, sendo a resposta do sujeito frente à pergunta “o que quer o Outro de mim?”. Essa resposta deve ser deduzida no campo do Outro, mas não sem as contingências da vida e as relações do sujeito com esse Outro que lhe coube desde o seu nascimento como sujeito.

O que devolve a dignidade da imagem perdida para Diego é a vestimenta fálica conseguida por meio de-sua virilidade, que foi realçada pelo papel de provedor da família. Essa é uma saída conectada pela via da imagem, mas que muda o tom de tragédia e torna a vida mais transitável, fazendo com que ele finalmente possa fazer uso de sua “ferramenta”. Pela virilidade e pelo encontro sexual, ele se “safa” da morte. A nomeação imaginária, para Lacan, não é

O que nomeia, apesar de ser do Imaginário, mas o que faz barra, inibe a manipulação de tudo o que é demonstrativo, de tudo que é articulado como simbólico, faz barra no próprio nível da imaginação e devolve aquilo de que se trata no corpo”. (Lacan, 1975[1974])

A partir da experiência da morte e da construção em análise, temos um terceiro tempo na estruturação do nó borromeano de Diego. Nota-se uma nova nomeação Imaginária, que faz barra ao gozo do Outro obscuro, propiciando que ele dê um outro tipo de destino a sua pulsão de morte, desfazendo-se de sua identificação com o pai morto.

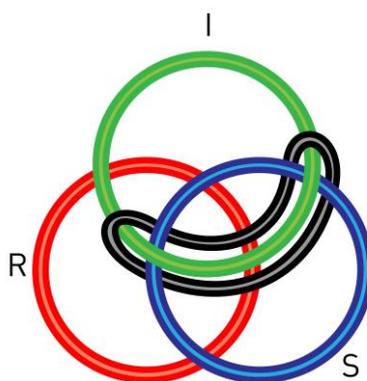


FIGURA 16 – Nomeação Imaginária

Pode-se aqui questionar se a nomeação Imaginária se sustentará, para Diego, no momento da vinda de um filho ao mundo. Lacan nos adverte que a função paterna não se faz somente pelo reconhecimento da paternidade.

A injunção destes fatos — copular com uma mulher, que ela porte em seguida alguma coisa durante um certo tempo em seu ventre, que esse produto acabe por ser ejetado — jamais terminará por constituir a noção do que é *ser pai*. (Lacan, 2008a, p. 338).

Segundo Lacan (2008a), é preciso um efeito de retorno para que o fato de copular, para o homem, receba o sentido que ele tem realmente, o de que a criança seja tanto dele quanto da mãe. E para que esse efeito de ação em retorno se produza, é necessário que a elaboração da noção de “ser pai” tenha sido, por meio de um trabalho que se produziu por todo um jogo de trocas culturais, levada ao estado de significante primeiro, e que esse significante tenha sua consistência e seu estatuto.

Como Lacan (2008a, p. 338) nos mostra — “a função de *ser pai* não é absolutamente pensável na experiência humana sem a categoria do significante” —, a notícia da paternidade pode, em muitos casos, desencadear uma psicose. Mas o que constatamos, no caso de Diego, é que esse acontecimento introduziu uma inovação em sua estrutura, com uma possibilidade de reparação, fazendo valer o pai como significante.

Apesar de se encontrar sustentado em uma nominação Imaginária, essa reparação em Diego ainda está em construção. Ele parece estar indo na direção de metaforizar a pulsão no trabalho de jardineiro e na paternidade, no “plantar e cuidar”, e é isso que abre a aposta para um outro modo de tratar a pulsão de morte. Diante da pergunta sobre o que é um pai, ele responde que não basta plantar, fecundar: é preciso cuidar.

5.2 Artur: “Nada deixa o homem mais doente do que o abandono do parente!”

Artur³² tem 18 anos e vai ser pai pela primeira vez. Sua namorada tem 17, e está com cinco meses de gravidez. A família da namorada não aceita o relacionamento dos dois e não quer que ele assuma o filho. Ele fala que “... todo homem quer ser pai”, mas quando recebeu a notícia da gravidez se assustou muito, porque não pensava em ter um filho agora. É portador de diabetes e, em consequência do controle inadequado da doença, perdeu a visão há dois anos, além de se ver obrigado a fazer sessões de hemodiálise três vezes por semana.

³² Nome fictício atribuído ao adolescente visando garantir o sigilo.

A namorada se encontra muito insegura e assustada e ele se tornou o suporte para ela. Com o advento da gravidez, surge uma grande cumplicidade entre o casal e ele diz gostar de participar de todos os momentos, acompanhando todos os exames do pré-natal. O médico disse que ele é um pai “fora do normal”, porque a maioria não acompanha as consultas. Diz que gostaria muito de participar de todo cuidado relativo ao filho, aprender a trocar a fralda, dar banho, alimentá-lo, mostrando-se indignado que não poderá participar de um curso para gestantes que a namorada irá fazer.

Eles estavam esperando uma menina, mas quando o médico disse: “olha o sacão dele aqui”, ele ficou “arrepinado”. Ao ouvir o coração do bebê, ficou emocionado. Ele se preocupa mais com o bebê do que a namorada. Preocupa-se com a possibilidade da hereditariedade da diabetes: seu pai era diabético e ele herdou sua doença. Tem medo de que o mesmo aconteça ao filho, pois “é homem e a herança paterna para o filho é maior do que para a filha”. Ele queria que o bebê fosse menina pelo fato de puxar mais à mãe e não ter problema de saúde, mas sempre quis ter um menino. Ele sabe que hoje a medicina está mais avançada, mas ainda assim se preocupa.

“Na hora que falou que era homem, eu não sabia se eu ria ou se eu chorava! Acho que todo homem quer ter um homem, menino homem, e eu pensei: ‘oh, meu Deus, não deixa vir doente, não deixa ter diabetes!’. Isso me preocupou muito, acho que é o que mais me preocupou foi isso, sabe? Acho que meu pai não aguentou a hemodiálise e se entregou. Eu acho que sou forte porque não me entreguei, mas ao mesmo tempo, eu não acho que sou forte! Nó! É muito problema! Sabe, tipo a hemodiálise, ainda mais no calor, é muito mal mesmo... Aí tem hora que eu paro e penso: ‘tô com vontade de desistir...’. Mas aí eu penso: ‘se eu desistir agora, meu filho vai sofrer muito mais do que eu já sofri, então, melhor não desistir e seguir em frente e lutar pra ele não passar pelo que eu passei.’”

No início de sua adolescência, seu pai morreu em decorrência do diabetes e, logo em seguida, ele inicia uma vida de excessos, envolvendo-se com drogas e criminalidade.

“Acho que não é só em função da morte dele, mas ajudou muito. Quando a gente tem um pai dentro de casa pra conversar com a gente, é menos, né? ‘Nó! Meu pai tá em casa, meu pai vai me xingar, meu pai vai me bater... Sabe, aí quando não tem o pai dentro de casa, eu só tinha duas mulheres dentro de casa, que era minha mãe e minha irmã. Minha irmã sei que se abalou, minha mãe também. Então fui pra rua mesmo. Aí, na rua... você já viu... Eu aprendi a fumar muito cedo; fumar maconha, cheirar cocaína, a conviver com pessoas da guerra. Já chegamos a andar com revólver, deixar revólver quase disparar e matar os outros e você passa por isso tudo... Já apanhei de polícia, já fui preso, respondi meu processo até esse ano. Depois que você passa por isso tudo, você aprende

a viver de um jeito ou de outro. Acho que agora sim é um momento, não vou falar que é um momento bom de ter um filho, porque não sou aposentado por invalidez, tenho que depender da pensão do meu pai. Mas a questão da cabeça eu acho que é uma boa hora pra ter um filho, e eu acho que um filho também vai fazer a gente lutar mais pra viver. Viver melhor e sem criminalidade, sem essas coisas. Acho que é isso!”

Com a mãe, relata:

“A gente tinha diálogo, mas não claramente como se fosse com um pai presente, pai vivo. A rua era mais atraente do que as ideias que minha mãe estava me dando.”

.....
“Minha mãe e irmã sempre foram muito preocupadas comigo por causa da minha doença, tinham medo que eu ficasse doente como o meu pai e me cercaram de cuidados.”

Sobre a questão da paternidade na adolescência, ele acha que o pai pode ser participativo, mas que por causa das “tentações” da idade, o jovem, muitas vezes, não consegue sustentar o lugar de pai, sente-se dividido entre a mãe de seu filho e as outras meninas que dão “mole”:

“Eu acho que dá atenção sim, só que eu acho que pela tentação do mundo, por a gente ser mais jovem é muito mais fácil, questão de mulher então... Você vai ao som, tem umas meninas dançando, rebolando, tipo um convite. Sabe, acho que a tentação é muito maior, se não tiver a cabeça no lugar vai mesmo. O tanto de menina que tem, sabe, sei lá... Menina que dá ideia mesmo, que dá mole... Aí tem que ter cabeça no lugar! Tenho uma namorada e, além disso, ela tá grávida! Tem que respeitar e dar valor ao que a gente tem.”

Artur é letrista de rap, trabalha em uma oficina de rap (“oficineiro”), ensinando outros jovens a fazer música. Ele faz planos de voltar a estudar e concluir o ensino médio, formar-se em música e trabalhar com rap.

“Quando eu enxergava, era muito rebelde, tomava muita bomba e parei de estudar. Hoje eu vejo como faz falta. Quero dar uma boa condição para o meu filho.”

.....
“Na favela, não tem um menino que não usou drogas, que não apanhou da polícia. Espero que mude. Eu vou educar meu filho pra entender que droga faz mal pra saúde dele e pra vida social. Espero que ele goste de rap, estude... Quem sabe se formar, ter um emprego bom? Que ele possa dar para o filho dele o que não pude dar para ele.”

O filho vai se chamar Richard Gabriel: Richard significa homem guerreiro e Gabriel, enviado de Deus. Pretende fazer uma música para o filho, pois ele foi um incentivo a mais para viver. Quando perdeu a visão e teve que fazer hemodiálise, pensou em se matar. Relatou que no início chorou muito, que foi difícil. Mas disse que foi se adaptando, e que os amigos, bem como a família, o ajudaram muito frente

à adversidade do momento. O trabalho com o rap também o ajudou a superar a depressão.

“A partir de hoje, desses últimos dias, eu tenho mais uma vida pra me ajudar, que é meu filho. Com mulher é diferente, você pode até achar que é a mulher da sua vida, que você vai se casar e tudo. Mas, de repente, não está mais com a gente. Então, filho eu sei que vai estar até o fim, mulher eu não sei... Filho e mãe não tem igual!”

Questionado então sobre o pai, diz que ele estava presente em sua vida até começar a beber e a deixar faltar as coisas dentro de casa.

“Ele se entregou ao álcool, bebia muito e por isso ficou doente. Já tinha diabetes e a doença se agravou. Eu saía para a rua, mas ficava com a cabeça dentro de casa: ‘ah, meu Deus! Mas meu pai vai chegar bêbado e vai bater na minha mãe’. Eu já bati no meu pai porque ele bateu na minha mãe; subi na mesa e dei um chute nele. Sabe, era meu pai, e isso mexeu muito comigo. Por isso que não quero que meu filho passe por isso. Hoje em dia sei muito bem como é: não bebo, não fumo, não uso droga e não quero isso pra ele também. Eu sei que se rolar uma desavença, uma briga com a mãe dele, não vai precisar rolar uma agressão. Sabe, pode sim brigar, um bate-boca, mas sem uma agressão física. Se tiver que brigar, ela sai pra lá e eu saio pra cá. Sem ele precisar ver eu chegando bêbado, sem ele precisar ver eu guardando um revólver dentro da minha casa ou escondendo uma droga, sem precisar ver um policial me pegando e me batendo. Quero ouvir dele: ‘ah, meu pai não tem medo de polícia!’.”

Para ele a presença de um pai é muito importante:

“Eu me lembro do meu pai andando de bicicleta comigo. São momentos da minha vida que não esqueço. Mas outros momentos que eu também não esqueço são da agressão. Dele chegar quebrando a casa toda e a gente ter que fugir de casa. Mas, graças a Deus, também tivemos vários momentos bons com ele. O que o meu pai passou de bom eu quero passar pro meu filho e o que eu vi de mal no meu pai eu não quero pro meu filho não. Nada deixa o homem mais doente do que o abandono do parente!”

5.2.1 Discussão

Artur informa que, durante sua infância, foi objeto de cuidados extremos por parte de sua mãe e irmã, que tinham medo de que herdasse a doença do pai. Seu corpo era cercado de cuidados e restrições, como se a qualquer momento ele pudesse desencadear o diabetes. Já em relação ao pai, vê-se que Artur não o tomou como Ideal do Eu. Em suas lembranças, o que aparece são imagens de um homem doente e frágil ou, por outro lado, bêbado e violento.

O que um pai pode de melhor transmitir a um filho é a herança simbólica e, pelo visto, esse pai decaído não pôde estar à altura de sua função. Ele não foi capaz de operar a separação entre mãe e filho, deixando Artur na ilusão de suprir a falta

fálica da mãe, de ser seu objeto de gozo. De acordo com o que Lacan nos ensina (1975[1974]), o pai de Artur não foi eficiente em se fazer respeitar pelo filho, assim como tornar sua mulher objeto *a* — causa de desejo. O que Artur historiciza são as cenas de brigas constantes, o pai chegando bêbado, a insegurança e o medo da violência do pai. Conforme suas próprias palavras: “Nada deixa o homem mais doente do que o abandono do parente!” e essa parece ter sido a herança maldita transmitida por seu pai, um pai tóxico, cuja presença real era marcada por um gozo mortífero e não por uma presença simbólica.

Podemos estruturalmente colocar Artur na infância, sustentado em uma identificação imaginária — como falo da mãe, como objeto de cuidados desse Outro materno. E, ao que tudo indica, foi o que o manteve estabilizado até a puberdade. Ele fazia uma compensação do Édipo sustentado em identificações imaginárias, que impediam o desenlace de seu nó, e davam consistência ao seu corpo-objeto, que parece não ter terminado de mediar-se simbolicamente.

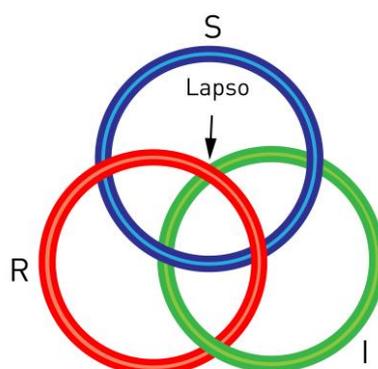


FIGURA 17 – Lapso do nó entre Real e Imaginário

Na adolescência, todos os elementos para o desatamento do nó entre Imaginário, Real e Simbólico estão reunidos e eles não são mais contornáveis. As coordenadas da infância não são mais suficientes para tratar o Real em jogo e para realizar o encontro com o Outro sexo. É o momento em que o jovem terá que contar com o Ideal do Eu, que provém da identificação ligada ao terceiro tempo do Édipo, e que, apesar das contingências da vida, “permanece no sujeito exatamente como a pátria que o exilado carregaria na sola dos sapatos — seu Ideal do Eu lhe pertence, é, para ele, algo de adquirido.” (Lacan, 1999, p. 301). Contudo, mesmo tendo esse Ideal do Eu como bússola, o sujeito tem que refazer seu próprio caminho, realizando

escolhas de itinerários, ainda que contando com a ajuda de placas indicativas da estrada principal.

Esse momento de escolhas e divisões é motivo de grandes angústias para o adolescente, muitas vezes tornando-se insuportável, com risco de passagens ao ato violentas e *actings out* como respostas frente ao mal-estar gerado pelo encontro marcado com o Real no tempo lógico da puberdade (Capanema, 2009). Encontro com o que não se pode nomear, com o que faz furo no real — com o objeto *a*. (Lacan, 2003e). Nessa transição, o Ideal do Eu opera uma importante função que orienta o sujeito, distanciando-o da errância da pulsão de morte e possibilitando que se torne amável por si mesmo, além de situá-lo das identificações, nas funções como homem ou mulher (Lacan, 1998d).

A “delicada transição” (Lacadèe, 2011, p.16) de Artur com a chegada da adolescência acontece de forma desastrosa, dado que, além da perder o pai, ele assume vários comportamentos de risco que o levam prematuramente ao desenvolvimento de sintomas graves ligados ao diabetes. O excesso contido em suas atuações e o tipo de relação estabelecido em seu núcleo familiar nos levam à hipótese de falha na identificação paterna e exposição a uma devastação materna, em que ele era tomado como objeto de gozo fálico pela mãe. Depois da morte do pai, a relação imaginária com a mãe se desestabiliza, uma vez que tanto a mãe como a irmã se mostraram tão afetadas que se descuidaram da saúde de Artur, deixando-o jogado à sua própria sorte.

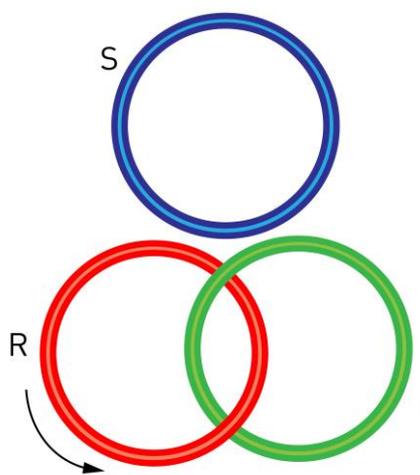


FIGURA 18 – Interpenetração do Real e do Imaginário

O que dava consistência ao corpo de Artur era a identificação imaginária como objeto de cuidados da mãe e da irmã. Com a morte do pai, essa amarração se desfaz e Artur é invadido pelo gozo do Outro, quando há o surgimento da angústia proporcionado pela invasão do registro do Real sobre o Imaginário. No desenlace do nó de Artur, Real e Imaginário ficam interpenetrados e o Simbólico se solta, o afeto depressivo pulveriza seu narcisismo, o amor por si mesmo.

Freud, no texto *Totem e Tabu* (1989d), nos mostra que, na melancolia, o sujeito permanece detido no momento posterior ao assassinato do pai. Identificado com o pai morto, ele não pode terminar de incorporar o pai, não pode acabar de comê-lo e assim não termina de operar a passagem do pai vivo ao pai morto — ou seja, ao Nome-do-Pai. Artur parece não possuir o ponto de basta propiciado pelo Ideal do Eu, identificado ao gozo mortífero do pai, vivendo passo a passo a marca do pai nas drogas e na criminalidade.

Dessa forma, a posição fundamental de Artur parece ser melancólica, de identificação com o resto. Em *Luto e melancolia*, Freud (1989g) define, tanto um e outra, como uma reação à perda de um ente querido, de uma situação ou de um ideal. Todavia, ainda segundo o autor, na melancolia o doente reage à perda utilizando o recurso de identificar-se ao objeto perdido, para, dessa maneira, reconstruí-lo em seu eu.

A verificação de sua identificação como resto se mostra em seu descuido com a saúde, levando-o muito precocemente para a hemodiálise e para a cegueira. Ele se identifica com o pior do pai, fazendo uma identificação imaginária, e se dirige para a “rua”, como uma saída diante do desejo da mãe. Ele se defende do desejo da mãe, Outro voraz que representa o gozo do Outro sem barra, retratado por Lacan (2005a) na história sobre o louva-a-deus gigante³³, identificando-se com o pior dos emblemas paternos, chegando a uma posição de resto e, finalmente, conseguindo malograr sua saúde.

³³ Lacan sugere que imaginemos uma cena na qual se encontrasse vestido com uma máscara de um animal e diante de outro animal — um louva-a-deus gigante. Como ele não sabia qual era a máscara que estava usando, pois não enxergava sua própria imagem no espelho enigmático do globo ocular do inseto, encontrava-se angustiado pela possibilidade de que sua máscara pudesse induzir o louva-a-deus a algum erro quanto à sua identidade. O gozo do Outro seria radicalmente Outro — o louva-a-deus de desejo voraz a que não estou ligado por nenhum fator comum. A fábula de Lacan demonstra o lugar do encontro com o desejo como tal, indeterminado e voraz, como a fêmea do louva-a-deus gigante que mata o macho após o acasalamento (Capanema, 2009).

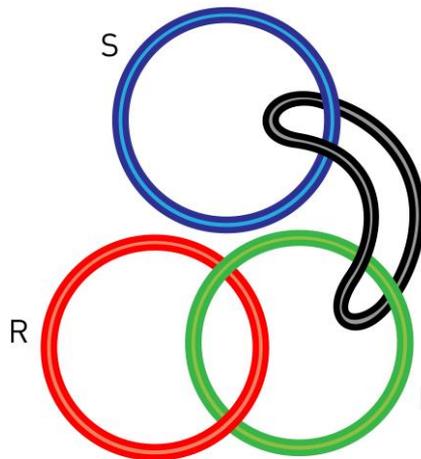


FIGURA 19 – Identificação imaginária com o pai “se dirige para a rua”, mas algo fica solto entre Real e Simbólico, marcado por seu descuido com a saúde

A notícia da paternidade faz Artur se fiar em uma razão para viver, ao invés de resignar-se como o pai e sucumbir à morte. Ele parece mais decidido do que a namorada, que está assustada, e faz da paternidade uma causa, um projeto de vida. Esse filho por nascer cumpre para ele uma função de resgate, como elemento cristão, em que Cristo salva Deus. Trata-se de uma versão sadomasoquista: como filho do pai ele está preso ao mesmo gozo mortífero do pai e a condição de tornar-se ele próprio pai é uma maneira de se salvar. Vai ser melhor pai do que seu pai, dando ao filho a chance de não repetir o gozo mortífero com o qual ele próprio se encontra identificado. Se esse filho viver melhor e tiver a possibilidade de apartar-se da criminalidade, ele sai da repetição.

Esse filho lhe dá uma saída da identificação imaginária e tóxica com o pai, que foi a via encontrada por ele diante do desejo materno, a via da virilidade que, no entanto, era mortífera, pois os emblemas paternos o empuxavam para o pior. A paternidade proporciona a Artur uma identificação imaginária menos deletéria, com uma missão de salvamento: ser um bom ou mau pai, ser criminoso ou não criminoso, como se a paternidade viesse apagar seus pecados.

O nome escolhido por Artur marca o que ele espera desse filho, como desenvolveu Freud em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1989e), ao falar dos distintos tipos de amor no narcisismo, que o outro encarne o que o sujeito quisera ser:

A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram — o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como

compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança (Freud, 1989e, p. 108).

Artur queria ser um guerreiro, uma fortaleza, queria sair do gozo mortífero do pai. A escolha do nome Richard Gabriel, que representa um guerreiro e um anjo enviado de Deus, nos sugere que são nomes do narcisismo de Artur. Esse nome marca o que ele espera do filho: que ele possa redimir Artur do gozo mortífero que herdou de seu próprio pai.

Pela paternidade, Artur também se defende do desejo feminino, tido por ele como enigmático: “filho eu sei que vai estar até o fim, mulher eu não sei [...] Filho e mãe não tem igual”. O filho é colocado em um lugar materno de incondicionalidade, e ele, Arthur, se refugia na paternidade, com a qual encontrará um ser que vai estar com ele irrestritamente, que o preserva do vai e vem do desejo feminino. Como também de seu desejo por uma mulher, expresso em sua fala sobre as outras meninas: “Você vai ao som, tem umas meninas dançando, rebolando, tipo um convite”. Assim, ele se defende com a ilusão de ter um filho do desejo de uma mulher e do desejo por uma mulher.

Agora o filho é puro projeto para Artur, mas, talvez, na relação com esse filho real, ele logre estabelecer um outro tipo de envolvimento, menos idealizado. Essa reparação imaginária não conforma uma solução na qual tenha lugar o gozo mortífero que o afeta e que poderá retornar da pior maneira, pois nunca, para um melancólico, a irrealização é a solução.

Pode-se vislumbrar uma importante possibilidade de reparação simbólica por meio da letra e do rap, com os quais, eventualmente, possa encontrar uma função de enodamento mais forte que a solução da paternidade.

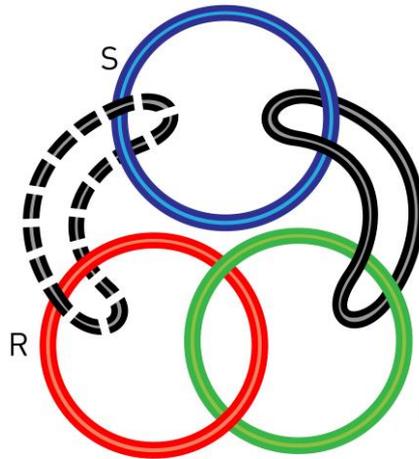


FIGURA 20 - Reparação imaginária pela paternidade e possibilidade de reparação simbólica pela música

5.3 Wemerson: uma porta que se abre para a liberdade

Wemerson³⁴ foi encaminhado ao *Programa Liberdade Assistida*³⁵, da Prefeitura de Belo Horizonte, pelo ato infracional de porte de armas. No seu primeiro atendimento, o adolescente chega timidamente em minha sala e diz: “não sabia se podia entrar, a porta estava fechada!” Respondo que a porta sempre estaria aberta para ele. Convido-o a entrar e a falar sobre o que o trazia ali:

“Fui pego com arma de fogo... Comprei para me defender dos bandidos que mataram meu pai. Tinha medo que voltassem para se vingarem de mim”.

Inaugurou, com essas palavras, o cumprimento da medida de liberdade assistida.

Wemerson tinha 16 anos e residia com sua mãe e um irmão mais novo em uma comunidade pobre de Belo Horizonte. A mãe trabalhava como empregada doméstica e sustentava a família.

O primeiro assunto tratado por Wemerson foi a morte do pai; este era usuário de drogas e morreu porque se envolveu com a “guerra de gangs”. Nessa época, o adolescente tinha 14 anos e ficou muito revoltado.

³⁴ Nome fictício, visando a preservar a verdadeira identidade do adolescente.

³⁵ A liberdade assistida é uma das seis medidas socioeducativas presentes no *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), destinadas aos jovens de 12 a 18 anos que cometem atos infracionais. Após o devido processo legal, eles são encaminhados para as instituições executoras dessas medidas.

“Meu pai era tudo para mim! Sempre fui muito apegado a ele! Em casa, enquanto minha mãe saía para trabalhar, ele cuidava de nós, levava para a escola, ao médico e era exigente. Não nos deixava ficar na rua aprontando. Me lembro da surra que levei quando ficou sabendo que eu tava pegando carona na traseira do ônibus.”

Desde a morte do pai, Wemerson só pensava em se vingar dos bandidos que o mataram e no medo que sentia de ser morto por eles. Segundo a mãe, Wemerson ficou “muito diferente depois que o pai morreu, com uma revolta sem fim” e só falava em vingar sua morte. “Tenho medo do que ele possa fazer ou se envolver. Era muito ligado ao pai, sempre o acompanhou desde pequeno”.

A mãe conta que se casou muito nova, sempre trabalhou fora e deixava os filhos a cargo do marido, que nunca tinha trabalho fixo. Mais tarde, ele se envolveu com as drogas e a criminalidade, apesar de ser bom pai e marido. Embora ela afirmasse não gostar do envolvimento do marido com o crime, ao mesmo tempo compactuava com isso, permanecendo a seu lado, alheia a tudo. Informa que Wemerson sempre foi um menino nervoso, agitado, tendo frequentado por vários anos um serviço psicológico em razão de dificuldades de aprendizagem. Ficava preocupada com a influência paterna, receosa que o filho seguisse o mesmo caminho. Mas o pai era exigente com os filhos, não admitia que eles ficassem na rua; queria que estudassem para ter uma vida melhor e nunca os deixava verem-no drogado.

Durante os primeiros seis meses de acompanhamento no *Liberdade Assistida*, Wemerson tratava exclusivamente de sua conturbada vida amorosa. Encontrava-se dividido entre duas mulheres: a atual namorada — a “santa” — e a antiga — a “vagabunda”. Também não falava mais do medo de ser assassinado como o pai, evitando tratar de assuntos referentes à “guerra no morro”.

Certa vez, sua mãe me procura aflita, relatando que havia tirado Wemerson do “morro”, pois ele se encontrava envolvido na “guerra” e ameaçado de morte por gangs rivais. Agindo com presteza e rapidez, ela consegue retirá-lo do local, em surdina, com a ajuda de um irmão, que o leva para morar com ele na periferia de Belo Horizonte.

A partir de sua saída do morro, Wemerson começa a se angustiar: “quero voltar para o morro, é lá que sou feliz! Nasci no morro e vou morrer no morro”. Pergunta-me o que acontecerá com ele se voltar para o morro e respondo que ele poderá ter o mesmo destino do pai. Pede meu aval para voltar e eu digo com

firmeza que não; como poderia atendê-lo em liberdade assistida se estivesse correndo perigo? Ele concorda em ficar, sentindo-se exilado de sua pátria.

Nos atendimentos seguintes, alude à dificuldade de sua nova vida, longe das mulheres e dos amigos, “no meio do nada”. Toda semana, impreterivelmente, comparecia aos atendimentos, esperando um aval para que pudesse voltar para o morro.

Conta-me que sua ex-namorada estava grávida e falou que “era dele”. Inicialmente, não acreditou, pois afinal ela o havia traído. Esperaria a criança nascer, caso fosse parecida com ele poderia talvez assumir a paternidade, ou, quem sabe, faria um exame de DNA: “Se for minha, vou registrá-la e ajudar no seu sustento!” Ao conhecer a filha, Wemerson encantou-se com ela, assumindo sua paternidade mesmo sem estar registrada em seu nome ou fazer o exame pretendido. Reatou o namoro com a mãe de sua filha e foram morar juntos.

A mãe do adolescente continuava ao seu lado, apoiando-o e sustentando sua família, porém mostrava-se preocupada com o “comodismo” do filho, que não procurava trabalho. Também estava apreensiva, porque havia iniciado um namoro e temia a reação de Wemerson. Em relação ao namoro da mãe, ele diz: “fiz uma promessa ao meu pai antes dele morrer, que não deixaria ela ter outro homem”. Sente-se culpado por ter traído a promessa feita ao pai, pois deixou sua mãe continuar o namoro sem intervir e até gostou do namorado dela.

Converso com ele sobre a posição de sua mãe e ele me diz: “Este ano tive muitas mudanças em minha vida. Não foi fácil sair da vida do crime, dá muito trabalho”. Concordo com ele de que não era sem trabalho que ele construiria um novo lugar para viver. No atendimento seguinte, leva sua filha para que eu pudesse conhecê-la e fala que sua vida havia mudado muito depois de seu nascimento. Eu atesto isso e ressalto sua escolha pela vida e não pela morte — de uma outra construção possível pela via da paternidade.

Nesse momento, Wemerson relembra sua outra vida, a do crime, que sempre escondeu:

“Todos os homens da minha família ou estão mortos ou presos. Só sobraram as mulheres!... [Depois que o pai morreu havia assumido o seu lugar no crime]. Muito tiro, guerra e mortes. Era uma loucura! Bala voando pra tudo quanto é lado! Ficávamos em cima da laje, mandando na comunidade. Lá ninguém chegava perto, senão era bala!... Não sabia em quem atirava ou em quem acertava!”

Sua vida foi, então, ameaçada: levou um tiro de raspão e sua mãe o tirou de lá.

“Saí para não morrer ou ser preso. Não queria sair, mas agora não quero voltar! Nunca achei que fosse seguir o caminho do crime, eu estudava e jogava futebol. Sou muito novo, estamos em 2006 e eu tenho 17 anos, tenho toda a vida para aproveitar!”

Relata-me um filme documentário do qual participou quando ainda estava no morro:

“Era um filme sobre os programas da Prefeitura na comunidade, mas também mostrava o outro lado do morro: a violência. Estava muito envolvido com o tráfico, andava armado, estava em guerra. Me perguntaram sobre o porquê de estar nessa vida e eu falei da morte do meu pai. Eu queria ver de novo esse filme!”

De repente, surge uma nova mudança: Wemerson vai morar com o tio, e sua mulher e filha voltam para o morro. As coisas não vão bem entre o casal — o ciúme de Wemerson retorna e ele chega a falar em tomar a criança da mulher, porquanto “ela só quer saber de sair”.

Em um dos atendimentos chega atrasado e ansioso: foram levar a filha ao hospital, pois estava com febre. Não levaram a certidão de nascimento e ficaram presos lá, todos os três eram menores de idade e o hospital queria acionar o Conselho Tutelar. Wemerson consegue sair de lá e me procura, porque precisa pegar a certidão da criança na casa da sogra. Sua mulher havia deixado o documento lá:

“A mãe da mulher é louca, doente da cabeça! Ela só sabe tomar remédios e dormir. Toda sua família é envolvida com o tráfico, até sua avó está presa!”

Ele se pergunta se sua mulher dará conta de cuidar da menina, porque “ela também é meio desmiolada!”. Pede-me o vale-transporte para buscar a certidão da filha e se despede afoitamente.

Wemerson continua sua construção de como “se faz um Pai”. Fala de seus atos infracionais de um outro lugar, de fora da cena da violência. A conotação de sua fala se altera, havendo uma elaboração subjetiva propiciada pela porta que se abriu quando iniciou o cumprimento da liberdade assistida e pela sua recente paternidade. Está providenciando seu alistamento militar e outros documentos, além de iniciar um curso de pinturas especiais. Continua procurando trabalho e faz planos de registrar sua filha, Nina, no seu nome: “Quero registrá-la independente de ser minha filha ou não. Eu a adotei e ela me salvou...”.

Nesse ponto, chega às minhas mãos, vinda do Juizado, sua certidão de encerramento da Medida de Liberdade Assistida. Espantei-me, uma vez que eu ainda não a havia solicitado. Aproveito o fim do cumprimento da medida para usá-lo como ato que possa lançar Wemerson não para um retorno ao “morro” e tudo o que isso significava, mas para ajudá-lo nessa sua nova construção do que é ser um pai para sua filha. E deixando sempre as portas abertas para que ele possa entrar!

5.3.1 Discussão

O início do atendimento de Wemerson no *Liberdade Assistida* se fez valer pela via da inibição, que se apresentou em sua vacilação de não saber se poderia entrar ou não em minha sala. Essa hesitação, que colocou em dúvida se a porta estaria aberta para ele, concentrou toda a sua questão entre a liberdade ou ter que cumprir o destino mortífero dos homens de sua família. Essa porta que se abriu para dar lugar a um espaço de trabalho pela via da palavra é um símbolo por excelência do Nome-do-Pai, permitindo ao adolescente outra saída, propiciando-lhe um ancoradouro onde ele pôde fazer sua própria versão paterna.

Esse desejo de atravessamento foi trabalhado por Lacan no *Seminário, livro 15: O ato psicanalítico* (1968[1967]), por meio do exemplo da travessia do Rubicão³⁶ por César, que marca o caráter inaugural do ato. Atravessar o rio Rubicão não significava uma dificuldade física, não significava que o rio fosse difícil de ultrapassar, mas era um ato fora da lei, visto que César, ao ultrapassar o limite autorizado, estava em transgressão.

Efetivamente, podemos tomar essa vacilação de Wemerson e a metáfora da porta aberta como atos que inauguram algo novo, pois, com seu atravessamento, ele produz a inscrição de um novo desejo. Para Lacan, todo ato verdadeiro é um “suicídio do sujeito”. Isto quer dizer que ele pode renascer desse ato, mas de modo diferente. É o que constitui um ato propriamente dito: o sujeito não é o mesmo que antes (Miller, 1993). A vacilação de Wemerson demonstrou um desejo de atravessar

³⁶ Em 49 a.C., o general e estadista romano, Caio Júlio César, atravessou o rio Rubicão com seu exército. O rio demarcava a fronteira entre a Gália Cisalpina, aquém dos Alpes, e a Itália. Segundo a lei romana, se um procônsul atravessasse o Rubicão com sua tropa de soldados, na margem norte da Cisalpina, rumo à margem italiana do rio, ele seria considerado criminoso e expulso da República. Com as palavras *Alea jacta est!* (A sorte está lançada!), César resolveu voltar com suas legiões à cidade, declarando, com esse ato, guerra a Pompeu. Disponível em: <www.brasilecola.com>.

esse umbral, passar a outro lugar, mas, ao mesmo tempo, uma defesa ante este desejo, e este foi o tema tratado por ele no primeiro encontro de seu atendimento.

Depois que seu pai foi morto por envolvimento com o tráfico de drogas, Wemerson compra uma arma de fogo para se vingar dessa perda. Seu desejo de vingança era um plano de identificação e amor ao pai, que, segundo suas próprias palavras, “era tudo para mim!”. A dimensão do amor ao pai estava colocada para Wemerson, assim como do amor do pai por ele. Era o pai quem ficava em casa com os filhos, enquanto a mulher saía para trabalhar, estando ativamente motivado por eles: cuidava, levava à escola, ao médico e, além do mais, os obrigava a cumprir certa lei. Embora esse pai fosse um “fora da lei”, houve certa função paterna cumprida por ele, em uma vertente fundamental do desejo do pai no exercício de sua paternidade. O pai, por um lado, entrou no mundo da criminalidade pela via das drogas, mas, por outro, manteve os filhos apartados da criminalidade, marcando um caminho diferente. Mas esse traço da dualidade do pai também se fez presente em Wemerson.

Lacan, em *O seminário, livro 22: R. S. I.* (1975[1974]), nos fala que a única garantia da função pai é que ele exerça a função de exceção. A função de exceção é realizada a partir de um sujeito, não importa quem, mas desde que seja alguém que venha a fazer exceção à regra de ser apenas um entre outros. É necessário, para se fazer exceção, que esse sujeito seja ao menos Um, que seja uma existência, um modo de gozo particular que venha operar uma diferenciação. (Laurent, 1998). Lacan define a função paterna como função de sintoma $f(x)$, o que do inconsciente pode ser traduzido por uma letra (a), uma letra de gozo que se inscreve no corpo ao se fazer exceção.

Aí está o que deve ser um pai, na medida em que só pode ser exceção. Ele só pode ser modelo da função realizando o tipo. Pouco importa que ele tenha sintomas, se acrescenta aí o da perversão paternal, isto é, que a causa seja uma mulher que ele adquiriu para lhe fazer filhos e que com estes, queira ou não, ele tem cuidado paternal (Lacan, 1975[1974], em 21/01/75).

No caso em questão, podemos ver que o pai de Wemerson fez de sua mulher objeto a , causa de desejo. Essa dimensão do amor apareceu nas palavras da mulher ao falar do marido, ela permaneceu com ele apesar dos crimes e da droga. Mas algo ficou falho ao realizar o tipo, já que, em seu sintoma, estava incluído um

modo de gozo transgressivo, que era entrevistado pelo filho, mesmo que com ele o pai exercesse muito bem o “cuidado paternal”. Entretanto, houve um espaço em sua família para o amor ser transmitido no exercício da função materna e paterna, um espaço de que Wemerson pôde se servir, com a ajuda da analista que lhe abriu a porta e lhe garantiu que a porta continuasse aberta.

Como já mencionado, inicialmente Wemerson tratou da dualidade de suas relações amorosas e essa dimensão do amor foi uma questão relevante para ele. O que significa a “santa” e a “vagabunda”, uma mulher e outra mulher? Sabemos, desde Freud (1989b), que pode existir uma analogia entre a santa e a puta na degradação da vida amorosa do homem: o que se encontra, no consciente, dividido entre dois opostos, pode ser uma unidade no inconsciente. Wemerson nomeou cada mulher encarnando um aspecto antinômico do pai: a santa como o que o pai era como marido e pai, e a vagabunda como o que o pai era como *drogadicto* e criminoso, ou seja, cada uma dessas mulheres representou uma faceta do pai.

Todavia, pode-se ressaltar que o que salvou Wemerson da morte foi o amor materno, que o tirou do morro, que o obrigou a atravessar a porta, a atravessar para outro lugar com determinação. Assim como o tio materno, que também cumpriu certa função paterna. Quando ele ajuda a tirar Wemerson do morro, ele encarna o homem da família que não cumpre o destino fatal da morte. Está na posição de tirá-lo do morro e levá-lo para viver em outro lugar, tal como o homem mascarado da peça *O despertar da Primavera* (Wedekind, 1991) ressaltado no comentário de Lacan (2003e)

Lévi-Strauss (2012) opera nesse sentido, ao falar das estruturas elementares de parentesco. Em muitas sociedades estudadas por ele, o tio materno cumpre uma função paterna. No caso de Wemerson, o ponto onde o pai não cumpre a função paterna, onde ele se envolve com a criminalidade e termina morto, nesse ponto parece haver certa suplência do tio.

Desse modo, podemos estabelecer dois distintos momentos no tratamento de Wemerson: um primeiro, em que a mãe e o tio o retiram do morro: ele se sente um exilado, e a única coisa que quer é voltar para lá com minha autorização. Um segundo momento, após ele se tornar pai, em que ele escolhe não voltar mais para o morro, e o tio passa a ser uma referência de que se pode viver em outro lugar.

Esse tio é a presença masculina que possibilita essa mudança, conforme sua fala de que encontrou outro lugar possível que não o morro.

Nesse ponto, em que o pai não cumpriu a função de tirá-lo do morro, o tio materno substitui o pai. Também a analista cumpre uma função paterna ao não autorizar sua volta ao morro, como a mãe e o tio materno, ocupando uma posição de firmeza que insiste em deixar aberto um espaço outro, distinto desse espaço mortífero da identificação com o pai. E, nesse sentido, a negação da analista — esse “não pode voltar ao morro” (“não”, igualmente, é função paterna) — produz angústia em Wemerson, fazendo-se presente um vazio, porque ele está longe de todos os seus laços.

Mas nessa ausência, nesse exílio, abre-se lugar para algo novo, para uma mudança de posição. Esse novo, a princípio, se apresenta pouco a pouco sob a forma da analista, e, depois, da filha. Para Lacan, (2005a, p. 197), a angústia é uma dobradiça entre o desejo e o gozo, e, mesmo quando se trata de uma angústia maciça, ela pode ser passível de mudança. A angústia mostra-se aberta ao futuro; uma pessoa angustiada está na expectativa de que algo novo aconteça e resta ao analista saber “dosar a angústia”.

Há uma fase de seu atendimento em que ele está identificado ao pior do pai, sem movimento, completamente inibido, instalado em um comodismo preocupante, segundo palavras de sua mãe. Logo ele começa a se mexer, produzindo um movimento de desidentificação com o mortífero do pai. É também quando ele aceita o novo relacionamento da mãe, deixando-a tranquila, até gostando do seu namorado, e, então, assume a culpa por trair a promessa feita ao pai. Temos, aí, uma ação muito importante de saída e abandono do gozo mortífero de cumplicidade com o pai.

É muito importante a aparição desse homem na vida da mãe, pois assim Wemerson pode seguir o movimento de desejo dela. Movimento que demonstra certa flexibilidade de sua estrutura, na qual pôde fazer uma mudança subjetiva, comprovada na forma como altera o discurso sobre o morro. Ele fala de outro lugar, já não é mais sua pátria, senão uma loucura! Tal fato é expresso por ele quando diz que gostaria de assistir novamente ao documentário do qual havia participado. É interessante notar que ele se vê de outro lugar, que sai da cena do filme. E ver-se de outro lugar é ver-se como outro... ele já não é mais o mesmo do filme.

5.3.2 O nó de Wemerson

Durante a infância e até a morte do pai, Wemerson se encontrava enlaçado em uma nominação imaginária, entre Imaginário e Simbólico, sustentado no amor parental e cuidados do pai. Porém, mesmo amparado por uma nominação imaginária, a dualidade paterna é pressentida, trazendo-lhe consequências subjetivas importantes, dado que se mostra nervoso, agitado e com dificuldades de aprendizagem. Sua mãe procura tratamento psicológico para ele, com medo de que seguisse o mesmo caminho do pai. Assim, ele faz uma amarração do seu nó borromeano pela via do sentido, tratando a dualidade paterna pela inibição do pensamento, identificando-se com o desejo do Outro, no caso, com o receio da mãe de que ficasse como o pai.

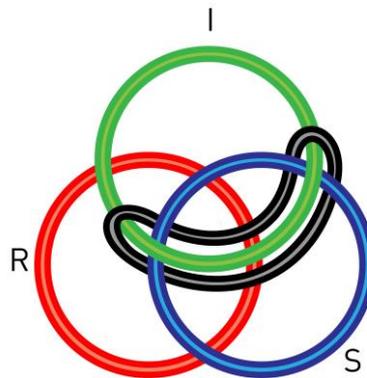


FIGURA 21 – Nominação Imaginária

Com a morte do pai e a entrada na adolescência, a nominação imaginária que sustentava juntos Real, Simbólico e Imaginário se desfaz. O corpo muda, a imagem que tinha de si mesmo se desfaz, assim como a imagem que tinha do pai, uma vez que, com o assassinato, escancara-se sua outra vida, a da criminalidade. O campo do Real invade o registro do Imaginário e presentifica-se o gozo do Outro, causando-lhe angústia diante do medo de ser assassinado como o pai. Nesse momento, Wemerson faz outra tentativa de nominação imaginária, desta vez entre Real e Imaginário: ele tenta dar sentido ao gozo transgressor do pai, identificando-se com esse traço do pai criminoso. Ele compra uma arma e se envolve com a criminalidade, assemelhando-se, imaginariamente, ao gozo mortífero do pai.

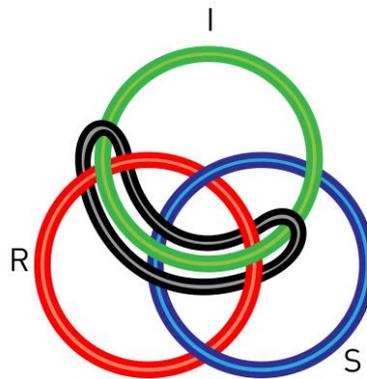


FIGURA 22 – Nomenclatura Imaginária

A porta que se abriu com o *Programa Liberdade Assistida* possibilitou que Wemerson desse tratamento para suas questões a partir da presença da analista, construindo uma amarração mais sólida de seu nó borromeo em uma nomenclatura simbólica. Essa porta aberta simboliza o caminho para a liberdade, e esse significante é importante porque, efetivamente, Wemerson consegue se libertar da atadura do pior do pai.

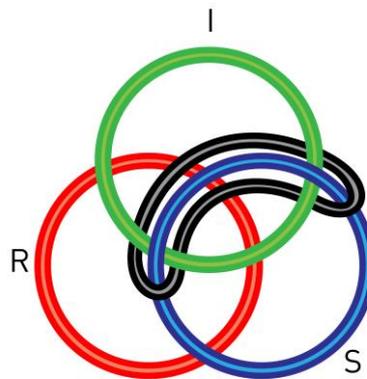


FIGURA 23 – Nomenclatura Simbólica

A paternidade para ele não está no lugar de salvamento, de resgate do mundo do crime, mas, o que se verificou, é que ela o colocou em uma posição simbólica, como foi demonstrado no episódio do hospital, onde ficaram presos por estarem sem a certidão da filha. O que passou com a filha quando ela ficou doente, como ele se movimentou para buscar a certidão de nascimento e reverter toda a situação, e também no modo como ele se questiona se a filha vai estar bem com a

família materna, que está envolvida com o tráfico de drogas, tudo isso demonstra responsabilidade e que ele pode se situar além do puramente imaginário.

A porta que se abre está no lugar do Nome-do-Pai, do pai que diz não, mas que também ensina a comunicação, representando a conjugação da Lei e do desejo e, com isso, a possibilidade de Wemerson construir sua própria versão paterna. Assim, não é somente a paternidade que representa o quarto elo do nó borromeano de Wemerson, mas não é sem ela que ele faz essa nova amarração de seu nó borromeano, pois, para ele, o pai é um sintoma.

5.4 Considerações gerais

Os casos trabalhados nesta pesquisa são de adolescentes — nomeados pelo Outro social como “em situação de vulnerabilidade social” — oriundos de camadas desfavorecidas da sociedade, onde é comum encontrarmos uma exposição obscena ao mais-de-gozar, como podemos constatar nas suas narrativas de vida. Não que os jovens de outros extratos sociais não estejam também expostos ao gozo do Outro; na realidade, vivemos a era do mais-de-gozar, na qual o objeto *a* se tornou a bússola da civilização hipermoderna (Miller, 2005), mas em lugares onde reina a exclusão, o colorido da vertente mortífera do mais-de-gozar adquire tons de sangue.

Existem vários pontos afins nas histórias dos adolescentes trabalhadas nesta pesquisa. O que mais nos chamou a atenção é a exposição ao mais-de-gozar do pai, para além do pai como “modelo da função” (Lacan, 1975[1974]). A entrada na adolescência coincide, para os três, com a morte bruta do pai e desencadeia passagens ao ato e *actings out*, em que a identificação ao mortífero do pai se fez presente. Assim, os casos ilustram as dificuldades desses sujeitos em se servirem do pai para a construção de sua *père-version*, ou seja, sua versão paterna, o quarto elo da cadeia borromeana, que mantém ligados Real, Simbólico e Imaginário. Constata-se, nesses três extratos, um fato em comum: efetivamente há um grande Outro que mata o pai; esse pai, ao mesmo tempo, não tem a potência de se fazer representar como Outro para o filho, em uma referência de alteridade; os adolescentes se encontravam muito ligados ao pai concreto e não ao modelo da função de exceção.

No caso de Diego, podemos constatar que a possibilidade de sua morte interrompeu o ciclo mortífero da pulsão de morte e o enviou para uma análise. Com sua nova configuração familiar, ele é obrigado a assumir o papel de provedor da família, o que lhe permitiu se apresentar com uma diferente vestimenta fálica. Ser nomeado pai possibilitou-lhe uma inovação na estrutura, na qual ele faz valer o pai como significante: diante de sua pergunta sobre o que é Um Pai, ele segue construindo figuras de pai — é aquele que cuida? que trabalha? que ensina a comunicação? que é bandido? Diego nos mostra, com essa construção, a possibilidade de se conseguir um saber fazer que passa pela paternidade, e ele parece trilhar esse caminho, metaforizando a pulsão desregrada no “plantar e cuidar”.

No caso de Wemerson, quando nasce sua filha, ele se encanta por ela e, nesse momento, surge um movimento subjetivo retrospectivo, que o colocou em uma posição simbólica, atestado em sua preocupação com o laço biológico e a forma como adotou simbolicamente a criança. Ele se responsabilizou pela sua paternidade, preocupando-se com o cuidado da filha. Ele se colocou em movimento para conseguir um trabalho e, além de tudo, sustentou sua escolha pela vida. O amor de pai lhe permitiu condescender do gozo ao desejo, segundo suas palavras: “Quero registrá-la independente de ser minha filha ou não. Eu a adotei e ela me salvou...”.

Já no caso de Artur, a criança por vir surge como um filho de seu narcisismo. Também a vertente do cuidado com o bebê é colocada de forma imaginária, em uma versão materna. Ele realiza um deslocamento da função paterna: ou ele se identifica ao pior do pai, ao pai do mais-de-gozo, ou se identifica com a mãe, tomando o filho como causa, como objeto *a*.

Será que esse fenômeno observado em Artur refere-se a uma mutação da “parentalidade” propiciada pela nova ordem social, na qual prevalece a ilusão da igualdade que faria equivaler mãe e pai? Ou será que é algo da constituição subjetiva e, assim, podemos nos perguntar sobre a função da criança em sua vida?

Lacan, em sua *Nota sobre a criança* (2003c), isola as funções da criança: sintoma do casal familiar e fetiche do gozo materno. Fajnwaks (2013) assevera que, na modernidade, a função da criança ganha ainda uma outra versão: criança *sinthoma*. “O filho está no centro do que reúne dois parceiros, que se nomeiam pais,

independente de seu sexo. É o que designa o termo parentalidade” (Fajnwaks, 2013, p. 3). A partir do caso de Artur, interrogamos uma outra versão: criança fetiche do gozo paterno.

Essas funções isoladas da criança nos levam a perguntar se não há uma posição subjetiva particular desses adolescentes em se tornarem pais tão cedo. Parece-nos ser mais por uma necessidade subjetiva do que fruto do encontro amoroso com uma mulher. A paternidade acontece antes do encontro amoroso; o filho chega antes do que pode ser todo o desencontro da relação sexual, fazendo curto-circuito na imensa tarefa psíquica que o jovem tem que operar no período da adolescência. Por alguma razão de seu narcisismo, esses rapazes necessitaram se tornar pais tão novos, e para cada um deles há uma causa singular.

CONCLUSÃO

A adolescência surge como importante momento em que a contingência de cortes reais estruturantes da complexidade psíquica acontecem, devendo ser considerada como um tempo propício para o sujeito poder fazer uma nomeação própria, isto é, uma reparação do laço entre Real, Simbólico e Imaginário.

Se, por um lado, a adolescência sugere o desatamento do nó que estabiliza a condição psíquica, seja ela borromeana ou não borromeana, por outro ela também se mostra como lugar particular onde o sujeito elabora uma versão paterna, um “Nome do Nome do Nome” (Lacan, 2003e).

Assim, constatou-se, neste trabalho, a importância da adolescência como período singular para a construção de uma nomeação que estabilize o nó borromeano. Para além da sincronia de estrutura, a presença do quarto elo supõe a diacronia de acontecimentos constituintes do sujeito. Não basta o “não” do pai, bem como não basta estar inscrito na metáfora paterna — a adolescência é a oportunidade de o sujeito refazer esse nó, esse “caroço” do Nome-do-Pai, retrazando sua biografia e reparando sua imagem.

Do ponto de vista social, a pesquisa de campo evidenciou a invisibilidade do jovem pai, no contexto da gravidez na adolescência, constatada mediante a falta de registro de sua existência nos protocolos assistenciais durante o atendimento prestado às companheiras no pré-natal, restando-lhes um lugar marginal. Essa invisibilidade do pai adolescente impede que ele seja alçado a uma posição simbólica, na qual possa metaforizar e fazer enigma da contingência da paternidade.

Já no estudo caso a caso, pode-se notar a possível valorização do adolescente que está em vias de ser pai, seja em sua comunidade, onde seu estatuto se modifica, seja por seus próprios recursos psíquicos. Dessa forma, cumpre chamar a atenção dos profissionais de saúde, que atuam nesse âmbito, para a importância do acolhimento a ser prestado aos jovens pais, procurando ressaltar que a paternidade precoce pode representar um momento especial que venha a permitir o enodamento da estrutura psíquica desses sujeitos.

Essa condição de fragilidade se perpetua após o nascimento do filho, pela ausência de informações relativas aos pais na Declaração de Nascidos Vivos (DNV), documento oficial expedido nas maternidades para o registro dos recém-nascidos e

que contêm referências alusivas à mãe, à gestação e ao nascimento de crianças em todo o país. Os dados contidos na DNV irão alimentar as Bases de Dados dos órgãos oficiais, servindo de plataforma para o planejamento de ações em políticas públicas nas áreas sociais e de saúde materno infantil. A ausência de indicações sobre o pai no referido documento, mais do que cercear a possibilidade de se pesquisar os nascimentos ocorridos no Brasil sob a ótica da paternidade, silencia a inscrição do lugar de pai para esses jovens, denotando seu efeito ideológico.

Esta pesquisa nos mostrou, sobretudo, que a contingência propiciada pela paternidade permitiu que os adolescentes passassem de Pai traumático para Pai metáfora, pois, mesmo que esse pai mantenha uma carga imaginária não negligenciável, ela demarca o estabelecimento de um lugar simbólico. Abre-se, desse jeito, a possibilidade de enlaçamento entre a letra de gozo, sozinha, o Simbólico e o Imaginário. Se, anteriormente, eles se encontravam em uma tentativa de enodamento pela via do Real e do ato, a paternidade lhes proporcionou uma oportunidade de fazerem uma metáfora da letra de gozo insana que os empuxava ao pior. Esses jovens se encontravam submetidos ao gozo do Outro, em uma vertente da angústia quando falta a falta, não como sinal do desejo, mas de um gozo no corpo ante a presença maciça do objeto *a* e do Real, daí se salientando, em seus relatos, o pai como pura imagem gozosa.

Pode-se supor que, antes da paternidade, essa presença do pai gozoso comparecia como passagem ao ato. Depois da constatação da possibilidade da própria paternidade, observou-se, em suas falas, um questionamento intenso e recorrente em relação aos seus próprios pais. Os testemunhos apontaram para a dificuldade encontrada por eles de se servirem do pai para a construção de sua própria versão paterna, sendo o pai um ponto crítico convergente em suas histórias.

A chegada da paternidade concedeu aos adolescentes uma ligação desse Pai letra de gozo com um S_2 (Simbólico), dando um sentido (Imaginário) para a letra mortífera que era o pai para cada um deles, ocasionando, ao invés da amarração, um desatamento. Cabe ressaltar que a paternidade lhes serviu de passagem da angústia gozo para a angústia desejo, como uma reescrita da função paterna. Se anteriormente estavam submetidos ao imperativo "amor só de mãe" — frase esta frequentemente tatuada no corpo desses jovens —, a possibilidade da paternidade lhes facultou uma outra inscrição, condescendendo do gozo ao desejo.

Diante da importância de se propiciar espaços de acolhimento das contingências na vida do jovem, esta tese assinala o advento da paternidade na adolescência como uma forma de nomeação, em especial apostando que o sujeito possa inventar novas reparações.

A paternidade pôde franquear com maior prevalência a nomeação imaginária, a partir de sua marca que singulariza o sujeito em um universo das identificações pelo genérico, das expressões de frases feitas e do reconhecimento imediato com o grupo. Observa-se, assim, a necessidade do desdobramento desse trabalho psíquico para se apurar a sua dimensão simbólica, indicando a necessidade da criação de lugares de fala que assegurem um melhor tratamento representativo da posição subjetiva dos jovens.

Cabe advertir ao leitor que as nomeações estudadas nesta tese não devem ser generalizadas, já que a paternidade precoce, tomada como uma possibilidade de enodamento, é apenas uma contingência dentre outras presentes na adolescência.

REFERÊNCIAS

- Alberti, S. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Althusser, L. (1991). Freud e Lacan. In *Freud e Lacan – Marx e Freud* (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal. citado por Rosa, M. D. (2004, setembro). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. In *Revista Mal-estar e subjetividade* [Unifor], 4(2), pp. 329-348.
- Amigo, S. (2007). *Clínica dos fracassos da fantasia*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Amster, P. (2015). *Seminário Da lógica à topologia*. Belo Horizonte, MG: Escola de Psicanálise, realização Aleph, em 20 e 21 abril 2015.
- Ansermet, F. (2007). Procriação. In *Revista Opção Lacaniana* [EBP], 50, 323-326.
- Araújo, M. E. da C. (2014). *A topologia da realidade: Um percurso da realidade psíquica ao sinthoma* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Badiou, A. (1993). *A ética*. Paris, França: Hatier, 1993, citado por Porge, E. (1998). *Os Nomes-do-Pai em Jacques Lacan: Pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Bardin, L. (1991). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Barros, R. do R. (2008). Da massa freudiana ao pequeno grupo lacaniano. In *Psicanálise na Favela*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com grupos: Os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1961).
- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Capanema, C. A. (2009). *As modalidades do ato e sua singularidade na adolescência* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Capanema, C. A.; Vorcaro, A. M. R.; Viana, F. J. M.; Melo, V. P. R. de; Curvelano, A. L. C. & Santos, M. P. G. (2011). *A relevância da paternidade entre adolescentes como função estruturante do sujeito*. Disponível em: <http://blog.newtonpaiva.br/pos/wp-content/uploads/2013/02/E4-PS-25.pdf>
- Cazotte, J. (1992). *O diabo amoroso*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Dafuncho, N. S. (2010). *Inhibición, síntoma y angustia*. Buenos Aires, Argentina: Del Bucle.

- Dafunchio, N. S. (2013). *Seminários: Clínica da sexuação* [Salvador, BA]; *Inibição, sintoma e angústia: Uma clínica nodal das neuroses* [Recife, PE]. Salvador, BA: Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB).
- Deltombe, H. (2010). *Lesenjeux de l'adolescence*. Paris, France: Éditions Michèle.
- Elkin, M. R. (2014). *Despertar de la adolescência: Freud y Lacan, lectores de Wedekind*. Olivos [Prov. Buenos Aires], Argentina: Grama Ediciones.
- Elia, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: Lugar ou excesso? In *Psicologia: Reflexão e crítica* [UFRGS], 12(3), pp. 777-787.
- Elia, L. (2000). Psicanálise, clínica & pesquisa. In Alberti, S. & Elia, L. (Orgs.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos.
- Fajnwaks, F. (2013, março). Famílias sintomáticas. In *Opção Lacaniana online*, 4(10). Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero10/index.html>
- Ferreira, B. E. S. N. (2008). *O lugar do médico e seus impasses a partir da clínica contemporânea da anorexia e bulimia* (Tese de Doutorado). Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Frege, G. (1974). Sobre sentido y significación, In *Escritos lógico-semânticos*. Madri, Espanha: Ed. Tecnos. [Colección Estructura y Función], citado por Amigo, S. (2007). *Clínica dos fracassos da fantasia*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Freud, S. (1907). Intervenção na sessão de 13/02/1907 da Sociedade Psicanalítica de Viena. In H. Nunberg y E. Federn (Comps.). *Las reuniones de los miercoles*. Actas de La sociedad psicoanalítica de Viena (1906-1908). Buenos Aires, Argentina: Ediciones Nueva Vision, 1, pp. 136-139.
- Freud, A. (1995, novembro). Adolescência. (A. M. G. Meira, Trad.) In *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 5(11), pp. 66-72. (Trabalho original de 1958).
- Freud, S. (1989a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 7, pp. 118-238. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho de 1905).
- Freud, S. (1989b). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 11, pp. 147-157. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1910).

- Freud, S. (1989c). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 12, pp. 273-286. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1911).
- Freud, S. (1989d). Totem e Tabu. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 13, pp. 13-191. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1913).
- Freud, S. (1989e). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 13, pp. 281-288. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1914).
- Freud, S. (1989f). Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 16, pp. 375-395. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1916).
- Freud, S. (1989g). Luto e Melancolia. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 14, pp. 271-291. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1917[1915]).
- Freud, S. (1989h). Psicologia de grupo e a análise do ego. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 18, pp. 89-179. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1921).
- Freud, S. (1989i). Um estudo autobiográfico. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 20, pp. 13-92. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1925[1924]).
- Freud, S. (1989j). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 20, pp. 95-201. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1926[1925]).
- Freud, S. (1989k). O mal-estar na civilização. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad.), Vol. 21, pp. 75-171. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original de 1930).
- Freud, S. (2013). Pour introduire La discussion sur le suicide. In P. Lacadée, *La vraie vie à l'école: La psychanalyse à La rencontre des professeurs et de l'école*. Paris, France: Éditions Michèle, pp. 210-212. (Trabalho original de 1910).
- Fuentes, M. J. S. (2003, agosto). Sexo, desejo e devastação. In *Revista Clique* [Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano], 2, pp. 63- 67.
- Gerbase, J. (2008). *Os paradigmas da psicanálise*. Salvador, BA: Associação Científica Campo Psicanalítico.

- Godoy, C. & Schejtman, F. (2011, diciembre). *Anuário de investigações*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, Vol. 18.
- Granon-Lafont (1988). *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Guerra, A. M. C. (2001, janeiro-junho). A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: Um estudo de caso. In *Revista Ágora [UFES]*, 4(1), pp. 85-101.
- Guerra, A. M. C. (2013). O gozo na topologia borromeana. In *Revista Tempo Psicanalítico [SPID]*, 45(1), pp. 39-59.
- Gutierra, B. C. C. (2003). *Adolescência, psicanálise e educação. O mestre “possível” de adolescentes*. São Paulo, SP: Avercamp.
- Gutierra, B. C. C. (2008). *Inícios na clínica psicanalítica do sujeito: O despertar do adolescente e do supervisionando* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Holck, A. L. L. & Vieira, M. A. (2008). Apresentação. In O. M. R. Machado & T. Grova (Orgs.). *Psicanálise na Favela*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Kehl, M. R. (2004). *A juventude como sintoma da cultura*. In *Juventude e sociedade – trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Klein, M. (1975). *Amor, ódio e reparação*. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Lacadèe, P. (2006, novembro). *A modernidade irônica e a Cidade de Deus*. In *Revista Curinga [EBP-MG]*, 23, pp. 35-54.
- Lacadèe, P. (2011). *O despertar e o exílio*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Lacan, J. (1965). *O seminário, livro 12: Problemas cruciais para a psicanálise*. Inédito, citado por Porge, E. (2010). *Lettres du symptôme. Versions de l'identification*. Toulouse, France: Erès.
- Lacan, J. (1986). *Seminario, libro 15: El actopsicoanalítico*. [CD-ROOM]. Buenos Aires, Argentina: Paidós. (Trabalho original de 1968[1967]).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1970[1969]).
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995. (Trabalho original de 1957[1956]).

- Lacan, J. (1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 537-590 (Trabalho original de 1958[1957]), citado por Elkin, M. R. (2014). *Despertar de la adolescência: Freud y Lacan, lectores de Wedekind*. Olivos [Prov. Buenos Aires], Argentina: Grama Ediciones.
- Lacan, J. (1998b). A significação do falo. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 692-703 (Trabalho original de 1958).
- Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 807-842 (Trabalho original de 1960), citado por Elkin, M. R. (2014). *Despertar de la adolescência: Freud y Lacan, lectores de Wedekind*. Olivos [Prov. Buenos Aires], Argentina: Grama Ediciones.
- Lacan, J. (1998d). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1964), também citado por Stevens, A. (2004, novembro). Adolescência, sintoma da puberdade. In *Curinga* [EBP-MG], 20, pp. 27-39.
- Lacan, J. (1998e). A ciência e a verdade. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 869-892. (Trabalho original de 1966).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1958[1957]).
- Lacan, J. (1974[1973]). *O Seminário, livro 21: Le non-dupes errent*. Inédito.
- Lacan, J. (1975[1974]). *O Seminário, livro 22: R.S.I*. Inédito.
- Lacan, J. (1977[1976]). *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de une-bévue s'aile à mourre*. Inédito.
- Lacan, J. (2003a). A psiquiatria inglesa e a guerra. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 106-126. (Trabalho original de 1947).
- Lacan, J. (2003b). Ato de fundação. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. pp. 235-247. (Trabalho original de 1964).
- Lacan, J. (2003c). Nota sobre a criança. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 369-370. (Trabalho original de 1969).
- Lacan, J. (2003d). Televisão. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 508-543. (Trabalho original de 1973).
- Lacan, J. (2003e). Prefácio a O Despertar da Primavera. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, pp. 557-559. (Trabalho original de 1974).

- Lacan, J. (2005a). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1963[1962]).
- Lacan, J. (2005b). Introdução aos Nomes-do-Pai. In *Nomes-do-Pai*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1963).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: O sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1976[1975]).
- Lacan, J. (2008a). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1956[1955]).
- Lacan, J. (2008b). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1969[1968]).
- Lacan, J. (2008c). *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1973[1972]).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1971).
- Lacan, J. (2011, dezembro). A terceira. In *Revista Opção Lacaniana*, 62, pp. 11-36. (Trabalho original de 1974).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário, livro 19: ...Ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original de 1972[1971]).
- Laurent, E. (1998). O modelo e a exceção. In *Revista Correio [EBP]*, 58, pp. 7-12.
- Lavendhomme, R. (2002). *Le lieu Du sujet*. Paris, France: Seuil.
- Lima, D. R. & Rosa, E. L. (2010). O cartel: Pontos fundamentais de sua prática. In *Manual de Cartéis*, Belo Horizonte, MG: Escola Brasileira de Psicanálise-Minas Gerais.
- Lopes, A. G. & Sarué, S. [1991?]. O despertar da primavera: Um tempo lógico. In *Letra Freudiana*, 10(9), pp. 61-69.
- Lopes, R. G. (2007). *Sobre o desejo do analista e o discurso da ciência* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Disponível em <http://www.psicologia.ufri/pdfs/tese_rosalopes.pdf>.

- Lyra, J. (1997). *Paternidade adolescente: Uma proposta de intervenção* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Lyra, J. (1998). Paternidade adolescente: Da investigação a intervenção. In M. Arilha; S. G. U. Ridenti & B. Medrado (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo, SP: ECO.
- Medrado, B.; Lyra, J.; Oliveira, A. R.; Azevedo, M.; Nanes, G. & Felipe, D. A. (2010). Políticas públicas como dispositivos de produção de paternidades. In L. V. C. Moreira; G. Petrini & F. B. Barbosa (Orgs.). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC.
- Miller, J.-A. (1992). *Apertura de las II Jornadas Nacionales: Desarrollo y estructura em la dirección de la cura*. Buenos Aires, Argentina: Centro Pequeno Hans.
- Miller, J.-A. (1993). Jacques Lacan: Observaciones sobre su concepto de pasaje al acto. In *Infatunios del Acto Analítico*. (Colección Algoritmo). Buenos Aires, Argentina: Atuel.
- Miller, J.-A. (1994). *O Cartel: Conceito e funcionamento na escola de Lacan*. S. Jimenez, (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Ed. Campus.
- Miller, J.-A. (2005). Uma fantasia. In *Opção Lacaniana*, 42, pp. 7-18.
- Miller, J.-A. (2006, novembro). A arte do diagnóstico: O rouxinol de Lacan. In *Curinga* [EBP-MG], 23, pp. 15-33.
- Miller, J.-A. (2011). L'être et l'un. In *Orientación lacanienne*, 3(13), Cours. Inédito.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. In *Revista Educação* [PUCRS], 22(37), pp. 7-31.
- Murta, G. A. V. (2007, dezembro). As novas formas do se fazer adolescente. In *Revista Cartas de Psicanálise* [CEPP], 2(2), pp. 56-61.
- Nogueira, M. J; Teixeira, H. A. N.; Martins, A. M.; Capanema, C. A; Barcelos, S. M.; Modena, C. M. & Schall, V. T. (2014, dezembro). "Qualé, papai! Um outro olhar sobre a paternidade adolescente": O uso da fotografia no campo da Saúde Coletiva. In *Tempus, actas de saúde coletiva*, 8(4), pp. 77-93.
- Nominé, B. (1999). Conferência realizada em São Paulo, citado por Vorcaro, A. M. R. (1999). *Transferência e interpretação na clínica com crianças autistas e psicóticas*. Disponível em <www.revistas.usp.br/estic/article/view/60767#>.
- Prado, M. de M. (2011). *Um olhar sobre a paternidade adolescente: Especificidades de uma vivência* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

- Porge, E. (1994). *Psicanálise e tempo*. Rio de Janeiro, RJ: Campo Matêmico.
- Porge, E. (1998). *Os nomes do Pai em Jacques Lacan: Pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Porge, E. (2010). *Lettres du symptôme. Versions de l'identification*. Toulouse, France: Erès.
- Rabinovich, D. S. (1993). *La angustia y el desdeseo del outro*. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Manantial.
- Rassial, J.-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Rosa, M. D. (2004, setembro). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. In *Revista Mal-estar e subjetividade* [Unifor], 4(2), pp. 329-348.
- Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo, SP: Companhia das letras.
- Schejtman, F. (Comp.). (2012). Encadenamientos y desencadenamientos neuróticos: Inhibición, sintoma y angustia. In *Elaboraciones lacanianas sobre la neuroses*. Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- Schejtman, F. (2013). *Sinthome: Ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- Stevens, A. (2000, abril). Nuevos sintomas em la adolescência. In *Revista Lazo*, publicacion de La EOL, seccion Rosario, 4, pp. 49-56.
- Stevens, A. (2004, novembro). Adolescência, sintoma da puberdade. In *Curinga* [EBP-MG], 20, pp. 27-39.
- Strauss, C.-L. (2012). *A Antropologia diante dos problemas do mundo moderno*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Valente, M. B. V.; Medrado, B. & Lyra, J. (2011, julho). Ciência como dispositivo de produção da paternidade: Análise de produções científicas brasileiras. In *Athenea Digital*, 11(2), pp. 57-72.
- Viola, D. T. D. & Vorcaro, A. M. R. (2013, setembro-dezembro). Latência, adolescência e saber. In *Revista Estilos da clínica*, 18(3), pp. 461-476.
- Viganó, C. (2002, setembro) Sobre o Cartel. In: *Manual de Cartéis*. [Entrevista concedida a Chafia Américo Farah]. Belo Horizonte, MG: Escola Brasileira de Psicanálise-Minas Gerais, 2010.

- Vorcaro, A. M. R. (1997). *Sob a vigência da linguagem: Uma aproximação à clínica psicanalítica de crianças* (Tese de Doutorado). Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Vorcaro, A. M. R. (1999). *Transferência e interpretação na clínica com crianças autistas e psicóticas*. *Estilos da clínica* 4(7). Disponível em <www.revistas.usp.br/estic/article/view/60767#>.
- Vorcaro, A. M. R. (2004). *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Vorcaro, A. M. R. (2009). Topologia da formação do inconsciente: O efeito sujeito. In *Revista Estudos Lacanianos* [FAFICH-UFMG], 3, pp. 45-62.
- Vorcaro, A. M. R. e Capanema, C. (2011). O efeito da puberdade na constituição subjetiva: A adolescência e a possibilidade do *sinthome*. In N. V. de A. Leite & J. G. Milán-Ramos (Orgs.). *EntreAto: o poético e o analítico*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Wedekind, F. (1991). *O despertar da primavera*. (2a ed.). (M. A. S. Melo, Trad.). Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora S. A. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).

ANEXOS

Anexo A

TABELA 1

Distribuição das publicações sobre paternidade indexadas no portal da CAPES (teses e dissertações) por campos de saber e período de publicação

CAMPOS DE SABER	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO			TOTAL
	1987 a 1990	1991 a 2000	2001 a 2009	
Psicologia	2	08	80	90
Direito	1	20	37	58
Enfermagem	-	1	18	19
Psicanálise	-	5	07	12
Educação	-	3	11	14
Antropologia	-	2	5	7
Serviço Social	-	1	2	3
Sociologia	-	1	2	3
Psiquiatria	-	-	3	3
Ciências Sociais	-	-	3	3
Saúde Pública ou Saúde Coletiva	-	1	2	3
Comunicação	-	-	2	2
Saúde da Mulher e da Criança	-	-	2	2
Letras	-	-	2	2
Nutrição	-	-	2	2
Interdisciplinar ou Multidisciplinar	-	-	3	3
Fonoaudiologia	-	1	-	1
Ciências Médicas	-	1	-	1
Educação Física	-	-	1	1
Neurociências	-	-	1	1
Filosofia	-	-	1	1
Políticas Públicas	-	-	1	1
Ciências Matemáticas	-	-	1	1
Ciências da Saúde	-	-	1	1
Total	03	44	187	234

Fonte: Valente, Medrado & Lyra, 2011.

Anexo B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Parecer nº. ETIC 353/08

Interessado(a): Profa. Ângela Maria Resende Vorcaro
Departamento de Psicologia
FAFICH - UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 17 de setembro de 2008, após atendidas as solicitações de diligência, o projeto de pesquisa intitulado "**Gravidez na adolescência e a relevância da função paterna: proposta de apoio e responsabilização voltada para pais adolescentes**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto.

Profa. Maria Teresa Marques Amaral
Coordenadora do COEP-UFMG

Anexo C



PARECER Nº 034/2009

Registro CEP/FHEMIG: 034/2009 (este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto).
Data: 26/02/2009

CAAE: 0086.0.287.203-08

Maternidade Odete Valadares.

Pesquisadora Responsável: Carla Almeida Capanema

DECISÃO:

O Comitê de Ética em Pesquisa, (CEP/FHEMIG), após cumprimento das solicitações da diligência, aprovou em 26 de Fevereiro de 2009, o projeto de pesquisa intitulado: "Gravidez na Adolescência e a Relevância da Função Paterna: Proposta de Apoio e Responsabilidade Voltada para os Pais Adolescentes".


Vanderson Assis Romualdo
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

Vanderson Assis Romualdo
Coordenador
Comitê de Ética em Pesquisa / FHEMIG

Alameda Vereador Álvaro Celso, 100 - Santa Efigênia - Belo Horizonte/MG
CEP: 30150-260 - Fone: 0(xx)31 3239-9500 - Fax: 0(xx)31 3239-9579
Site: <http://www.fhemig.mg.gov.br/> E-mail: fhemig@fhemig.mg.gov.br

MOD.SEX/01

Cualé Papai!

Um outro olhar sobre a paternidade adolescente

Exposição Fotográfica

Local: Espaço BH Cidadania / CRAS
Rua São Tomás de Aquino, N°. 640

Data: De 09 a 20 de Agosto de 2010

Futebol e Conversa

Local: Espaço BH Cidadania / CRAS
Rua São Tomás de Aquino, N°. 640

Data: 14 de Agosto de 2010

Horário: 14 às 18 horas

